

Sebastião Elias Milani

Aspectos  
historiográficos-linguísticos  
do século XIX  
*Humboldt, Whitney e Saussure*

©2011 Sebastião Elias Milani

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

---

M5897 Milani, Sebastião Elias

Aspectos historiográficos-linguísticos do século XIX/Sebastião Elias Milani. Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

160 p. Inclui bibliografia.

ISBN:

1. 2. 3. 4. 5.  
I. Milani, Elias Milani.

---

CDD:

### Índices para catálogo sistemático:

- 1.
- 2.
- 3.

IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL  
Foi feito Depósito Legal

**PACO**  **EDITORIAL**

Rua 23 de Maio, 542 - Piso Superior  
Vianelo - Jundiaí-SP - 13207-070  
11 4521-6315 | 2449-0740  
contato@editorialpaco.com.br

*Agradeço ao Prof. Carlos Alberto da Fonseca,  
que me orientou no Mestrado e no Doutorado  
e que me fez corrigir muitas vezes meus textos.*



# Sumário

Nota introdutória.....	7
Sumário das revoluções do século XIX.....	9

## Capítulo 1

Breve panorama cultural do século XIX.....	21
1. A primeira metade do século.....	21
1.1. O tema da liberdade.....	21
1.2. Marcas da evolução literária.....	31
1.3. A evolução da religiosidade.....	46
2. A segunda metade do século.....	51
2.1. As cidades: industrialização, expansão e transportes.....	51
2.2. A simbolização na arte linguística.....	57
2.3. O Nacionalismo.....	62

## Capítulo 2

O estudo da linguagem por Humboldt.....	67
1. Humboldt em seu tempo.....	67
2. A obra e o idealismo.....	69

## Capítulo 3

Os estudos de Whitney: a vida da língua.....	81
1. Whitney em seu tempo.....	81
2. A lei do menor esforço.....	83

## Capítulo 4

Ferdinand de Saussure: a língua em separado.....	95
1. Saussure em seu tempo.....	95
2. A obra e a sociedade.....	97

## Capítulo 5

As rupturas metodológicas e as continuidades conceituais..	109
1. O discurso literário na Era Romântica.....	109
2. A evolução da metalinguagem: língua e linguagem.....	116
3. Outros conceitos.....	125
3.1. Humboldt e o conceito de geração linguística.....	125
3.2. Whitney e as mudanças nas línguas.....	127
3.3. A sistematização linguística na obra de Saussure.....	131
Conclusão.....	135
Referências.....	151

## Nota introdutória

Recentemente tem se configurado, entre os pensadores da Linguística, uma corrente de estudos que se ocupa em analisar e em reaprender os conhecimentos produzidos por seus pioneiros. Esse movimento chamado de *historiografia-linguística* tem colocado em evidência o pensamento de estudiosos que reorganizaram e deram sua contribuição para o conhecimento acumulado nesse domínio científico. Nessa perspectiva, pode-se pensar que bem pouco da ciência contemporânea seja criação pura e simples. Em todos os campos da ciência nada é novidade, mas uma reorganização sistemática e metodologicamente diferenciada daquilo que já existia conceituado.

O objetivo deste ensaio não é elaborar uma teoria do conhecimento linguístico ou explicar uma ou mais teorias existentes. E sim, uma representação, metodologicamente direcionada, dos conceitos de alguns dos maiores pensadores da linguagem, que parece ser a coisa certa a fazer e a dizer. Em primeiro lugar, porque a Linguística atual depende intimamente dos conceitos gerados num passado muito próximo. Em segundo, porque não se alcança uma evolução no presente sem uma compreensão definitiva do pensamento dos antigos. Finalmente, em terceiro, em se tratando especificamente dos teóricos aqui em questão (Wilhelm von Humboldt, William Dwight Whitney e Ferdinand de Saussure), os estudos linguísticos mais avançados da atualidade se configuram em atualizações e amadurecimentos de conceitos que estão presentes de algum modo em suas obras.

A sociedade se comporta como se fosse um organismo vivo com todas as partes interligadas. Assim, todos os setores coexistentes à vida humana participam dessa organização e, acima de tudo, são influenciados por todos entre si. Desse

modo, acontece a compreensão pelos indivíduos dos elementos culturais envolvidos na organização da sociedade que incidem nas novas manifestações culturais, científicas ou artísticas – de modo que qualquer manifestação que surja numa determinada época é sempre a materialização de algum conceito sob a perspectiva ou influência dos outros fatores que integram a mesma época.

Assim, este livro parte da ideia já bastante comum de que toda obra humana só é possível num determinado tempo e espaço, para explicar que os conceitos das três obras apontadas estão intimamente relacionados e refletem os diversos elementos culturais da época em que seus autores viveram. A conceituação linguística desenvolvida por Humboldt pode ser explicada na síntese do pensamento do Classicismo e do Romantismo prussiano: é a idealização da fórmula individual da construção da linguagem. Na época em que esse estudioso viveu, manifestava-se na sociedade uma intensa reprovação aos mecanismos sociais centralizadores, advinda da decepção com os modelos políticos e religiosos dominantes, daí o surgimento da busca interior aos indivíduos de valores que revigorassem a existência humana naquela sociedade. Saussure, por sua vez, foi produto de uma sociedade massificada e industrial, cujos valores predominantes eram os de proteção da coletividade. Sua obra foi composta num período em que as ciências já estavam metodologicamente estabelecidas e os modelos científicos para as ciências humanas eram a Psicologia e a Sociologia. A obra de Saussure recriou, do ponto de vista do estudo da linguagem, o Cientificismo e o Simbolismo, num modelo linguístico em que os valores sociais, de caráter coletivo, predominavam como objetivo para evolução.

A obra de Whitney toca esses dois extremos do trabalho. Ele nasceu durante o auge do Romantismo e foi educado pelo pensamento da Gramática Comparada. A parte mais importante de sua obra está situada entre 1850 e 1875, período



em que o Cientificismo, como fato social, atingia todos os pensadores e, na literatura, o Realismo ganhava forma, repudiando a fantasia e a ingenuidade idealizada dos românticos, preocupando-se essencialmente com o presente e o materialismo. Como neogramático, Whitney teve todos os comparatistas como fonte de pesquisa, incluindo-se aí, como uma de suas fontes básicas, a obra sobre linguagem de Humboldt. Se, por um lado, Whitney estudou Humboldt e os comparatistas, por outro foi uma das mais importantes fontes de pesquisa de Saussure.

### SUMÁRIO DAS REVOLUÇÕES DO SÉCULO XIX

O século XIX é geralmente chamado nos textos que explicam os eventos que nele ocorreram de “o século das revoluções”. Estudar esse contexto não é simples, porque tudo ali parece ser revolucionário. Na verdade, o século XIX caracteriza-se, acima de tudo, pela aceleração do desenvolvimento da sociedade, que sofreu transformações em todos os níveis. Um mecanismo de renovação e distribuição, sobretudo do conhecimento acumulado, fez daquele século uma época em que as sociedades europeias vivenciaram um processo de mudanças mais intenso e constante que nos séculos anteriores.

Para iniciar qualquer reflexão sobre o século XIX é preciso antes ter em mente a importância, para os fatos daquele século, do conhecimento acumulado ao longo dos séculos anteriores e o comportamento social e político do homem em todas as sociedades da Europa e do mundo, principalmente no século XVIII. Parece muito redundante afirmar que as mudanças sociopolíticas e socioeconômicas efetivadas a partir de 1789 são consequências do comportamento humano naquele século. Por certo, não interessa criar justificativas nem relação de causa e efeito, mas é evidente que no contexto do século XVIII está a fórmula da criação do século XIX.

Para simplificar a compreensão dessa afirmação, basta levar em conta a sequência dos fatos da história.

É necessário tornar explícito que qualquer fórmula de pensamento ou princípio de conhecimento que tenha sido materializado em discurso ou em ação no século XIX foi dominado pelas correntes de pensamento do século XVIII. Esse fato não se restringe necessariamente à sequência cronológica dos eventos, mas está vinculado à marcante presença do pensamento filosófico frutificado naqueles cem anos. A essência do pensamento moderno, que permanece como esteio do pensamento humano ainda no início do século XXI, foi inaugurada nesse período. As correntes filosóficas aqui referidas são o Racionalismo<sup>1</sup> e o Empirismo.<sup>2</sup> Também compõem esse quadro os modelos de pensamento do final do século XVIII: o Criticismo<sup>3</sup> de Immanuel Kant e o Idealismo<sup>4</sup> romântico. Essas fórmulas de pensar deram início à sociedade moderna e criaram uma capacidade intelectual que permitiu a transformação geral sem que tudo se deteriorasse pelo choque ou pela incapacidade de compreensão do novo.

O século XIX caracterizou-se pela conscientização dos indivíduos sobre sua aptidão de serem donos de si mesmos e de controlarem aquilo que os cercava. Essa foi a principal transformação, que geraria todas as outras. É bem possível que o termo “revolução” seja o conceito básico para o perí-

---

<sup>1</sup>Corrente filosófica do século XVIII que afirmava a lógica da Razão como o verdadeiro elemento para o progresso humano.

<sup>2</sup>Corrente filosófica do século XVIII oposta ao Racionalismo. Compreende que, na natureza e em sua experimentação, estão as respostas para a existência humana.

<sup>3</sup>Conjunto de obras filosóficas de Immanuel Kant que analisam pelo crivo da Razão, de forma crítica, todos os fatos da natureza corporal e espiritual humana; em todas as circunstâncias estão os fatos racionais como os elementos fundamentais dessa filosofia.

<sup>4</sup>Recriação do comportamento humano segundo valores idealizados, a visualização de um ser humano mais próximo da construção paradisíaca.

odo, porque foi a Revolução Francesa, um evento armado como muitos do período, que marcou, por assim dizer, o início dessas transformações. Desde a Revolução Francesa, que abriu amplas possibilidades de mudanças, cada vez mais elas aconteceram mais aceleradamente durante o século XIX, e muito mais ainda no século XX.

Em 1800, na literatura, iniciava-se o Romantismo, que colocou em questão a estratificação social e os efeitos que os valores sociais tinham sobre os indivíduos. Nesses textos, a religião e as mulheres assumem o primeiro plano das análises. Moralistas e religiosos transformaram as mulheres e a religião em motivo de discussões, uns como determinadores da moral social e, os outros, da íntima relação existente entre a Igreja e Deus — duas circunstâncias que os indivíduos eram induzidos a aceitar. Desse modo, o século XIX foi marcado pelo estudo do indivíduo, porque é no indivíduo que estão sempre os valores morais e religiosos. As mulheres estavam em primeiro plano, porque, em qualquer tempo, são o principal alvo da moral crítica e da religião.

A literatura descobriu existir também na Índia uma concepção divina nos moldes daquilo que a filosofia da época procurava para o homem, ou seja, a busca da perfeição estética. Foi por obra de William Jones<sup>5</sup> que o sânscrito foi conhecido na Europa. A cultura indiana, sobretudo seus valores religiosos, era em muitos pontos atraente: a suavidade e a sensibilidade do ser humano, aspectos ressaltados nos indianos, (está correta a minha escrita, *entendidas* concorda com *suavidade e sensibilidade*) podiam ser entendidas como va-

---

<sup>5</sup>Sanscritólogo inglês (1746-1794). Fundador dos estudos de literatura em sânscrito no Ocidente e primeiro editor europeu de textos nessa língua. Sua divulgação de escritos budistas teve influência notável sobre Friedrich Schlegel e Schopenhauer. Suas traduções da *Śakuntalā*, de *Kālidāsa* (1789), e das *Leis de Manu* (1794) influenciaram as literaturas ocidentais. Foi o primeiro a reconhecer as semelhanças entre o sânscrito e as línguas latina, grega e gótica, o que abriu o caminho para o reconhecimento da comunidade linguística indogermânica por Wilhelm von Humboldt e Bopp.

lores cristãos — Cristo é o (com minúscula, é um referência adjetival, não é uma comparação com Deus, o que seria um absurdo) eus da suavidade e da sensibilidade, e prega a igualdade pelo amor e pela sabedoria. Os românticos, tenham sido eles ficcionistas ou cientistas da linguagem, reconheciam-se plenamente com a língua e a cultura sânscritas.

A questão religiosa era de suma importância para as sociedades europeias do final do século XVIII. A Igreja sempre teve uma relação de absoluto domínio sobre o comportamento de todos os regentes e, em consequência, dos povos. A questão é que, na sociedade europeia de então, existia uma religiosidade de que, assentada no Catolicismo ou no Protestantismo, pregava Deus como punitivo e vingativo, o que conformava um direcionamento religioso completamente oposto aos anseios da revolução moral necessária contra o despotismo dos reis e da Igreja. A religiosidade da Índia mostrava um mundo espiritual diferente desse quadro de punição e com um sentido revolucionário para os padrões europeus da época, bem de acordo com os desejos e pensamentos daquele movimento social que acreditava numa sociedade mais justa e que estava propondo uma revolução no sistema administrativo das nações.

O sânscrito foi amplamente divulgado nos meios intelectuais da Europa na primeira metade do século XIX e estaria completamente conhecido na segunda metade, por europeus e não europeus. Uma perfeita simbiose de necessidade e pontualidade aconteceu entre a cultura e a língua da Índia antiga, e entre a espiritualidade e a intelectualidade do Romantismo. Essa colaboração cultural abriu uma passagem imensa para os europeus na direção do autoconhecimento histórico-linguístico. Esse conhecimento reformulou e revolucionou a metodologia do estudo linguístico, e dessa nova metodologia surgiu a Gramática Comparada.

Os liberais organizaram a Revolução Francesa e, a partir dela, o povo passou a ter direitos que não possuía. A Revolu-

ção colocou em dúvida os valores da Monarquia e expôs seus defeitos. No lugar da aristocracia, no poder com o regime monarquista, assumiu o posto uma burguesia que só era liberal enquanto estava fora do poder.

*No fim do século XVII a burguesia se tornara a classe econômica dominante em quase todos os países da Europa ocidental. Dela faziam parte os comerciantes, os banqueiros, os proprietários de navios, os principais acionistas e os empresários de indústrias. Essa subida ao poder deveu-se principalmente ao aumento da riqueza e à tendência de se aliarem aos reis contra os remanescentes da aristocracia feudal. Mas o poder da burguesia, por enquanto, era puramente econômico. Foi só no século XIX que a supremacia política da classe média se tornou realidade (BURNS, 1977, p. 505).*

Essa nova classe, a burguesia, assumiu e continuou no poder, mesmo depois da Restauração, ainda no século XIX, do regime monárquico por toda a Europa. A austeridade e a flexibilidade manteriam a burguesia no poder e fariam dela um modelo de comportamento a ser seguido e difundido. No entanto, o termo “burguesia” sugere muitas possibilidades de entendimento se o ponto de vista para seu enfoque for cultural, econômico, social ou político. A burguesia é, antes de tudo, o símbolo do século XIX, porque ela fez, pelo poder individual, na organização das classes, a revolução que ocorreu em todos os níveis nesse século.

Com a Revolução Francesa iniciou-se um período em que o povo ganhou vantagens importantes, tais como o sufrágio universal em 1848. Porém, a grande maioria da população era formada por camponeses que tinham o direito ao voto, mas ainda desconheciam em grande medida os valores políticos e não conseguiam se livrar das amarras que o feudalismo impusera. Eles continuavam presos à hierarquia social que existia

desde a Idade Média. Essa grande massa de eleitores não politizados manteve a mesma elite aristocrática e conservadora no poder. Tanto pelo ângulo do desconhecimento quanto pela da crença no poder hereditário, esses eleitores iriam constituir uma enorme dificuldade para as pretensões dos liberais.

A industrialização da Europa provocou duas grandes transformações: aumentou o consumo e as cidades. Ela colocava à disposição do mundo uma grande quantidade de novidades em condições acessíveis para um número muito maior de pessoas, mas essa indústria precisava de mão de obra. Assim, os camponeses eram atraídos para as cidades, que dispararam a crescer. Com as cidades se tornando muito grandes, os problemas sociais, sobretudo relacionados à saúde, tornavam-se muito graves. Intimamente relacionado ao crescimento das cidades estava o crescimento da população da Europa que, em cem anos, aumentou seu número em cinco vezes.

Com a industrialização e a urbanização surgiriam as grandes corporações bancárias, outro grande esteio das sociedades modernas. Os bancos, que até então eram atividades familiares, tornaram-se grandes redes e são um exemplo perfeito do imenso crescimento dos elementos sociais, principalmente a partir da segunda metade do século.

O continente europeu, entretanto, não era mais, por obra dos próprios europeus, o mundo inteiro. O mundo naquele século compreendia também a África, o Oriente e, principalmente, as Américas. O final do século XVIII e o início do século XIX marcaram o final do período da colonização nas Américas e, apesar de o extrativismo continuar a existir, o interesse pelas florestas era progressivamente menor. Os europeus do século XIX estavam fascinados com sua própria capacidade de inventar. *A ciência e suas novidades eram os elementos que norteavam a curiosidade dos indivíduos e jogavam os fantasmas da floresta desconhecida para o rol das fantasias* (DARNTON, 1988, p. 27).

O Romantismo colocava a imagem da mulher em primeiro plano. O que importava não eram os valores femininos e sim, os valores relativos ao comportamento feminino, então colocados em primeiro plano. Desse modo, as personagens masculinas do Romantismo são sempre muito estranhas ao universo da agressividade de macho e de guerreiro das muitas guerras do século. Essas personagens masculinas são frágeis e sensíveis, carentes de afeto e com profundos problemas existenciais e de relacionamento com o mundo que as cerca.

No século XIX aflorou a sensibilidade dos seres humanos. Conseqüentemente, foi o século da primeira rajada de emancipação da mulher que, em regra geral, é mais sensível por natureza. Na demonstração da sensibilidade levada a efeito pela literatura do Romantismo, a religiosidade permanecia ligada às personagens. O Cristianismo perdurava nos corações dos românticos, mesmo que a Igreja, enquanto instituição, tivesse seu poder reduzido.

Em nenhum período na história da humanidade foram travadas tantas guerras e revoluções armadas. A Europa, em nome do patriotismo, teve suas fronteiras modificadas muitas vezes durante o século XIX. O período mais intenso das invasões das fronteiras começou com Napoleão, que expandiu o território da França pela Península Itálica, pelo Norte, pelo Leste e pelo Oeste da Europa. A Península Itálica era formada por uma constelação de pequenos reinos que, antes do final do século, se fundiram numa só nação; o mesmo ocorreu com os reinos germânicos, que se fundiram basicamente em torno da Prússia, formando depois a Alemanha.

Em nome de uma supremacia racial ou bélica, ou por causa de uma ganância sem limites, nações se lançaram umas contra as outras. Muitas dessas guerras foram travadas apenas para testar quem era mais forte ou superior. Pode-se dizer que, de certa forma, o Nacionalismo causou inúmeras

ras guerras durante o século XIX e continuou sendo fonte e causa das desavenças entre os povos no século XX, durante o qual foi um dos elementos responsáveis por imensos genocídios, como as duas guerras mundiais.

Todas essas transformações estão vinculadas, como causa ou como consequência, às modificações no quadro educacional no continente europeu. Pouco a pouco, a população foi tendo acesso às informações que antes estavam restritas, num primeiro momento, à aristocracia e, depois, à burguesia. Foram a educação e a imprensa mais livre que tiraram o povo do domínio dos senhores das terras e fizeram do sufrágio universal a moeda forte do povo contra a submissão e a escravidão. No final do século XVIII e no início do XIX, existia um descontentamento generalizado no povo. Ao lado dessa aparente decepção política, que parece estar no seio da sociedade e que geraria o movimento da Revolução Francesa e das modernizações do século XIX, os europeus descobriram muitas novidades no campo da ciência, da política e do bem-estar social.

Esse clima de descobertas sociais e de esclarecimento dos povos possibilitou os mais diversos estudos. Uma vez que o expansionismo territorial acabara com muitas dúvidas dos homens em relação a sua presença na Terra, surgiram estudos que demonstram que a atmosfera de dúvida sobre a origem do ser humano no mundo perdurava na mente dos povos. Entre esses estudos está o Magnetismo Animal, de Mesmer, que pode ser visto como uma das primeiras incursões feitas pelo homem na tentativa de descobrir e entender a capacidade de sua mente. Segundo Mesmer, que era médico, essa energia (o magnetismo animal) está nos seres humanos, e ele passou a usá-la como tratamento curativo para todo tipo de doenças. Mesmo sendo rejeitado pela comunidade médica,



muito rapidamente Mesmer se tornou conhecido e teve uma porção de seguidores e praticantes do Magnetismo.<sup>6</sup>

O processo de magnetização consistia na transferência de energia cósmica para pessoas doentes através de uma corrente humana. O magnetismo de Mesmer só foi esquecido depois de 1837, quando o Conselho de Medicina francês conseguiu, através do relatório de uma pesquisa por ele encomendada, criar dúvidas sobre as curas feitas pelo magnetismo animal. Porém, desde 1780, quase todos os cidadãos de Paris praticaram o mesmerismo. Escritores como Johann Wolfgang von Goethe, François-René Chateaubriand, Victor Hugo, Honoré de Balzac e Ernst Theodor Amadeus Hoffmann foram mesmerizados. Segundo Darnton, o mesmerismo se constituiu, na época, numa filosofia e até numa religião.

A partir do mesmerismo, novas teorias surgiram relacionando o poder espiritual dos seres humanos e a capacidade de curar. Usava-se a hipnose. Padres faziam magnetização durante missas. Outros modos de energizar os doentes, diferentes dos que foram criados por Mesmer, foram adaptados por diferentes energizadores em muitos lugares. Essas filosofias buscavam na relação com o espírito a explicação para os males dos seres humanos, desenvolvendo assim um conhecimento religioso diferente e paralelo ao da Igreja instituída. Por outro lado, podem ser vistos no mesmerismo fundamentos de estudos psicológicos. Supostamente, Mesmer se aproveitava da sensibilidade das pessoas para receber sugestões psíquicas e as fazia reagir de modo a configurar a presen-

---

<sup>6</sup>Franz Anton Mesmer chegou a Paris em 1778 e anunciou sua descoberta: um fluido invisível que cercava e penetrava todos os corpos. Mesmo que esse fluido não pudesse ser visto; Mesmer chegou à conclusão de que ele devia existir como o meio para a ação da gravidade, visto que os planetas não poderiam se atrair num vácuo. Como era médico, Mesmer passou a aplicar o novo medicamento nos parisienses. Cf. Robert Darnton, *O lado oculto da Revolução*, p. 13 e 14.

ça do magnetismo animal. Supõe-se que Mesmer buscava a cura para doenças e o fazia com os recursos que acreditava serem os melhores. A ausência de uma distinção exata entre o que era mistificação e metodologia científica é que o coloca numa posição duvidosa, mas que não invalida seus esforços.

O mesmerismo não é apenas um representante das tentativas de encontrar soluções para os males dos seres humanos, é também uma demonstração do estado em que estava a sociedade de Paris. Floresceu na França de Luís XVI, num momento em que o povo passava fome e os nobres viviam abundantemente dos privilégios da corte. A sociedade estava ávida por soluções. Nesse contexto, experimentos não menos absurdos que o magnetismo animal eram feitos em praça pública. Esses experimentos, em geral, eram usados como diversão para o povo, mas também eram aceitos como científicos.

O século XIX foi o período em que o homem fez uma grande revolução no conhecimento e alcançou o *status* de centro das atenções.. Deus continuava sendo a maior e a melhor fonte de poder dos seres humanos, mas eles então sabiam que Deus só existe para o homem e por força de sua fé. É desse ponto de vista que a Igreja deixou de ser o próprio Deus e passou para o rol das coisas humanas. Ela foi tornada apenas um símbolo de Deus — passando a ser, desse modo, facilmente questionável. Os homens que faziam a Igreja não eram mais como deuses. Assim, a Igreja perdeu grande parte de seu poder, deixando um enorme vazio na mente das pessoas, que buscavam novas respostas em outras filosofias.

A evolução social sentida no decorrer do século XIX, que foi iniciada na segunda metade do século XVIII, foi fruto da revolução que aconteceu no pensamento do indivíduo. Esse novo pensamento, causado pelo Iluminismo, que discutiu filosoficamente todos setores da vida social e humana, acendeu a discórdia no coração passivo do povo, oprimido durante séculos pelas instituições oficiais do Estado e da

Igreja. O sentimento de revolta, fermentado pelo crescimento intelectual, principalmente entre os franceses, modificou a relação do povo com seus líderes; modificou sobretudo o tipo de respeito que deveria existir. Acima de tudo, diminuíram as distâncias sociais que separavam as classes.

A Razão seria, progressivamente, mais usada para decidir o que era certo ou errado, útil ou não, necessário ou não. Dessa forma, ao longo do século XIX, o indivíduo vai sendo avaliado de duas formas básicas: no início, buscava-se a beleza estética e a perfeição moral; no final do século, eram métodos quantitativos e qualitativos que serviam de base para classificar tudo na sociedade, inclusive o indivíduo.



# Breve panorama cultural do século XIX<sup>7</sup>

## I. A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO

### I.1. O tema da liberdade

Em 1791, Humboldt, então com 24 anos, escreveu, em forma de artigos, quinze textos que foram enviados para amigos em cartas. Os temas abordados eram, principalmente, os da Constituinte francesa, com vistas à elaboração de uma nova Constituição para aquele país. Na verdade, Humboldt comentou a posição do Estado em relação ao cidadão, ou o que ele entendia ser o dever do Estado em sua relação com o povo. Para ele, a garantia da liberdade do cidadão era o principal elemento que justificava a existência de qualquer organismo governamental. A liberdade, nesse caso, é muito mais que um conjunto de direitos assegurados: ela é a razão pela qual um indivíduo deve viver e que o incentiva a viver.

Humboldt estava em Paris naquele ano de 1789. Presenciou os acontecimentos da Revolução Francesa e apontou que, somente naquele país, a revolução seria possível — porque o Iluminismo teria tornado o povo francês o mais esclarecido dos povos ocidentais e o governo monárquico de Luís XVI era o mais descuidado nos assuntos relativos ao bem-estar do povo e de sua situação política (HUMBOLDT, 1946, p. 83).

A grande preocupação de Humboldt ao escrever esses textos era saber se, na Constituição que estava sendo elabo-

---

<sup>7</sup>Este capítulo tem duas partes, que são complementares e fazem parte da mesma concepção discursiva. Na primeira, o material usado foi os ensaios *Escritos políticos*, de Humboldt, nos quais descreve com muita riqueza o movimento cultural em que ele mesmo estava inserido. Na segunda parte, que trata dos assuntos afeitos, ao final do século, foi utilizado material diverso.

rada, seriam mantidos os direitos de liberdade que deveriam ser assegurados pelo Estado ao povo. Isso deve ficar claro: Humboldt não acreditava que o Estado devesse tomar conta da vida dos indivíduos, porque, caso o fizesse, estaria tolhendo a liberdade dos cidadãos.

A Constituinte em questão estava empenhada em fazer uma Constituição atrelada exclusivamente aos propósitos da razão. Fato esse marcadamente relacionado com a filosofia predominante no período: o Racionalismo, que iria cada vez mais, no curso do século XIX, dominar a forma de pensar e de agir dos seres humanos. Para Humboldt, uma Constituição completamente racional excluiria a presença da sensibilidade e seria uma censura aos direitos de liberdade do homem, que não é, jamais, exclusivamente racional. É difícil determinar o alcance da influência das filosofias do século XVIII nessa Constituinte, porque, no texto de Humboldt, é clara uma divisão nas opiniões sobre a orientação filosófica ali atuante. A posição de Humboldt, mero espectador dos fatos, é evidente: nitidamente kantiano e idealista, ele demonstra ter pensamentos intermediários entre o uso da razão absoluta e da experimentação absoluta. Nesses textos, Humboldt se mostra influenciado pelos pensamentos sobre o Estado de Christian Wolff.<sup>8</sup>

Na abordagem do tema, Humboldt seguiu os princípios críticos da filosofia de Immanuel Kant. São os mesmos elementos que Schiller apresentou em suas *Cartas sobre a educação estética da humanidade*: a visão do homem como sensível e racional.

O espírito passa da sensação ao pensamento por uma postura intermediária, em que sensibilidade e razão

---

<sup>8</sup>Christian Wolff nasceu em 24 de janeiro de 1679 e morreu em 9 de abril de 1754. Matemático e físico, tornou-se professor qualificado da Universidade de Leipzig em 1703. Faz-se referência neste trabalho ao texto *Le philosophe roi et le roi-philosophe*.

coexistem ativamente e por isso mesmo desfazem mutuamente seu poder de determinação, alcançando uma negação pela contraposição (SCHILLER, 1992, p. 110). O impulso sensível precede na atuação o racional, pois a sensação é anterior à consciência, e nesta prioridade do impulso sensível encontramos a chave de toda a história da liberdade humana (SCHILLER, 1992, p. 108). Para conduzir o homem estético ao conhecimento e ao elevado empenho moral, basta dar-lhe boas oportunidades; para obter o mesmo do homem sensível é preciso modificar-lhe a própria natureza (SCHILLER, 1992, p. 121).

Humboldt analisou a sociedade e criou uma amostra do comportamento do ser humano do final do século XVIII. Fez, naqueles textos, uma descrição da sociedade da época da Revolução Francesa, mostrando os sentimentos em relação ao conjunto de transformações que estavam sendo instaladas. Seu discurso era o de defensor dos cidadãos contra a ação repressora do Estado. Muito importante nos textos é a amostra que o conteúdo possibilita, proporcionando uma visão sincronizada com os fatos e dos sentimentos em torno dos fatos. Por serem tão descritivos eles podem ser usados como um ponto de partida para uma discussão da evolução dos temas que seriam básicos nos segmentos intelectuais no século XIX.

O que deve ser dito sobre esses textos de Humboldt é que eles descrevem uma Revolução Francesa plena de elementos filosóficos. A visão comumente encontrada nos livros de história sobre esse evento, geralmente descrito como uma ação de força bruta contra uma reação de força bruta, está completamente ausente das observações de Humboldt. O que é legível nesses textos são as imbricações políticas e teóricas na atitude reformista do movimento. A luta armada e a aparente vingança contra a aristocracia não estão presentes na análise do contexto feita por Humboldt. Dessa forma,

pode-se inferir que a revolta armada que destruiu a Bastilha não foi o evento mais importante da realização da Revolução Francesa. Certamente, a parte mais importante da renovação política estava no discurso criado: a educação do povo recriando os valores teóricos referentes ao bem-estar social e a funcionalidade política do Estado.

Assim, são temas naqueles textos a posição social da mulher, as atitudes sexuais humanas e as possibilidades e vantagens nas relações heterossexuais e homossexuais, a educação e o dever do Estado para com a educação do povo, a segurança, o uso da Igreja e das religiões como veículo de formação de opinião, etc. Todos esses assuntos existiam como unidade de vida e de intencionalidade relativa à liberdade de viver que deve ser direito inalienável dos indivíduos, ou melhor, dos cidadãos. O Estado tem e deve ter como objetivo e finalidade assegurar a liberdade aos cidadãos: a guerra, a segurança policial e a delimitação do dever entre os indivíduos são razões que devem existir para o Estado somente com o objetivo de assegurar o direito à liberdade de seus cidadãos.

Não é difícil perceber que Humboldt desejava um Estado controlado pelos desejos dos cidadãos. *A mesma lei que controlava o cidadão comum devia controlar o cidadão com poder.* Para ele, era importante verificar quem na sociedade exercia qual papel e qual parte da nação devia ser chamada a mandar e qual devia ser chamada a obedecer. Desse modo, ficariam determinados os objetivos a que o governo devia estender e circunscrever suas atividades (HUMBOLDT, 1946, p. 88). Esse é, com certeza, um discurso permeado pelos pensamentos que nortearam o movimento político da Revolução Francesa.

Os resultados da Revolução Francesa demonstram que a principal reconstrução do Estado já havia acontecido e a ação destrutiva do evento armado não introduziu alterações. O evento armado foi síntese e definição, e deu o impulso final para que fosse colocada em prática a forma de pensar que



estava interiorizada e assimilada na cultura europeia e, em específico, na cultura francesa. Esse elemento de revolução espalhou-se pela Europa e eclodiu em todos os países. Em quase todos os casos eles eram profundamente filosóficos, mas começaram e terminaram colocando armas nas mãos do povo.

Certo é que o poder exerce mais atração sobre os humanos que a liberdade. A liberdade era, para Humboldt, a possibilidade de exercer uma atividade múltipla e indeterminada. Por outro lado, o poder constituía uma ação real e concreta. Juntando-se esses conceitos, pode-se observar que o poder, para quem o tem, gera a liberdade de fazer e concretizar qualquer atividade. Para quem o delega, no entanto, é fonte de muitos riscos.

O poder e a liberdade são parceiros e contrários de um mesmo panorama social. O poder permite o fazer — por isso é a liberdade. Ele constitui prestígio, que pode existir em função de muitos fatores. Evidentemente, esses fatores não são de ordem muito diferente entre o final do século XVIII e o final do século XX; porém, como Humboldt estava tratando do assunto *Estado*, o poder em questão é a atitude dos governantes da época.

O assunto *Estado* foi tema de muitos textos filosóficos durante o século XVIII. Os racionalistas defendiam um Estado mais aberto e mais voltado para o interesse dos cidadãos comuns. Esse tema foi profundamente explorado por Christian Wolff no texto *O filósofo-rei e o rei-filósofo*. Nesse texto, Wolff explicou as vantagens para uma nação se ela tiver um rei que conheça a filosofia. Wolff acreditava que a intelectualização dos reis faria deles indivíduos melhores, claramente, num sentido estético. Assim, se o rei fosse um indivíduo conhecedor dos valores humanos, ele seria um sábio e poderia servir à nação e aos cidadãos de modo mais adequado aos interesses coletivos.

A instituição *Estado* foi objeto de reflexão também em outras áreas. O inglês Adam Smith, por exemplo, que nasceu em 1723 e morreu em 1790, teorizou em sua obra *A riqueza das nações* sobre a não intervenção do Estado no mercado. Publi-

cada na segunda metade do século XVIII, sua obra instala-se numa interessante situação histórica. Evidentemente, Adam Smith teorizava sobre a indústria nascente. Um de seus pensamentos mais significativos é a teoria da divisão do trabalho. Adam Smith apregoava um Estado mais brando e menos autoritário, que deixasse o próprio mercado decidir sobre os rumos da produção e do consumo. Segundo ele, numa indústria, um trabalhador não deveria executar todas as tarefas, devendo, ao contrário, ser treinado para executar tarefas específicas: essa divisão do esforço aumentaria a produção e reduziria a fadiga.

A posição do Estado, sob a ótica dessa organização de bens econômicos, fica bastante clara. Ao mesmo tempo em que ele não devia intervir na ordem dos valores de produção e consumo, deixando para o mercado a decisão sobre seus rumos, o Estado devia gerir a força excedente do trabalhador. O ponto-chave estava na distribuição das riquezas: o trabalhador estava à mercê da desordem relacionada ao poder — devendo o Estado, por um lado, controlar a exploração do trabalho e da terra, porque desse modo estaria protegendo o produtor, e, por outro, deixar o mercado decidir sobre seus rumos, porque, interferindo no mercado, estaria protegendo o dono das terras e não o trabalhador. Ao que parece, todos os pensadores do Iluminismo se voltavam para a posição incômoda e submissa do cidadão comum subserviente que salta aos olhos em todos os pensadores do Racionalismo. A ausência de liberdade do indivíduo incomodava a todos os que queriam, na estrutura da sociedade, uma relação de poder menos totalitária e escravagista. O Estado, nessa ordem de valores e posições políticas, deveria preocupar-se em proteger a sociedade contra os ataques externos, estabelecer a justiça e manter obras assistenciais e instituições pelas quais a iniciativa privada não se interessasse.

Para Humboldt, não havia, de forma concreta, nenhuma possibilidade de liberdade sem uma concomitante preparação

cultural. A liberdade, como qualquer outro elemento social, é um fato de cultura; logo, o povo deve ser instruído a ser livre e a respeitar a liberdade do outro. A função do Estado, nesse sentido, é realizar a transformação cultural que concretize o desejo de liberdade. O Estado deve, então, realizar o intento de construir o elemento lei; criar no povo o conhecimento dessa lei; instruir o povo a acreditar nela e, acima de tudo, ser exemplo de respeito às leis que instituiu. Pode-se notar que existe no povo, uma intrínseca relação entre o grau de conhecimento, o respeito à lei e o desejo de liberdade, porque a liberdade não existe sem o respeito aos limites da lei.

Se não existir um devido equilíbrio entre esses elementos, certamente a liberdade se constituiria num grande problema para a manutenção dos direitos dos cidadãos. Assim, a conclusão óbvia é que a educação do povo é o melhor meio de lhe assegurar a liberdade. A relação entre lei e comportamento norteou todo o pensamento filosófico do período. Indiscutivelmente, a sociedade moderna nasceu do exercício institucional e político vingado no final do século XVIII. A evolução da humanidade nas fases subsequentes demonstra que, após essa ideação, o que se fez foi colocar em movimento, de forma acertada ou não, as propostas sociointelectuais idealizadas na ebulição do Iluminismo e do Romantismo. De certa forma, a humanidade continua presa aos mesmos ideais desse período: a necessidade de cultivar, na intelectualidade humana, uma capacidade superior de compreensão de tudo que o cerca.

Humboldt, no entanto, não estava discutindo o elemento cultura como fator de respeito à liberdade. Existe, em seu texto, uma discussão sobre a razão de se insistir no direito à liberdade que todo cidadão tem. O grau de cultura que ele disse existir no meio social do final do século XVIII permitia ao povo exigir mais liberdade: com a razão, a liberdade podia ser exigida e, com a razão, ela devia ser concedida. Esse grau de conhecimento alcançado pela sociedade, que gerou

no povo o desejo de ser mais feliz, era motivo de orgulho de si mesmos entre os iluministas.

Apregoava, em todos os textos, uma forma ideal para as coisas: uma evidente marca da cultura idealista que caracterizava as formas de pensar do Classicismo e do Romantismo prussianos e do Romantismo francês. Seu conceito de linguagem está sempre relacionado a uma capacidade ideal de seu exercício – o que não significa, no entanto, o desconhecimento da real capacidade de produção linguística dos indivíduos. É certo que o idealismo estético do movimento romântico apresenta uma unidade em todos os setores do conhecimento então produzido. Entretanto, Humboldt explicou a formulação do discurso de um ponto de vista de idealização da capacidade de produção do discurso. Por outro lado, a produção literária de ficção do período criou um idealismo estético para as formas humanas, ou seja, as personagens. A perfeição para os sentimentos do indivíduo que a literatura procurava é moral e estética. Humboldt afirmou que um indivíduo alcançaria um discurso mais perfeito a partir do aperfeiçoamento estético, moral e filosófico. Ele associava claramente o aperfeiçoamento estético, moral e filosófico ao exercício continuado da educação através, acima de tudo, da escola.

São exemplos dessa forma idealista de pensar na literatura os discursos de Goethe em *Fausto*, de Chateaubriand, em *Átala* e *René (Renato)*, de Schiller, em *Maria Stuart*, de Hoffmann, em “O Vaso de ouro”, de Stendhal, em *O vermelho e o negro (O vermelho e o negro)*, etc. Nas personagens desses autores, sobretudo nos heróis, está a perfeição moral, mas elas são sempre superiores às outras também por qualidades como inteligência, bondade, esperteza, pureza, beleza, etc. Fausto, a personagem de Goethe, é um indivíduo que superou o conhecimento terreno e tenta alcançar, apesar de suas limitações, o espaço desconhecido da espiritualidade. É a obra perfeita que, feita à semelhança de Deus, não suporta não O conhecer.

Chateaubriand, em *Átala*, pela personagem Padre Aubri, revela a imagem do verdadeiro Cristianismo, que é pleno somente nos humildes e pobres de espírito. Nesse caso, também nos outros, o sentido criado é de pura contestação. Os sentimentos despertados no texto criam uma imagem muito negativa do modo como era conduzido o Cristianismo dentro do texto de Chateaubriand. A ilusão e o sofrimento das personagens são deflagrados e destruídos pelo falso conhecimento do Cristianismo que Chateaubriand inclui na representação ensejada por suas personagens. Fica clara nesse texto, no entanto, uma distinção entre um bom e um mau Cristianismo; logo, uma forma perfeita e uma forma deformada do mesmo objeto.

Em “O vaso de ouro”, de Hoffmann, a natureza fala com os mais sensíveis. A personagem Anselmo, por ser muito sensível, ouve e vê manifestações da natureza que estão ocultas para outras personagens.

Stendhal, através da personagem Abade Pirard, descreve Julien Sorel como um ser evidentemente superior aos outros. Nesse caso, é bastante claro o fato de a perfeição interna refletir na forma externa. Julien Sorel tem, nos olhos, uma força que atrai e afasta os outros. Ele também tem uma capacidade intelectual muito especial, inteligência que fica evidente em seu contato com as outras personagens. Stendhal criou um ser que estava num plano espiritual superior aos outros, e dessa superioridade nasce a rejeição.

Para Humboldt, há uma relação lógica entre a diminuição da atuação do Estado e o aumento da ação dos cidadãos, ou seja, a diminuição da influência da vida pública na sociedade aumentaria, na mesma proporção, a liberdade privada. Todo idealismo parece ser sempre muito ingênuo, apesar de ser criado por seres humanos e estar relacionado com eles. Evidentemente, essa proposta de maior respeito ao cidadão é resultado da assimilação pela sociedade do Romantismo dos pensamentos filosóficos iluministas.

Vivendo num Estado cuja lei fosse perfeitamente respeitada, nenhum cidadão se sentiria perturbado em seus direitos. Porém, caso fosse perturbado, não temeria o descaso da justiça e teria como fazer valer sua razão. Não há como não relacionar segurança e liberdade: *a segurança é a certeza da liberdade concedida pela lei* (HUMBOLDT, 1946, p. 137).

A lei, porém, tende a ser um princípio que danifica o equilíbrio natural entre os indivíduos. Esse dano causado pela lei é devido ao julgamento feito do comportamento do outro. Não há, segundo Humboldt, melhor condicionamento de vida que aquele que esteja de acordo com os elementos da natureza. Regularizar o comportamento dos seres humanos é agir contra sua natureza e seu instinto, contrariando os elementos de equilíbrio natural. No entanto, o comportamento deve ser regularizado em função da necessidade de viver coletivamente que está no comportamento dos homens. Logo, o papel do Estado é regulamentar os agrupamentos para que haja liberdade.

Nesse ponto das reflexões de Humboldt pode-se observar uma evidente mistura entre as filosofias racionalista e empirista. Ele desejava um Estado que fosse organizado pelos princípios da razão, mas argumentou que a natureza e a atitude, independente da natureza humana, deveriam ser preservadas. A forma racional tendia a predominar, mas na opinião de Humboldt, se ela predominasse completamente, não deixaria espaço para a liberdade individual. Parece lógico pensar que *nenhuma indústria ficaria parada por causa alguma se os homens fossem livres* (HUMBOLDT, 1946, p. 134). Mas para que os homens sejam realmente livres, os argumentos de Humboldt devem ser completados: os homens deveriam se tornar “perfeitos”, ou seja, “deixarem de ser humanos”.

O fio que liga todos esses fatores relativos à liberdade fecha um círculo – ou seja, os cidadãos devem estar livres de todos os vínculos opressivos para que possam procurar uma sociedade em que exista um número cada vez maior de acor-

dos livres e espontâneos. Esse equilíbrio social é necessário e deve existir por causa do hábito dos seres humanos de viver em agrupamentos. Ao Estado, fazendo uso de leis, caberia intermediar aqueles casos em que o acordo espontâneo entre as partes não fosse possível.

## 1.2. Marcas da evolução literária

Romantismo, especificamente, não foi um movimento de ideias estéticas só para a literatura, mas abrangeu todas as vertentes artísticas e científicas, ou de outra natureza, que faziam parte daquela época. É por ser tão abrangente que sua definição é tão complexa. Ele transcende o campo literário e até mesmo artístico e atinge o âmbito da convivência total do ser humano. Em síntese, a literatura do Romantismo europeu reflete a estrutura total da sociedade da primeira metade do século XIX, período marcado por mudanças políticas que podem ser consideradas como a inauguração do pensamento moderno.

O Romantismo é marca da mudança de atitude do homem em relação ao homem. Desde esse movimento não houve mudança de pensamento tão significativa. Por isso, é possível afirmar que os seres humanos ainda estão vivendo a Era Romântica,<sup>9</sup> ou ainda, que só acontecerá outra mudança tão significativa quando o homem se tornar espacial —ou seja, a Era Romântica só será substituída pela Era Espacial.

O Romantismo foi um movimento de muitos estilos. Pode-se dizer que foram muitos os Romantismos e que cada

---

<sup>9</sup>Período iniciado no último quarto do século XVIII e que ainda perdurou até o final do século XX. Neste trabalho, refere-se mais especificamente ao período pré-romântico e romântico da literatura francesa e, na literatura alemã, aos movimentos chamados *Sturm und Drang*, clássico, romântico e jacobino. Deve-se compreender que não é uma referência exclusiva à literatura, mas compreende toda a cultura produzida em forma de arte, política, economia, ciência, etc.

nação teve seu Romantismo. Em cada uma das nações em que floresceu o pensamento romântico, as características que o movimento assumiu o identificam como um movimento de estilos localizados. Porém, o Romantismo, como movimento de ideias e fatos sociais, tem características universais. Assim, a literatura mundial posterior a 1780 apresenta características comuns, frutificadas e amadurecidas a partir do movimento iluminista do século XVIII. Toda essa literatura traz as marcas das filosofias desenvolvidas nesse século: o Racionalismo, o Empirismo, o Idealismo, o Criticismo de Kant, etc. De uma forma geral, todo o pensamento produzido a partir de 1780 foi marcado pelo conjunto dessas ideias, por afirmação ou por negação, seguindo uma ou outra corrente, mas todos os pensadores desse período estiveram fortemente influenciados por todas elas.

É difícil, sobretudo quanto aos alemães, colocar toda a literatura posterior a 1780 num mesmo grupo de características comuns. Toda essa literatura, porém, pode ser lida indistintamente como literatura revolucionária: tanto com intenções de fomentar a revolta e fazer a transformação política, à moda da Revolução Francesa, quanto do ponto de vista das ideias e da transformação do indivíduo. Mas se é difícil agrupá-la pura e simplesmente, nela pode ser vista uma evolução clara e contínua, numa mesma direção, de alguns temas, o que demonstra a coerência dos anseios e desejos de todos os indivíduos da época.

Na Alemanha, o período 1789-1830, aproximadamente, é chamado de *Kunstperiode* (“período da arte”). Nele estão incluídas as literaturas do Classicismo, Romantismo e Jacobinismo. Interferem nessa classificação alguns fatos históricos de cultura, economia e política, entre os quais a influência de Goethe, que morreu em 1832. Esse período, porém, foi caracterizado de forma geral por transformações significativas no plano político, no sentido de instigar ou repudiar a



revolução armada na Alemanha. Por outro lado, foi caracterizado pelo impulso da indústria e, conseqüentemente, pelas mudanças urbanas e pela criação de uma nova classe, a classe trabalhadora. Como nos outros países da Europa, foi o período da substituição política da aristocracia monarquista pela burguesia industrial e urbana.

Essa literatura, aqui chamada genericamente de Romantismo, revela-se como um movimento intelectual em direção aos desejos dos indivíduos. Os pensadores criaram formas e construíram sentidos que revelam uma ânsia por uma renovação no caráter dos homens. Em muitos textos, a reforma está na virtude particular de algumas personagens que são capazes de se entregar à morte para manter a pureza da alma; em outros, a redenção e o perdão dos erros são a transformação que as personagens devem fazer acontecer em si e no mundo para que haja a paz. Muitas obras dão forma a esses sentimentos, representando um ser que, comparado a outros, é vitimado por não ser destruidor; quando esse indivíduo causa destruição, isso acontece sempre por ingenuidade, e nunca por maldade. O herói, no entanto, quase sempre é destruído pela maldade (egoísmo, ambição, inveja, maledicência, etc) da inteligência humana.

Quando se estabelece uma relação de interdependência entre, por um lado, a representação artística literária, a criação de personagens e de efeitos significativos e, por outro, a sociedade e seus fatores concretos, pode-se entender e encontrar relações de profunda interferência, sobretudo de parte da sociedade e seus fatores na criação e representação artística. Assim, a mulher é, frequentemente, tema dos textos do Romantismo. Ela, que naquela sociedade se encontrava em situação de submissão, era, por isso, sempre objeto de expiação social. Essa característica de levar as personagens à expiação de pecados nem sempre seus, é elemento básico da obra literária do Romantismo. A exploração de

personagens femininas tem fundamentação na sociedade, e a revolta dessas e outras personagens a elas relacionadas dentro do texto está perfeitamente concatenada com o desejo de liberdade e com a elevação dos indivíduos para o centro das atenções sociais que a filosofia pós-Iluminismo do Romantismo anseia ver realizada.

Existia, nesse período, na sociedade em geral, uma clara insatisfação com tudo o que cercava os indivíduos. Historicamente, sabe-se que, no período antecedente, o homem e cidadão comum, elemento básico da composição do Estado, estava em segundo plano social. Essa condição dos cidadãos acontecia sempre por força do despotismo político, comum nos regimes totalitários, aristocráticos e centralizadores da época, nos quais a Igreja tinha participação e colaboração intensas, pregando um Deus vingativo e tão déspota quanto os imperadores. Esses regimes legavam ao povo o nível mais baixo da escala dos bens sociais.

Foi contra esse despotismo político, que gerava a desigualdade social, que nasceu o homem da Era Romântica — perfeitamente iconizado na Revolução Francesa que, desse ponto de vista, é o marco básico do resultado da transformação que o ser humano sofreu no Século das Luzes e que o tornou muito mais atuante e consciente de seu direito à liberdade.

Essa literatura, em todo o seu desenvolvimento, em todos os países e em todas as suas características, apresenta uma tentativa consciente de fazer uma comparação entre os seres humanos. Em todos os seus aspectos, as personagens sempre estão em oposição a outras personagens. Essa característica é muito clara entre os autores do Romantismo alemão e francês, mas estão também na consciência dos autores do Classicismo alemão, quando eles construíram personagens que são exemplos de perfeição, ou mesmo quando demonstraram que o indivíduo pode e deve melhorar e ser melhorado esteticamente. Humboldt deixou esses conceitos em seus estudos políticos e

lingüísticos e Schiller os deixou nos seus estudos filosóficos e nos textos de ficção, por exemplo, em *Maria Stuart*.

Pode-se dizer que a Era Romântica, iniciada pelos movimentos pré-românticos, é o período da ascensão política da mulher. A Igreja Católica, durante toda a sua existência, distinguiu a posição das mulheres em relação à posição dos homens: as mulheres têm papéis diferentes dos papéis dos homens, o que é compreensível pela natureza física dos dois sexos; porém, os cargos que as mulheres exercem na hierarquia religiosa são infinitamente inferiores aos dos homens.

Foi nesse modelo filosófico cultural que se tomou consciência da capacidade de criação das mulheres, como mostrou Humboldt quando analisou as possibilidades desperdiçadas pela sociedade ao colocar a mulher, em quase todas as circunstâncias, em posição inativa. Desse modo, pode-se perceber que, na sociedade ocidental, tinha início uma abertura para as mulheres mostrarem sua capacidade criativa e intelectual. Foi no tempo dessa literatura que a possibilidade de evolução sociopolítica começou a ser dada à mulher. Assim, o papel feminino, no início da Era Romântica, ganhava uma ampliação e, cada vez mais, a mulher assumiria uma parte maior do controle da humanidade.

Não é difícil deduzir que a mulher estivesse em condições bem menos favoráveis que os homens no final do século XVIII; no entanto, nesse período surgiram discursos em favor da mulher. No caso de Humboldt, o discurso não é completamente isento de razões masculinas; porém, ele realçou as qualidades e procurou explicações para os defeitos femininos na condição de ser humano, sem estar baseado numa suposta inferioridade feminina.

Para Humboldt, nenhum ser que fosse sábio desprezaria a força em razão da intelectualidade, nem desprezaria a intelectualidade em razão da força: ele, *esse verdadeiro sábio, encontraria um equilíbrio entre essas qualidades dos seres hu-*

*manos* (HUMBOLDT, 1946, p. 80). Ambas as qualidades têm seu lugar assegurado no mundo e jamais uma poderia prescindir da outra, porque dificilmente as duas poderiam habitar o mesmo indivíduo.

Na visão dessa filosofia, a mulher estava muito mais próxima da idealização sensível que o homem. Segundo Humboldt, a condição de submissão gerava a sublimação de desejos e ansiedades, criando uma capacidade muito maior de observação e aceitação do outro. Humboldt citou Goethe: “O homem tende a ser livre, a mulher, a ser moral” (HUMBOLDT, 1946, p. 109). Nessa frase, verifica-se um comportamento relativo ao fator físico determinando o comportamento moral. Na sociedade humana, como nos agrupamentos de animais irracionais, o macho (condição física de macho) sempre é mais volúvel que a fêmea — independentemente do treinamento para a volubilidade que o macho (ser humano) recebe da sociedade. Valeria dizer que, na sociedade do final do século XVIII, provavelmente esse comportamento fosse uma prática comum: os homens muito mais livres do que as mulheres.

Segundo Humboldt, o homem preocupa-se com o acerto das fronteiras externas a si mesmo e procura cada vez mais expandir o espaço físico e moral a sua volta. A mulher, por sua vez, ao contrário, está ocupada com as fronteiras internas, essas que são de altíssima importância para o desenvolvimento das características humanas. As mulheres são capazes de delinear com maior precisão os limites existenciais porque são mais sensíveis e raciocinam através da sensibilidade. Por isso, invariavelmente, os relacionamentos sentimentais são muito mais afeitos às mulheres, porque elas estão mais capacitadas que os homens para relacionar fatos e comportamentos com situações.

É importante notar que, em termos de descrição dos papéis femininos e masculinos dentro da sociedade, não

houve mudança no condicionamento arbitrário imposto pela sociedade, nem para as mulheres nem para os homens até o final do século XX. A realidade demonstra que os papéis cumpridos socialmente continuam sendo de caráter específico, sendo esses papéis cumpridos por um homem ou uma mulher. De qualquer forma, ao longo dos séculos XIX e XX, indubitavelmente, muitos homens executaram tarefas antes exclusivamente femininas e mulheres executaram tarefas antes exclusivamente masculinas.

Deve-se ressaltar que, nos textos românticos, as personagens masculinas estão muito próximas da sensibilidade característica das figuras femininas. E isso é importante porque essas características são sempre qualidades – o que confirma a existência de um sentimento, entre os pensadores dessa fase, de que a mulher deveria ser mais bem integrada na sociedade. Então, pode-se dizer que a Era Romântica é a era da sensibilidade e, como a mulher é muito mais sensível, é o período da “valorização” das qualidades da mulher.

O sentimento de elevação dos valores da mulher na Era Romântica pode ser observado na criação das personagens femininas. O efeito criado representa os sentimentos e as angústias que, provavelmente, o artista depreendia do meio social. Obviamente, deve-se crer, com relação a esse ponto, numa maior capacidade, nos artistas, de observação e valorização dos seres oprimidos, para que se possa confiar numa refração do mundo dos sentimentos reais no mundo dos sentimentos fictícios. Assim, a evolução do papel da mulher na literatura pode ser representada com uma comparação dos modelos de personagens femininas desenvolvidos entre 1780 e 1850. Começando com *Virginie de Bernardin de Saint-Pierre (Paul et Virginie, 1780)*, passando pela *Atala de François-René Chateaubriand (Atala, 1801)*, pela *Senhora de Rênal de Stendhal (O vermelho e o negro, 1830)*, a *Senhora de Bargeton de Honoré de Balzac (Ilu-*

*sões perdidas*, 1840) e terminando com a Senhora Bovary de Gustave Flaubert (*Madame Bovary*, 1850).

A mulher representada no texto de Stendhal é a mesma mulher que apareceria no Realismo de Flaubert. A mulher romântica do texto de Stendhal é traidora, ardilosa, falsa, déspota e, sobretudo, hipócrita, mas é religiosa e ingênua – enquanto a mulher realista de Flaubert só tem defeitos. O que, na verdade, aparece de realista no texto de Stendhal, não é propriamente uma antecipação do Realismo, mas um processo natural de incorporação à literatura de fatores que caracterizam a sociedade. Os fatores socioculturais que no tempo de Flaubert estariam no centro da discussão literária, porque eram os temas predominantes naquele momento, em 1830 eram fatos sociais nascentes.

Então, a representação da mulher, que demonstra o foco de interesse do artista e cria o efeito de sentido que iconiza os desejos e as fantasias da sociedade, estava muito diferente desde Bernardin de Saint-Pierre. *Virginie* (1788) é apenas uma mulher perfeita, virginal e virtuosa. Ela é uma branca que emigrou para as regiões de exploração colonial – porém, é muito ingênua e nada questiona. *Átala* (1801), de François-René Chateaubriand, é a mulher religiosamente virtuosa, mas, por desconhecer a verdadeira natureza da virtude, sua religiosidade a mata, como matou *Virginie*. Ela é filha da mistura de branco-espanhol com índio – portanto, metade selvagem e metade civilizada, fruto da descoberta e da colonização de novas terras. *A Senhora de Rênal* (1830), em Stendhal, é tão falsa quanto virtuosa, tão desapegada quanto materialista e déspota, tão apegada aos valores do marido quanto aos do amante; é completamente urbana e civilizada. *A Senhora Bovary* (1850), de Flaubert, é somente falsa, cruel e traidora. É bem-nascida, porém, infeliz, interesseira e apegada aos prazeres que só a matéria pode oferecer; é completamente apegada aos valores do amante e, como a Senhora

de Rênal, gosta do meio social urbano. Enquanto a Senhora de Rênal ainda mantém uma imagem de pureza santa, a Senhora Bovary é plena dos defeitos dos seres humanos.

Virginie morreu para não deixar de ser pura virgindade. Átala encontra a morte quando se apaixona por Chactas. A Senhora de Rênal conduz o homem que a ama para a guilhotina. A Senhora Bovary é forte e superior; tem amantes e assume sua culpa; por ser dona de si, não permitiria que alguém a condenasse e por isso prefere o suicídio. Entre as duas últimas está a Senhora de Bargeton (1840) de Honoré de Balzac: ela é da sociedade, é fina e rica, casada, e todos esperam que tenha amantes; se os tiver, deverá ser discreta e manter as aparências a qualquer custo. Assim, a Senhora de Bargeton prefere ser casada com um homem igual a ela e ter amantes a casar-se com um de seus amantes. Não há condenações de morte em Balzac, como não há em Flaubert – desde que as aparências sejam mantidas. A Senhora de Bargeton é fraca e deixa a sociedade conduzir sua vida; ainda é uma mulher romântica em comparação com a Senhora Bovary, que conduz a própria vida e a própria morte.

Através dos textos de ficção escritos durante os períodos clássico e romântico alemães e o romântico francês, pode ser percorrido o processo de evolução de alguns setores da sociedade. Além da criação da mulher ideal e da relação idealizada entre os seres humanos, pode-se observar, em alguns desses textos, a importância dada à Igreja dentro da literatura. O conceito de religiosidade na sociedade europeia se modificava e possibilitava novas explicações do ponto de vista espiritual para a presença do homem na Terra. Assim, os textos apresentam a religião sob pontos de vista variados: a literatura inventou ou reorganizou uma Igreja que possibilitaria a existência confortável na sociedade daquele ser humano. Inevitavelmente, demonstrando certo questionamento sobre o comportamento da Igreja e dos religiosos, o Romantismo

criou uma imagem, sobretudo do cristão, que questionava a forma real desse componente da sociedade.

Nenhuma questão escapa ao Romantismo. Hoffmann, de 1812 em diante, criou uma atmosfera fantasiosa sobre a mente humana e a relação que se começava a ter com a ciência, que pode ser tomada como representação do interesse e do desconhecimento do ser humano sobre essas questões. Essa capa psicopatológica dada às personagens, cria um efeito de sentido que poderia ser relacionado ao pensamento e principalmente ao interesse dos europeus no tocante ao misticismo – que parece ter sido característica importante do europeu da época e arrefeceu durante o século XIX com a evolução do racionalismo. Toda a construção literária do Romantismo prisma por representar simbolicamente os sentimentos dos seres humanos a partir de uma análise profundamente subjetiva. Esse elemento de expressão do conteúdo, por meio de sugestões materializadas em personagens e fatos, perduraria no contexto literário do Realismo e do Simbolismo.

No Realismo, os elementos literários são instalados no discurso como metonímias da realidade e do próprio discurso. Na literatura realista, a forma ou o tipo articula uma imagem do todo. Esse processo não é de tradução do real, mas o afastamento total do subjetivo da pena do escritor, professando o respeito pelos fatos materiais e objetivos. A composição das personagens do Realismo era sempre inspirada na observação obstinada da realidade. A construção dos sentidos é feita pelo destaque de fatos muito próximos do real, isto é, a verossimilhança da narrativa com a natureza das coisas é a mais detalhista que se possa imaginar. Essa veracidade, sob a perspectiva psicológica, faz imaginar, com uma perfeita objetividade, sentimentos, ideias, hábitos linguísticos e formas físicas. Dessa forma, o percurso das ocorrências na história das personagens apresenta lógica perfeita de causas e consequências. Trazem marcas em



sua personalidade, em sua história e em sua educação, que determinam qual será seu fim.

A elaboração das personagens do Realismo, por sua precisão, complexidade, e muito mais pela perfeita objetividade de seus atos individuais, transcende o plano da simples individualidade para o plano do universalismo mimético. Assim, são sempre tipos universais, completamente comuns entre os seres das sociedades de que nasceram.

Quando o artista se cansou do real absoluto e desgostou do mundo massificado e racional que o cercava, o símbolo e a metáfora ganharam a arte. Nessa nova expressão artística, o idealismo do pensamento desenvolvido na arte do Romantismo e o próprio processo de simbolização da linguagem tornaram-se os objetivos da arte literária. Nesse momento, ela passou a se chamar Simbolismo. O Simbolismo é a exploração da forma concreta como representação idealizada da relação do indivíduo com o real.

O Simbolismo surgiu da reação contra o materialismo e o objetivismo do Realismo. Nele, o artista buscava, na relação com o mundo, elementos que justificassem a existência humana, donde valorizar e recuperar valores individualistas e idealizados, rejeitados pelos realistas e característicos nos românticos. Em verdade, o Simbolismo explora os recursos da própria linguagem; age na forma pura e simples do discurso, exercitando a metáfora.

Na pintura, o Simbolismo resultou na mistura das cores básicas que forma imagens do real sob o ângulo que levou o artista a registrar aquela forma. Impressionistas, como são chamados, esses pintores queriam a forma do real misturada aos sonhos, aos desejos e às desilusões dos seres humanos. Nessa pintura existe uma insistente busca por uma renovação na forma de instalar a imagem na tela: o que melhor caracteriza o exercício da pintura impressionista é a pesquisa que os artistas empreendiam para criar um discurso novo na linguagem da pintura.

Depois de Eugène Delacroix, no início, e Gustave Courbet, em meados do século XIX, o Impressionismo, que surgiu da arte de Edouard Manet, é mais uma página do caráter revolucionário que a arte da pintura assumiu durante todo o século. Manet e seu grupo estudavam as formas de pintar e redefiniam como fazê-las, eliminando aquelas que não atendiam aos anseios da pintura impressionista. A principal mudança foi o completo abandono do estúdio. Dessa mudança, outros elementos tornaram-se as personagens centrais, tal como a luz. Além disso, buscando os motivos ao ar livre e no efeito que a luz tinha ao incidir nas coisas, tudo poderia ser motivo para uma pintura.

Claude Monet, por exemplo, representa bem a necessidade de converter a pintura em algo novo. Estava cansado da forma extremamente definida da pintura e passou a exercitar uma forma que pudesse demonstrar a força do olhar humano. A partir desse princípio, passou a fazer o registro do espaço – motivo da pintura – da forma como o olho humano captaria a imagem num único lance. Esse seu exercício de estudar o efeito da luz sobre as coisas valeu a homenagem de Manet. Sua técnica exigia o abandono completo do estúdio; ele acreditava que a pintura sempre devesse ser terminada em frente ao motivo, o que exigia um esforço a mais e eliminava o conforto de pintar num recinto fechado.

Os impressionistas tinham duas grandes fontes inspiradoras para procurar uma nova forma de pintura que incluísse um jogo de luz e cores diferentes do modelo tradicional do estúdio. A *fotografia*, por um lado, tornava o retrato feito pelo pintor um luxo e um desperdício de tempo e dinheiro: uma máquina fotográfica fazia com maior perfeição e, em poucos instantes, aquilo que ocuparia o artista durante muito tempo. Por outro lado, chegava à Europa a *litografia japonesa*, extremamente colorida e com um modo despojado de representar a natureza e as coisas; suas formas e sua leveza

inspiraram muitos artistas, entre eles Van Gogh e Toulouse-Lautrec, no exercício de procurar novos motivos para pintar e novos recursos para representar o motivo. Tais exercícios caracterizam bem o fundamento intelectual da pintura no final do século XIX; os artistas se caracterizam predominantemente pela pesquisa e pelo exercício da forma de pintar, mas sempre mantendo o olho humano e suas impressões como o alvo e recurso para a composição.

Foi a descoberta dos impressionistas de que as sombras escuras do gênero usado por Leonardo para modelar não ocorrem à luz do sol e ao ar livre que interdito para eles o recurso a essa saída tradicional. Por conseguinte, tiveram que ir ainda mais longe do que qualquer geração anterior na dissipação de contornos claros e definidos. Sabiam que o olho humano é um instrumento maravilhoso. Basta fornecer-lhe a sugestão certa e ele se encarrega de construir para nós a forma total que sabe estar ali. (GOMBRICH, 1972, p. 412 )

Das aventuras inovadoras que os impressionistas criaram ao estudar a arte, resultou uma variação infinita de exercícios de criação na pintura. Os vanguardistas europeus favoreceram-se da descoberta impressionista e, fazendo uso do exercício da linguagem do “papel e tinta”, definiram seus próprios caminhos. Assim, artistas como Paul Cézanne, Vincent van Gogh e Paul Gauguin resolveram suas dificuldades com essa linguagem, usando do desejo de ver a natureza representada tal como fosse vista pelo olho humano. Dessas inovações, outras inovações surgiriam: da arte de Paul Cézanne, o Cubismo; de Paul Gauguin, o Primitivismo; e de Van Gogh, o Expressionismo. Dessa “experimentação”, característica do final do século XIX, nasceram todas as formas modernas de arte. O Modernismo artístico niilista, caricatural e livre,

representado na pintura e na literatura, tem suas raízes na forma simbolista da arte. Nessa esteira de criatividade, na pintura e na literatura, estariam o Futurismo, o Dadaísmo, o Expressionismo, o Surrealismo, etc. São exemplos na literatura, a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, o “nouveau roman” e, na poesia, o verso livre, que redefiniu a forma do poema e até mesmo o conceito de poeta.

A grande descoberta que o homem fez no final do século XIX e início do XX foi que os valores, antes claros da filosofia moralista-religiosa que predominaram até antes do Romantismo, foram completamente negados, durante o século XIX, com a evolução da sociedade para um sistema de agrupamentos muito grandes. Dessa destituição dos limites para a filosofia, ou melhor, com a negação da existência de Deus, o indivíduo ganhou “amplos poderes”, ou perdeu os limites. Dessa descoberta filosófica surgiram, na arte e na filosofia, as criações aparentemente sem forma, ou que são a negação da forma, e também o indivíduo do século XX, essencialmente como uma negação da Criação. É nessa linha de experimentação altamente individualizada que se poderia colocar, por exemplo, no campo dos exercícios literários mais radicais, o *Ulysses*, do irlandês James Joyce, o *À la recherche du temps perdu*, do francês Marcel Proust, o *Grande Sertão: Veredas*, do brasileiro João Guimarães Rosa e tantos outros inovadores (sem seguidores) do discurso literário.

Toda a arte do final do século é classificada pelos historiadores da arte e da literatura como Simbolismo: simbolista era a forma como o material e os motivos empregados nas artes, bem como a linguagem aplicada, eram desenvolvidos. Assim, o Impressionismo é o nome como a arte simbolista da pintura ficou conhecida. Porém, tanto na literatura quanto na pintura os anseios e sentimentos são sempre muito semelhantes: essas artes, nessa época, reconstruíram uma representação dos motivos/personagens que recuperava o ponto de vista

subjetivo, esquecido naquela sociedade materialista, mecânica e massificada, nascida da industrialização da Europa.

O Simbolismo atesta que a arte e a sociedade giram em ciclos, de certa forma, em torno de si mesmas, porém redefinindo e reorganizando velhos elementos ao lado dos novos. No início do século XIX, a arte do Romantismo parte do subjetivo e do ideal, valorizando o indivíduo e o espiritual. Em meados do século surgiu o Realismo. A industrialização e o Cientificismo fizeram com que a arte desejasse ser materialista, objetiva e racional, rejeitando completamente a fórmula artística anterior. Perto do final do século, cansados do materialismo, descontentes com a massificação da sociedade e decepcionados com os rumos da sociedade industrial, os simbolistas recriaram os sonhos e as fantasias, dando sentido nessa arte despojada e pura que valorizava outra vez o ponto de vista individual e idealizado.

Assim, a expressão artística no século XIX apresentou três momentos que englobam todas as manifestações em todos os cantos da Europa. No início do século, o Romantismo retratou um novo ser humano, para uma sociedade liderada por uma nova classe social e com novas bases econômicas. Esse ser humano romântico era moderno, atuante e, de certa forma, consciente de seus direitos e deveres. Por volta da metade do século, e estendendo-se até seu terceiro quarto, o Realismo/Naturalismo – Parnasianismo na poesia – representou uma sociedade forte e em pleno gozo da industrialização em que as personagens eram criações exatas da vida objetiva e sem fantasias das agitadas cidades. No último quarto, o Simbolismo – Impressionismo na pintura – devolveu ao ser humano a liberdade de criar e de sentir, bem como de sonhar, redescobrimdo valores românticos e negando valores realistas. O Cientificismo, marca dessa fase, abriu caminho para o estudo da forma e da linguagem em que se exprimia essa forma. A arte do final do século, e isso não foi diferente

na ciência, voltou-se para si própria, estudou a si mesma, criando modelos que eram metáforas ou metalinguagens.

### 1.3. A evolução da religiosidade

Como acontecia desde a Idade Média, a religião foi um dos assuntos que nortearam a existência dos seres humanos no século XIX. Ela era quase sempre a causa principal da dificuldade de existir naquele mundo, em que os indivíduos estavam sempre errados, em função de uma perfeição que nunca poderia ser alcançada. Desse modo, o indivíduo estava sempre condenado à morte e à destruição. Eram alguns homens que criavam e propagavam esses conceitos, porém, essa atitude não era negativa, porque, ao conceituar a imperfeição, eles estavam alertando para a necessidade de alcançar a perfeição.

O grande problema do ser humano do século XVIII, com relação à religião, parece ser o fato de a moral do indivíduo estar ligada a sua religiosidade. Humboldt, nos *Escritos políticos*, argumentou que a religiosidade de uma pessoa não deve estar ligada a sua moral. A discussão desses conceitos existia na sociedade europeia desde o início do Iluminismo e, tanto a moral, como todos os conceitos relativos à religião, sobretudo Deus, foram amplamente discutidos pelos filósofos. De qualquer corrente de pensamento que fossem, era a existência e a presença de Deus entre os seres humanos que impulsionava as discussões. O que parece estar claro para os pensadores e filósofos do final do século XVIII é que nenhum ser humano, inclusive os religiosos e os monarcas, sabia (*sabia, concorda com nenhum ser humano*) a vontade de Deus.

O que se percebe, examinando-se a literatura e a filosofia, é que a perfeição de atitudes, na sociedade do final do século XVIII, previa uma religiosidade sem limites, completamente contrária à natureza humana animal, pressuposta como componente da natureza de todo ser humano. O certo é que o ser

humano tem uma perfeição de atitudes relativa a seus instintos animais. Porém, para que os seres humanos possam alcançar a perfeição estética e moral, os instintos que os ligam à condição animal devem ser combatidos. Esse pensamento dos românticos está registrado na criação de personagens idealizadas, que simbolizam esse conceito da filosofia dominante.

Especificamente, segundo a visão do período romântico, nesse mundo em que a corrupção era parte das atitudes dos líderes, os monarcas, embasados nos dogmas religiosos, diziam-se herdeiros do poder, que lhes fora dado por Deus. Os religiosos pregavam o desapego da matéria, inclusive dos desejos sexuais, mas não eram exemplos perfeitos. Num mundo como esse, pode-se pensar que os seres humanos comuns e sem recursos intelectuais, certamente não sabiam e nem teriam recursos para saber em que e em quem acreditar. Logo, com certeza, esses indivíduos comuns eram vítimas da imprudência de religiosos inescrupulosos, como demonstrou François-René Chateaubriand com a personagem Átala.

Invariavelmente, todos os Estados da história da humanidade se valeram do recurso do condicionamento pela religião para controlar ou obter dos cidadãos o controle de seus desejos. O grau de inter-relacionamento e interpenetração entre Estado e Religião varia muito de cultura para cultura. Em muitos casos, essas duas instituições são uma mesma unidade, controlada pelos mesmos indivíduos. De uma forma genérica, a religião é um elemento que intensifica a sensibilidade dos indivíduos e, se o Estado fizer de seu objetivo social o objetivo social pregado por uma Igreja radicalizada numa única direção, ele pode, por meio da crença, obter aprovação total de suas atitudes. O relacionamento entre Igreja e Estado sempre é motivo de cuidados. Não é de má sorte para o povo que essas forças estejam separadas e que uma seja “polícia” da outra.

Para Humboldt, o Cristianismo foi benéfico para o desenvolvimento da raça humana. Essa religião aponta para o

fato de todos os homens serem criação de um único Deus. Assim, ela coloca todas as raças no mesmo nível, destacando o fundamento da verdadeira virtude, do progresso e da união dos homens. Essa fórmula solidária de viver produz frutos maravilhosos como o civismo e o progresso científico pela colaboração, sem o qual a ciência teria permanecido muito tempo como patrimônio de poucos.

O Estado pode se servir da Religião como meio de estabelecer valores morais para vigiar o comportamento do cidadão. Deve existir, porém, uma diferença entre o sentimento religioso geral e o relacionamento que o Estado estabelece com uma determinada religião. Em outras palavras, mesmo sendo aquela religião a que melhor se adapte ao intento organizacional do Estado, ele não deve impor aos cidadãos a escolha religiosa. No entanto, o Estado deve sempre estabelecer com uma única religião a incumbência da organização moral dos cidadãos.

Do ponto de vista da liberdade dos cidadãos, qualquer relacionamento entre o Estado e a Religião é danoso de muitas formas. Para Humboldt, o Estado e a Religião não deveriam associar seus interesses sociais para que não houvesse uma limitação da liberdade individual. Essas ideias eram comuns nos pensadores do século XVIII e todos os racionalistas desenvolveram longas preleções sobre a atuação da religião e do Estado. Os pensadores românticos do século XIX tinham uma evidente e clara visão do *status* da religião no contexto social e político de cada nação. No entanto, pode-se observar que, nos textos dos escritores românticos franceses, diferentemente dos clássicos e românticos alemães, a religião é apresentada como o principal elemento de preservação da moral, sobretudo das instituições sexuais. Certamente, existe uma mistura, nesse comportamento do Romantismo francês, entre uma realidade concreta, que incidia sobre o comportamento dos cidadãos, e a demonstração de um caráter aperfei-



coado para a instituição religiosa. De qualquer forma, é mais evidente a crítica; além do predomínio da crítica na estética literária entre os românticos, a Igreja estava sendo forçada a uma reorganização de seus valores, sobretudo politicamente.

São exemplos, *Virginie de Bernardin*, de Saint-Pierre e *Átala*, de François-René Chateaubriand, que são criações do início do Romantismo francês. O texto *O vermelho e o negro*, de Stendhal, também apresenta distorções no caráter das personagens causadas pela ação moralizadora da religião. No texto de Stendhal, o casamento, por ser uma instituição religiosa, não pode ser dissolvido. E é por ser indissolúvel que ele se transformava numa prisão, que obrigava as personagens femininas à traição sexual com amantes contra o marido e, assim, a terem uma vida de riscos morais. Essa mesma construção e visão religiosa aparecem no texto *Ilusões perdidas* de Honoré de Balzac. Nesse texto, a presença dos padres e bispos é sempre como testemunhas da fidelidade e da moral inatacável para uma senhora da sociedade: sempre que essa personagem estiver sozinha na companhia de um suposto amante, um religioso estaria presente para preservar sua imagem de fidelidade.

Balzac criou uma representação da sociedade plena dos elementos que chamam para a vida materialista. Nessa obra, Deus não está à disposição para atender clamores individuais e, nas poucas vezes em que é invocado como a última esperança, Ele não atende. O sentido criado por Balzac é que Deus não faz acontecer segundo os pedidos humanos, mas cabe aos seres humanos encontrarem seu caminho por sua inteligência. Essa proposta fica clara na relação entre as personagens que têm Fé, e ficam esperando que Deus resolva seus problemas, e as personagens que tomam para si o mundo que está a sua volta, fazendo uso da própria inteligência e dos recursos da Lei. A vitória dos materialistas demonstra que, em Balzac e em sua concepção social, Deus ajuda quem se esforça para conquistar

o que deseja e que Ele nada faria para impedir que os acontecimentos se realizassem. Nessa forma de pensar, a justiça social e o mérito material entre os seres são alcançados por aqueles que lutam inteligentemente para conquistá-los.

A conclusão sobre o pensamento de Balzac nesse texto é que, naquele momento da sociedade, não havia espaço para o idealismo e para as sutilezas ingênuas das criações dos primeiros românticos. Apesar de esses seres existirem e ainda predominarem na literatura, eles eram sempre vítimas do sistema. Balzac iconizou em seu texto o sistema vigente naquela sociedade, que era cada vez mais racional e estava mais presa ao contexto da própria realidade em que o homem estava inserido. O texto de Balzac representa que o homem, a partir daquele momento, cada vez mais iria estar a serviço da própria máquina social criada por ele mesmo.

Assim, o efeito criado por Balzac demonstra que um sonhador, um poeta que não soubesse violentar e dominar o espaço social, terminaria por ser subjugado e inferiorizado pelos materialistas. Apesar de serem seres considerados mais perfeitos e bondosos, até mesmo superiores, seriam desprezados pelo contexto social no qual estivesse em jogo quem mandava e quem obedecia. O idealista romântico ainda sobrevive no contexto balzaquiano, mas é humilhado e destituído de sua força, tendo seu idealismo desfeito como ilusões inúteis.

Toda a literatura subsequente vai tratar a religiosidade como uma instituição eminentemente figurativa. Obviamente, também nesse conceito de religiosidade, existe uma reação realista ao modelo literário do Romantismo. Como exemplo, pode-se observar o romance *Madame Bovary* (1850), de Gustave Flaubert. Nesse texto, os elementos que lembram religião só aparecem como construtores de instituições religiosas, como o casamento, o batizado e a defesa de bons costumes. Em todos os casos, o papel da religião se resume na defesa dessas instituições. Esse é o papel que estaria reservado para

a religião na literatura na representação da sociedade que era firmada naquele momento. A simulação literária realista e o sentido que ela cria, faz pensar que, nessa sociedade industrializada, preocupada com a higiene e o bem-estar das cidades e aglomerações humanas, não havia mais pessoas com a mente desocupada para sofrer ou ser ocupada com os elementos da religiosidade. Assim, pensando-se no modelo ou na representação literária como mimetismo dos cidadãos de uma sociedade – isso é absolutamente hipotético – dentro do Realismo, essa reação à condição de dominante, típica da religião no Romantismo e a diminuição da interferência da Igreja na vida das personagens, demonstram o avanço dos valores racionais e objetivos e a conseqüente redução na importância dos elementos espirituais e subjetivos dentro daquela sociedade.

## 2. A SEGUNDA METADE DO SÉCULO

### 2.1. As cidades: industrialização, expansão e transportes

A Revolução Industrial caracterizou-se, de início, pela produção em escala industrial e pelo desenvolvimento das comunicações. Essas evoluções iniciais alcançaram desdobramentos importantes em muitas áreas da sociedade, provocando alterações estruturais, tanto na Europa quanto nas regiões a ela relacionadas. Esse processo começou na Grã-Bretanha, nos anos entre 1750 e 1830 e, em seguida, espalhou-se por outros países. Seus efeitos podem ser resumidos, no final do século XX, como o impulso inicial para a organização da base econômica da sociedade mundial moderna.

Durante o século XIX, as cidades, arrastadas pela industrialização, passaram por uma intensa expansão. Somente dados estatísticos podem demonstrar e fazer compreender a verdadeira intensidade e a rapidez desse processo. As cidades europeias, e também de outras partes do mundo, multiplicaram muitas

vezes de tamanho no século XIX e, por causa dessa explosão demográfica, os problemas organizacionais se acumularam.

Em pouco mais de um século, a população de Londres e de Paris se multiplicou por quatro; a de Viena, por cinco; a de Berlim, por nove; a de Nova York, por oitenta. E estas eram somente as grandes capitais. Ademais, Lancashire, a Bladk Country, o Ruhr, a França setentrional, para não falar de certas partes dos Estados Unidos e Japão, se transformaram em vastas aglomerações de cidades que se tocavam umas com as outras. O fato da urbanização se produziu muito antes que se inventasse a palavra. Manchester, tranquila cidade-mercado, teria 75.000 habitantes em 1800, saltou para 400.000 em 1850 e alcançou os 720.000 em 1910. Estocolmo, que em 1800 dormitava com somente 6.000 habitantes, em 1914 teria 350.000. A população de Dusseldorf aumentou desde 10.000 em 1800 até 360.000 em 1910. O caso de uma cidade relativamente nova como Odessa, que passou de 6.000 habitantes a 480.000 entre 1800 e 1914, é similar ao de certos centros urbanos pequenos porém muito antigos, como Oslo, que passou de 10.000 a 250.000 no mesmo período, ou Budapeste (de 50.000 a 900.000). O destino das cidades antigas seguiu la mesma curva. Entre 1800 e 1910, Lyon passou de 110.000 a mais de 500.000; Rotterdam, de 50.000 a 400.000; Amberes, de 60.000 a 300.000, e Hamburgo, de 150.000 a mais de um milhão (BÉDARIDA, 1989, p. 148 e 149 ).

A história do século XIX colocou em evidência alguns elementos de ciência e tecnologia, descobertos no século XVIII, que seriam básicos para a sociedade do século XX na sua procura pelos limites da racionalidade: a máquina a vapor (1769), os teares mecânicos de fiação (Jenny, 1767; Cartwright, 1768;

Jacquard, 1801), a máquina de despoldamento do algodão (1793) e finalmente a locomotiva e a estrada de ferro (1829).

Esses elementos de ciência e tecnologia são, como salientado, de produção humana. Desse modo, toda a atenção deve ser voltada para o comportamento do ser humano, que só é altamente produtivo quando incitado a produzir. Para isso, devem ser oferecidas as condições necessárias, que são relacionáveis e margeiam os limites da educação tecno-moral e a existência da competição entre indivíduos. Essas condições são mais propícias quando os seres humanos se aglomeram, e são levadas ao extremo quanto maior for a aglomeração. O fator que interfere diretamente nesse comportamento é a intensidade da comunicação.

As cidades, nessa circunstância, eram as grandes provocadoras do avanço técnico e do aperfeiçoamento social. Por essa razão, ao mesmo tempo, eram causa de si mesmas, porque intensificavam o próprio círculo de necessidades e melhorias. Nessa esteira de necessidades e melhorias estavam a indústria e o transporte, principais elementos responsáveis pela aglomeração de indivíduos nas cidades. Não é difícil, através da literatura de ficção, fazer um diagnóstico das dificuldades relacionadas com o transporte no século XIX. Também não é difícil apontar a profunda transformação causada pela propulsão a vapor. Essa grande modificação na velocidade dos transportes interferiu em todo o círculo social, porque aproximou as pessoas pela diminuição do tempo para se percorrer distâncias.

Na literatura do século XIX há inúmeras reclamações sobre as dificuldades de viajar e, até mesmo, da feiúra das máquinas de transporte, quase todas movidas por tração animal. Nessa engrenagem de causa e consequência, vivida nas cidades e estabelecidas pela indústria, pelo transporte e pela própria cidade, não há um limite exato do que seja causa, consequência, necessidade e/ou interesse. De certa forma, todos esses elementos são partes de uma única coisa que não

pode ser dividida. Essa grande massa chamada humanidade constrói o mundo por impulsos que sempre se interligam. Uma dificuldade humana pode ser o elo necessário que faltava para fazer a superação de dificuldades e realizar a evolução do caráter de cada ser humano e da sociedade.

O trecho mostra a modificação ocorrida no plano social e cultural pela elevação dos objetivos e das necessidades coletivas ao centro das atenções em detrimento dos objetivos e desejos individuais. Necessariamente, numa sociedade formada por aglomerações humanas (cidades), que são instituídas e existem como indivíduos, transformando seus participantes em agentes de sua própria existência, o indivíduo, num contexto tão extenso e amplo, tem pouca atuação. Ele só atua de modo amplo quando é responsável e corresponde ao poder delegado a ele por muitos indivíduos.

Nesse contexto, seria lógico pensar na desvalorização do ser humano. Porém, não se trata da destruição do indivíduo, porque não havia oposição a ele; ao contrário, havia uma valorização dos bens que atingiam a coletividade e facilitavam a vida dos indivíduos. Como mostrou Émile Durkheim, projetava-se “uma divisão do trabalho” em todos os setores da sociedade. Nesse caminho foi que a modernização dos espaços urbanos, a melhoria nos transportes públicos e a maior eficiência e qualidade nos produtos industrializados atuavam diretamente no bem-estar de toda a sociedade.

É evidente que, numa sociedade concentrada em objetivos coletivos, um indivíduo com astúcia e ganância tentará criar, em torno de si, um volume de recursos valorizados na sociedade para, desse modo, acumular poder. Exemplo no século XIX desses fatos da cultura socioeconômica humana é o chamado *trust* – empresas que, com um objetivo exacerbado de lucro, monopolizavam todo o mercado de um tipo qualquer de produto ou serviço, sufocando com seu poder de negociação todas as tentativas menores de concorrência.

Balzac, em *As ilusões perdidas*, criou um excelente exemplo da ação sufocadora de uma empresa sobre outra. Trata-se da ação dos negócios dos irmãos Cointet sobre os de David Séchard. É evidente que, nesse caso contado por Balzac, o que se tem é a eficiência e o interesse materialista (realista) sufocando a idealização e o Romantismo: uma oposição clara entre os dois modelos literários presentes no texto. David Séchard perde o negócio, mas sobrevive e permanece muito bem, graças, acima de tudo, ao respeito que o ser humano e muito mais o homem de visão econômica tem pela ciência e os benefícios que ela pode trazer. Balzac fez de David Séchard um cientista e um grande transformador. O futuro da humanidade sempre está na dependência de homens como ele, por isso ele deve sobreviver, apesar de sua apatia romântica e sua inépcia comercial.

O crescimento da indústria na Europa, durante o século XIX, pode ser medido por diversos índices. Eles são sempre denotadores do avanço rápido da industrialização e da crescente afluência de pessoas em direção às cidades. O *Dictionnaire du XIX<sup>e</sup> siècle européen* traz inúmeros exemplos dessa mudança de expectativa e filosofia de vida que atingiu o povo de todos os cantos daquele continente. Em todos os casos, o movimento observado é o de aceitação das imposições do mercado industrial frente ao indivíduo, que perdia na quase totalidade sua liberdade de ir e vir quando assumia uma responsabilidade dentro do sistema de produção. Desse modo, o processo de servidão econômica mudava de aspecto, mas tendia para a mesma estrutura de força e opressão que caracterizou toda a civilização desde seu início.

No entanto, o processo opressor que se estabelecia não era constituído do mesmo processo mental. Se havia o intuito de se apoderar da força de trabalho do indivíduo, esse já conhecia sua necessidade de liberdade, compreendida e instituída pelas forças de independência criadas e praticadas no final do século XVIII e primeira metade do século XIX. A

classe operária nascia cheia de novos poderes e pronta para demolir qualquer resistência, exigindo direitos, melhorias e garantias. Assim se pode ver o indivíduo na segunda metade do século XIX: consciente de seu papel no conjunto, pronto para defender a coletividade de que fazia parte e para empunhar as cores da bandeira de sua nação – elementos de consciência social que refletem a representação patriótica característica do Nacionalismo vigente no período.

Em 1847, Karl Marx e Friedrich Engels, no texto *Manifesto do Partido Comunista*, escreveram duras críticas aos governos sustentados pela burguesia. Manifestaram um intenso desejo revolucionário pela existência de um regime político que combatesse essa dominação. O texto é um excelente exemplo do desgosto dominante na classe trabalhadora, certamente insatisfeita com a exploração exercida pela classe dominante e a conivência do Estado, que não combatia, nem tinha interesse em combater, essa exploração.

O processo de representação que foi criado no período demonstra uma evidente massificação dos elementos sociais. Em primeiro plano está o ser humano, causa e consequência dessa crescente transformação. Logicamente, num momento cultural como aquele, não era possível perceber as perdas e as conquistas sociais; só muito tempo depois foi possível ter uma ideia exata dos acontecimentos. Assim, a industrialização causou profundas modificações no homem; no entanto, deve ser considerada a presença de muitos elementos que foram causas e consequências dessa crescente industrialização: o desenvolvimento da ciência e da educação, o aperfeiçoamento dos transportes e a evolução dos espaços urbanos, etc. Todos esses fatores, interdependentes, demonstram a modificação na importância do *status* individual perante o coletivo, tornando o homem apenas um símbolo do conjunto cultural a que pertencia. O homem era a menor parte, enquanto ser isolado, e a maior parte, enquanto agrupamento.



## 2.2. A simbolização na arte linguística

É perfeitamente sabido que o processo linguístico é inteiramente representação: tudo na linguagem refere-se a algo. Mais que uma conjunção de signos e referentes, o homem cria através da linguagem um modo de se relacionar com a infinidade de elementos do universo real, organizando-os na esfera cognitiva. Através dos signos, o homem cria uma amostragem das coisas do mundo. Ele não lida com os símbolos (sons e ícones gráficos) dos signos, mas com as formas representativas da sociedade. Em geral, os limites da intelectualidade humana não permitem uma compreensão precisa e absoluta do real: é necessário criar uma amostra do todo e por ela satisfazer a imaginação. A relação do homem com a natureza, apesar desses recursos, é muito limitada: por isso, a compreensão é sempre parcial, com variações de um indivíduo para outro.

No século XVIII, o universo intelectual da sociedade não era mais inteligível de uma maneira universal. A partir do Iluminismo, o universo do conhecimento foi rapidamente ampliado e a sociedade em geral necessitaria cada vez mais de conhecimento. Desde então, o homem se viu obrigado a lidar com modelos e amostragens. Esse processo foi intensificado com a complexidade cada vez maior do objeto-conhecimento a ser alcançado. A ciência fez evoluir a sociedade e obrigou o homem a criar o modelo ou a amostragem (maquetes e projetos) antes de construir o objeto no mundo real.

A linguagem é sempre a que fornece os melhores exemplos das transformações ocorridas no pensamento dos homens. No final do século XVIII, ficaram conhecidos os limites físicos do mundo: a colonização atingiu seu apogeu e a Terra não tinha mais fim. Afastadas as credences, a Terra estava definitivamente conhecida, ou seja, era redonda, começava e terminava no mesmo lugar. Por sua vez, o conhecimento que o homem possuía foi ampliado infinitamente, assim como as

possibilidades de conhecer. É provável que haja uma relação entre essa destruição dos antes claros limites do mundo, que desequilibrou as emoções dos homens, com o desencadear das revoluções do século XIX.

O desenvolvimento intelectual acontecido no século XVIII elevou a sensibilidade e o uso dos elementos da intelectualidade ao centro da importância social. É dessa forma que os elementos da sabedoria (sensibilidade e intelectualidade) chegaram a possuir o mesmo *status* de importância na sociedade que tinham a coragem e a força física. Tais modificações foram causadas pela atuação do Iluminismo no desenvolvimento intelectual dos seres humanos no século XVIII. A ação educativa desse movimento modificou a relação do homem com sua existência no meio social e fez com que ele valorizasse os elementos da sensibilidade e questionasse tudo o que estava relacionado às suas vidas.

Quanto mais avançada no século XIX estivesse a literatura da Era Romântica, mais ela aperfeiçoava a criação de modelos estilísticos para representar a sociedade. É desse modo que a linguagem literária vai se especializar em fórmulas linguísticas e modelos estéticos demonstrativos do mundo real. A literatura evoluiu no sentido de criar tipos humanos cada vez mais representativos do homem no meio social. Essa representação do homem pela literatura segue o processo de modificação social, emparelhada com ele e por ele conduzida. A literatura avançou tão fortemente por esse caminho que, antes do final do século, numa reação a esse materialismo do Realismo burguês, chega a ser, em si mesma, somente símbolo e a ser chamada de Simbolismo.

A sociedade naquele século se desenvolveu na recriação contínua dos espaços urbanos, que substituíram cada vez mais amplamente em importância os espaços rurais. Se a literatura do final do século XIX era completamente simbólica, ela apenas explorou e evidenciou profunda e intencionalmen-

te os elementos que já estavam presentes nela secundariamente desde o início do século. O fato é que, de meados do século XIX em diante, a expressão literária exercitou cada vez mais intensamente a representação do modelo social no contexto literário, abandonando definitivamente as discussões individuais de ordem moral/religiosa. Aos poucos, todos os elementos contextualizados na literatura passaram a ser característicos da atuação real do homem, inclusive a moral e os costumes. Em *Madame Bovary*, a personagem Carlos Bovary é a demonstração do homem ultrapassado, enquanto o farmacêutico Homais e Rodolfo Boulanger são modelos de homens adaptados à nova realidade.

Comparando-se a expressão literária desses dois extremos da Era Romântica (o Romantismo de 1800 e o Simbolismo de 1880), fica claro que o modelo literário se desenvolveu representando as formas que a sociedade adquiriu durante aquele século. Assim, a literatura de René-François Chateaubriand representa o conhecimento, os desejos e os valores da sociedade que se apresentava em 1800. Sua literatura demonstra que, naquele período, tomava-se consciência do exercício de sabedoria e de sensibilidade que o Iluminismo pusera em evidência.

Manifestações como essa, de conscientização da importância para a evolução social da sensibilidade e da capacidade de serenidade elevou o grau de importância política do papel social da mulher. Nesse mesmo movimento, a literatura, no desenrolar das paixões das personagens, contesta a atitude social da religião e a influência moralista que ela exercia no contexto social. No outro extremo, em 1880, a obra de Guy de Maupassant, já num Realismo cansado das opressões sociais e muito misturado ao Simbolismo, representa um ser humano envolvido pelo contexto social urbano. Naquele tempo, o papel do meio urbano já era, há algumas décadas, mais importante política, social e economicamente que o meio rural. Maupas-

sant discutiu a presença do homem naquele contexto e sua participação no conjunto; suas personagens são modelos dos seres humanos e dos problemas que enfrentariam como participantes, quase sempre oprimidos, daquela sociedade.

O Simbolismo representa uma reação contra o materialismo e a estrutura social, que se desenvolvia em torno da industrialização. O ser humano tinha deixado de ser importante ao extremo. Os valores morais, sentimentais e espirituais haviam perdido completamente seu espaço no pensamento e no arranjo da sociedade. Mas se o Simbolismo reagiu contra a massificação do ser humano ou contra sua falta de importância para a sociedade, valorizando assim elementos como a subjetividade, retomados do Romantismo, ele não abriu mão da vida e dos recursos da sociedade moderna.

A complexidade da sociedade do século XVIII e de até meados do século XIX permitia a um homem dedicado, aprender o conjunto do conhecimento em qualquer especialidade e inventar novidades em larga escala. Com o avanço da ciência, cada vez mais os homens foram obrigados a dedicar mais tempo a um determinado trabalho para atingir o limite do desconhecido e do novo. A sociedade tornava-se cada vez mais complexa e, os seres humanos, cada vez menos conseguiam entender seu fluxo. Ela, que sempre pareceu ter vida própria, era mais e mais independente da vontade dos homens.

Esse elemento de superioridade do coletivo sobre o individual sempre existiu, mas as sociedades de até meados do século XIX eram suficientemente pequenas e simples para que um homem fosse capaz de controlá-la sozinho. A complexidade das sociedades colocou em questão a fórmula administrativa existente, e a liderança não podia mais ser feita se não fosse por meio da representação. O poder passa a ser, ele também, temporário e removível. O poder, antes constituído por herança, passou a ser doado temporariamente. Passou de privilégio por realeza à obrigação constituída pelo voto.

Por esse caminho trilharam todas as sociedades. A instalação do poder representativo sofreu muita resistência durante o século XIX, mas o contexto se impôs e uma nova forma de poder surgiu pela força dos grupos organizados, sendo que o mais significativo de todos os avanços foi o sufrágio universal, que passaria por muitas etapas: sufrágio masculino, sufrágio de grupos representativos, etc.

Um homem, na segunda metade do século XIX, não era mais capaz de compreender o mundo inteiro. Foi por causa da transformação tão profunda e tão veloz da sociedade, que o homem teve a necessidade de saber mais de si mesmo para que pudesse compreender aquilo que era feito pelos outros homens a sua volta. A sociedade se transformou num denso e confuso macrossistema de pequenas partículas, muitas vezes tão complexas quanto o todo. O indivíduo ficava cada vez “menor” e era obrigado a observar a sociedade por meio de amostras, porque ele só conseguia ver uma pequena parte do extenso corpo. Ele se redefiniu porque foi obrigado a se descobrir de novo e somente assim continuaria a ser importante diante do sistema. A ciência foi o principal agente responsável pelas transformações, e a literatura acompanhou e registrou cada novo passo dado. A ciência e a literatura, como tudo na sociedade, ao mesmo tempo em que são objetos construídos pelo sistema social, são construtoras dele.

Pelo prisma de observação adotado neste trabalho, o século XIX foi o período de transição em que tudo o que dominava o contexto social, até meados do século XVIII, foi substituído por algo novo. Além disso, cada vez mais essa substituição ficou mais rápida e tudo passou a durar menos. A Era Romântica, não há dúvida, foi o período em que o indivíduo alcançou o centro das atenções dos próprios indivíduos: num primeiro momento, foi pela conscientização do valor desse indivíduo e da importância que para ele deveria ter a liberdade de construir sua própria vida; num segundo

momento, o indivíduo foi tratado como parte de uma coletividade: para o indivíduo cuidar de si mesmo, era necessário cuidar da coletividade. Assim, os indivíduos só existiam como extensão do coletivo. Na verdade, é o indivíduo que é simbólico na Era Romântica, e o seu papel passou por representações diferentes ao longo do século XIX. Na literatura, a representação do indivíduo demonstra a simbolização da sociedade: a cada década foi descrito um novo ser, diferenciado por recursos culturais e por modelos científicos novos.

Do Romantismo surgiram as correntes literárias que dominariam todo o século XIX: o Realismo e o Simbolismo. A partir de 1850, o Realismo desenvolveu, na literatura em prosa, principalmente no romance, uma reação contra os valores do subjetivismo, do personalismo e do metafísico, e apresentava como características o objetivismo, o materialismo e o universalismo. A poesia, dentro do Realismo, passou a ser chamada de Parnasianismo: marcadamente antirromântica, materializou uma estética poética baseada na objetividade e no culto da forma, dominando a estrutura poética e aprisionando os sentimentos à ação da razão. O Simbolismo, por seu turno, retomou valores do Romantismo negados pelo Realismo, pelo Naturalismo e pelo Parnasianismo. Nessa estética literária, quase eminentemente ligada à poesia, ocorreu a inclusão, em plena sociedade industrializada, de valores relativos aos sonhos: o mágico e o singelo, elementos desenvolvidos pelo exercício da sensibilidade, retomaram espaço na poesia.

### 2.3. O Nacionalismo

No contexto do século XIX, o sentimento de nacionalismo cresceu nos indivíduos e cada vez mais demarcou limites entre os pontos do continente europeu. O Nacionalismo, que sempre existiu e que caracterizou a vida da Europa ocidental desde os romanos, foi o estopim de todas as desavenças en-

tre as nações e, principalmente, da ascensão e destituição de muitos reis e imperadores. Mais que um simples sentimento, em determinados períodos, sobretudo aqueles marcados por guerras, o Nacionalismo era uma filosofia de vida: a nação era a própria existência dos cidadãos. Exemplo histórico foi o projeto de nação criado por Napoleão Bonaparte, que atraiu todos os franceses para uma luta contínua e insana.

Muitos autores do século XIX retrataram o Nacionalismo em sua literatura. Guy de Maupassant, por exemplo, mostrou o verdadeiro caráter do Nacionalismo predominante na segunda metade do século, período marcado pela ascensão de Bismark no comando da Alemanha, consolidando o Estado alemão. Em diversos de seus contos, Maupassant demonstrou do que é capaz, por amor à Pátria, um cidadão honrado. Em geral, Maupassant resolveu esse heroísmo patriótico em mulheres discriminadas por razões morais e/ou raciais. São assim os contos “*Boule de suif*” e “*Mademoiselle Fifi*”.

Desse modo, observa-se, nesse contexto de idealização da nação e de busca pela perfeição do espírito nacional,<sup>10</sup> a razão de na Linguística terem sido desenvolvidos modelos teóricos que retratavam a linguagem como uma fórmula circunscrita às fronteiras nacionais. Nesse contexto, a língua nacional era vista como uma representação fiel do homem-cultura-nacional. Esse homem, onde estivesse, era a representação de tudo o que representava sua nação. Em todos os aspectos da existência das nações estaria expresso o caráter de sua força. Nesse modelo de comportamento, até a guerra

---

<sup>10</sup>Tudo que compõe o espaço territorial, tenha forma física ou não: clima, relevo, cultura, etc, inclusive a língua – tudo isso faz parte do espírito nacional. Ele regula o pensamento dos cidadãos de uma nação, sua fórmula se transfere para o indivíduo e cidadão, de forma a fazer que ele seja reconhecido entre os cidadãos de outros espíritos nacionais. Sua relação com a língua é de total e absoluta ligação; molda o pensamento e, através dele, molda a língua – mas só pode existir para o pensamento através da língua, ou seja, só pode ser adquirido, transmitido, perpetuado, etc, através dela.

era vista como um bem nacional, ou seja, mais que um ponto de vista político de modelagem da cidadania, o Nacionalismo era espaço de competição entre as várias nacionalidades. Assim, Humboldt descreveu a relação entre língua e nação e, dessa relação, surge o conceito de espírito nacional.

O contexto cultural do início do século equipara o Nacionalismo e o Romantismo. Em muitos pontos eles são a mesma coisa: por exemplo, o ideal de existência do Romantismo previa o sentimento de patriotismo, ou seja, nenhum ser humano podia ser feliz estando expatriado. Essa ideia do exílio como castigo aparece como fórmula do sofrimento nas personagens de François-René Chateaubriand, tanto em *Átala*, quanto em *René*. Em ambos os casos, a perda ou o afastamento da terra natal equivale à perda de tudo o que é mais caro e sentimentalmente mais dolorido.

O caso não é único no Romantismo. Na literatura clássica alemã, são vários os exemplos em que a Pátria e o amor pela Pátria impulsionam os indivíduos a agir. É o caso da disputa entre Maria Stuart e Elizabeth no texto *Maria Stuart*, de Schiller. Essa luta entre as duas rainhas representa a dominação e a resistência entre as duas nações rivais: Inglaterra e Escócia. Independentemente da força moral que é atribuída às personagens, nesse caso, a representação do patriotismo está inclusive na distinção religiosa entre as duas rainhas. De qualquer forma, do ponto de vista nacionalista, o texto defende as duas nações: Maria Stuart morre, mas é superior espiritualmente a Elizabeth, que representa a dominação pela força, mas é atormentada por sua ganância e baixeza.

Obviamente, o Nacionalismo mudou de aspecto com o avanço cultural do século XIX. O contexto social, impulsionado pela indústria, mudou rapidamente e, a cada década, era diferente. De forma que, se no início do século, o Nacionalismo e a representação cultural eram partes de um mesmo contexto, em meados do século, o Nacionalismo já era uma plataforma



política e/ou uma representação partidária. Se, no início do (deixe como eu escrevi) , era parte do ideal cultural, no final dele já era modelo de opressão e de defesa de fronteiras. Não que o aspecto idealista tenha desaparecido, mas nesse ponto ele era desejo de poder e afirmação do mais forte. O idealismo não era mais estético e filosófico, mas, acima de tudo, era de força e de afirmação da supremacia racial e socioeconômica.

No período após 1830, na França, o Nacionalismo determinou profundas mudanças na constituição do poder central. Luís Felipe foi deposto por muitas causas: o povo exigia mais democracia, a corrupção predominava em seu governo e favorecia uma minoria abastada, os católicos estavam descontentes com a atitude anticlerical do rei e o socialismo se disseminava entre o proletariado industrial, etc. Ao lado desse descontentamento generalizado estava outra causa: um nacionalismo frustrado. O rei governava em favor do comércio, e a França se eximia de se envolver em qualquer guerra que ameaçasse a prosperidade. Essa conduta do governo impediu, de certa forma, o socorro aos poloneses contra a Rússia e aos italianos contra a Áustria. Mais que isso, frustrou o patriotismo popular que queria ver a França novamente como uma nação líder entre as potências da Europa.

A queda de Luís Felipe e a ascensão de Napoleão III giraram em torno do Nacionalismo. Luís Napoleão foi eleito em 1848 por uma maioria esmagadora. Muitos historiadores dão como principal causa dessa vitória incontestável o fato de ele ser sobrinho de Napoleão Bonaparte. O nome de Napoleão, para a grande maioria dos franceses, patriotas e entusiastas da nação, era símbolo de glória. Luís Napoleão alcançou a posição de imperador fazendo uso de medidas populistas e nacionalistas. Foi deposto depois de uma campanha desastrosa na guerra contra a Prússia.

Em nenhum aspecto ou caso pode ser afirmado que o Nacionalismo do início do século ou o da segunda metade

do século era bom ou ruim. Não há esse juízo de valor em questão, ambos são aspectos de um mesmo todo. No início do século XIX, em todo o plano intelecto-moral predominava a valorização do aspecto espiritual e individual. Então, o Nacionalismo só podia existir enquanto sentimento particular em cada indivíduo. Ao final do século, todo o contexto privilegia os aspectos sociomorais. O Nacionalismo acompanhou essa evolução como parte do contexto. Em todos os aspectos da cultura vigente, e também no Nacionalismo, predominaram os interesses da coletividade.

É essa a razão da diferença tão gritante entre o Nacionalismo do Romantismo do início do século XIX e o Nacionalismo do Realismo/Naturalismo e principalmente do Simbolismo no final do século, que dividia o mundo entre oprimidos e opressores.

Assim, o Nacionalismo é mais um dos aspectos da cultura do século XIX que evoluiu de um plano voltado para o indivíduo para um plano de atuação sobre o indivíduo, privilegiando os aspectos coletivos. O ideal passou da busca da perfeição estético-moral individual para a busca do aperfeiçoamento coletivo e de autoafirmação patriótica. Acima de tudo, o ideal era impor o poder da nação ao inimigo externo. Essa luta para impor-se às outras nações aconteceu de todas as formas: dominação política, cultural, comercial, econômica, etc.

# O estudo da linguagem por Humboldt

### I. HUMBOLDT EM SEU TEMPO

Wilhelm Karl von Humboldt nasceu em Potsdam em 1767 e morreu em Tegel em 1835. Entre os eventos importantes que viveu, estão a Revolução Francesa de 1789, as guerras napoleônicas e as guerras franco-prussianas. Presenciou os debates da constituinte francesa, logo após a Revolução Francesa. Participou da elaboração de uma constituição do governo prussiano e da fundação de várias universidades, dentre as quais a Universidade Livre de Berlim, cujo primeiro estatuto é de sua autoria. Sua obra pode ser dividida em duas fases: até 1818, quando deixa a vida política, e a partir de 1818, período que dedicou aos estudos linguísticos.

Idealista, tanto com relação aos assuntos de Estado quanto em relação a outros assuntos, Humboldt colocou no conteúdo de sua obra a essência do pensamento de seu tempo, ou seja, o idealismo estético. Humboldt conviveu com todos os importantes movimentos culturais literários da Prússia dessa época, quais sejam o *Sturm und Drang*<sup>11</sup>, o Classicismo e o Romantismo.

Na primeira fase de sua obra, período em que se dedicou à política, principalmente à política de relações exteriores, Humboldt expressa o desejo de liberdade e modernidade que caracterizou os clássicos e os românticos da primeira fase. Os escritos políticos que redigiu, entre 1791 e 1800, são marcados por ideias de um Estado menos autoritário e um cidadão mais livre e protegido.

---

<sup>11</sup>*Sturm und drang – tempestade e ímpeto*, movimento liderado por Goethe e Schiller, que precede o Classicismo e o Romantismo prussianos. Tomou forma na segunda metade do século XVIII e se caracterizou como um movimento típico de jovens que querem modificar, para melhor, o mundo.

O contexto em que Humboldt viveu apresenta características bastante singulares. A Prússia do período tinha duas classes sociais distintas: a classe aristocrática, à qual pertenciam os filósofos, e a outra, a classe dos cidadãos comuns, que vivia miseravelmente e que, na segunda metade do século, emigraria em grande número para as Américas.

Da Revolução Francesa brotaram as ideias de um Estado mais democrático. Na poesia, Schiller e Goethe criavam personagens à procura de um mundo ideal. Existiam ainda o Racionalismo de Christian Wolff, os discursos sobre a razão de Immanuel Kant e as ideias linguísticas de Herder, que muito influenciaram as pesquisas sobre a política e a linguagem na época. Do Oriente, China, Índia, etc, chegavam novas filosofias, trazidas para a Europa pelos colonizadores.

O sânscrito, língua da Índia antiga, era a prova de que havia um passado desconhecido, anterior às nações europeias e médio-orientais antigas. Afastava mais para o passado a interferência de Deus como o criador das línguas e reafirmava o homem como centro de seu destino. Isso cabia perfeitamente nos ideais românticos, despertando o que René Gêrard (1963) chamou de “orientalomania romântica” – uma quase obrigatoriedade, entre os estudiosos da linguagem do período, de se especializarem no conhecimento da língua e da filosofia indianas e, até mesmo, chinesas.

A história da Índia antiga levava os ocidentais a um passado até então nunca alcançado, desfazendo dogmas sobre suas origens e afastando a crença de ser o hebraico a única língua originária. Humboldt argumentou ser improvável a descoberta, naquela época, de uma língua originária; para ele, provavelmente, as línguas da Antiguidade clássica teriam uma origem semelhante às línguas neolatinas.

Humboldt foi um homem envolvido nos assuntos de seu tempo. Seu trabalho está plenamente marcado pelos assuntos da cultura vigente, ou seja, o Nacionalismo, o Classicismo

prussiano/alemão, o Romantismo, a política, a “orientalismo romântico”, etc. Nesse contexto, aparecem muito fortemente a filosofia indiana, as perturbações morais e religiosas e a história e a língua nacional como modelos de representação da Pátria e do povo. O sânscrito é apresentado por Humboldt como a fórmula linguística a ser observada e “imitada”: essa era a língua que, para ele, revelava do melhor modo o mundo para o homem e a que melhor o ajudava a pensar.

Seus conceitos estão sempre direcionados para a busca de uma perfeição estética para a vida individual. A língua é um modelo que pode ser aprimorado pelo indivíduo, desde que esse indivíduo se dedique ao aperfeiçoamento de si mesmo. A língua é o reflexo da perfeição da nação, e o discurso é o reflexo da perfeição do indivíduo. De qualquer forma, a perfeição estética, tanto na língua quanto no discurso, pode ser controlada pela dedicação individual na transformação para melhor do modelo existente.

## 2. A OBRA E O IDEALISMO

Humboldt se mostra diferente dos outros comparatistas na intenção de sua obra. Da mesma forma que todos os pensadores do período, ele estava profundamente preocupado em estabelecer a origem da linguagem. Particularmente, a obra de Humboldt se destaca das outras por pesquisar intencionalmente uma fórmula teórica que demonstrasse o processo de organização sistêmica da língua. Ele não fez comparações entre diversas línguas pura e simplesmente, mas tentou desenvolver a partir delas uma fórmula que expusesse o processo da organização linguística.

A sociedade em que Humboldt viveu começava a sair de um sistema político totalitário, centrado num poder hierárquico monarquista que durava muitos séculos. Esse poder

que foi implantado na Idade Média tinha características muito singulares quanto à sua relação com o indivíduo e cidadão. A exploração praticada pela classe aristocrática manteve o povo na ignorância e na escravidão. Foi durante o século XVIII, com a evolução do Iluminismo, que o povo, aos poucos, tornou-se mais esclarecido e começou a cobrar um espaço para uma participação mais ativa e valorizada dentro da sociedade. O ponto alto dessa reação contra a desvalorização do indivíduo foi a Revolução Francesa.

Dessa forma, durante o século XVIII, o poder centralizado num só indivíduo e aristocrático foi cada vez mais ameaçado. E o indivíduo comum não estava mais absolutamente à mercê das forças do rei ou da nobreza. A Revolução Francesa inaugurou um poder por representação, baseado no sufrágio masculino. Além disso, o poder que surgia era em grande medida orientado pela opinião popular, e as classes sociais tinham suas divisões ameaçadas e, finalmente, era possível transpor seus limites. Mesmo que em realidade essa transposição social fosse difícil de acontecer, ela já era possível.

Humboldt foi educado na segunda metade do século XVIII. Esses elementos de contestação do poder hierárquico e a ascensão e valorização dos sentimentos dos indivíduos foram marcas registradas de sua formação filosófica e moral. Essa marca estética está muito clara em seus *Escritos políticos*, nos quais defendeu abertamente a valorização do indivíduo e cidadão e o arrefecimento do controle estatal.

Falar em estética ou moral para o período significa a valorização dos elementos encontrados numa hipotética perfeição moral. Essa perfeição moral ou estética criou dois extremos para o modelo dos sentimentos dos seres humanos: o sensível e o estético. A forma esteticamente perfeita requeria o afastamento dos sentimentos de tudo aquilo que fosse moralmente condenável, ou que estivesse causando ou levando o ser humano a praticar atos que o aproximassem de uma condição

animalesca. A fórmula ideal de ser devia ser conquistada por todos os seres que desejassem a perfeição estética. Na literatura, esse plano ideal era representado por personagens que tinham em sua essência sentimentos mais puros, que tocavam um plano acima do terreno e mais próximo do divino.

Humboldt criou um modelo linguístico no qual o indivíduo, através do exercício do pensamento abstrato, pode alcançar planos de perfeição cada vez mais próximos do ideal estético para aquela situação linguística. Assim, a língua tem uma fórmula perfeita para vincular o pensamento abstrato de qualquer um de seus falantes nativos.

Perfeito, nesses casos, não é oposição a imperfeito. Todas as línguas apresentam a fórmula exata que o povo que a fala tem de capacidade de abstração intelectual: quanto mais perfeito for o pensamento abstrato, ou seja, o uso da inteligência por um povo, melhores recursos sua língua terá para ajudá-lo a pensar. É o pensamento do povo que aperfeiçoa a forma da língua. Por sua vez, a língua do povo favorece o desenvolvimento das ideias na medida da capacidade de língua que os indivíduos falantes têm no ato de produção do discurso. Então, quanto mais o indivíduo pensa, ou seja, exercita o pensamento, melhores recursos tem para pensar, uma vez que o pensamento é materializado em forma de linguagem e os recursos da língua se aperfeiçoam no indivíduo com o exercício. Dessa forma, numa cadeia de causa e consequência, do desenvolvimento do pensamento ocorre o desenvolvimento da língua, que, por sua vez, está à disposição do pensamento para ele se desenvolver.

Todas as línguas são perfeitas, cada uma espelha na mais exata medida a força estética-moral e formal da cultura do povo que a fala. Por esse prisma, a língua é sempre perfeita, porque reflete na materialidade do discurso o pensamento do indivíduo. Mas em ocorrendo evolução estético-moral e formal no contexto da nação ou no pensamento do indivíduo, a língua tem latente em sua estrutura todos os recursos necessários para

satisfazer essas novas necessidades intelectuais. Ela está sempre pronta a se reorganizar e tem sempre recursos para se reorganizar e oferecer ao indivíduo os recursos que ele necessite.

A linguagem está profundamente imbricada na evolução espiritual da humanidade, à qual acompanha em cada etapa de seu progredir ou decair aqui e ali, e nela se reconhece o grau de cultura alcançado em cada instante. Tem sem dúvida uma época da qual tão somente nos é dado contemplar a linguagem, de modo que esta se apresenta nós não como acompanhante da evolução espiritual mas ocupando lugar dela. Pois a linguagem nasce do mais profundo da humanidade, e isto mesmo proíbe em todo tempo e lugar tê-la realmente por obra e criação dos povos. É-lhe própria uma atividade que nasce dela mesma, que se oferece a nossos olhos com toda evidência, porém cuja essência não admite explicação, de modo que, visto por este lado, a linguagem não é produto da atividade do homem mas uma emanção espontânea do espírito; não é obra das nações mas um dom que lhes tem sido outorgado por seu próprio destino interior. Elas se servem dela sem saber como tiveram chegado a dar-lhe forma (HUMBOLDT, 1990, p. 27-28).

O indivíduo pode alcançar a perfeição linguística. Ele precisa se esmerar em praticar sempre, do melhor modo possível, a língua que fala e sempre o mais próximo possível do ideal linguístico desejável. Assim, o indivíduo, através do exercício do pensamento abstrato, pode galgar situações linguísticas sempre mais perfeitas. A perfeição, portanto, é de seu pensamento. É nesse sentido que toda língua é perfeita, porque ela é a exata medida do pensamento abstrato que a produziu. O indivíduo que pensa melhor pratica uma língua mais perfeita que os outros.



Quando se observa uma linguagem produzida por um indivíduo, pode-se ver em seu discurso sua personalidade. Seu discurso está sempre pleno de seus sentimentos, de suas angústias e de suas experiências individuais. Quanto mais a linguagem estiver circunscrita à razão individual de um ser, mais evidente ficam em seu discurso suas características espirituais.<sup>12</sup> Quanto mais universalizado o discurso, mais ele permite que o indivíduo produtor se afaste de suas experiências particulares e se aproxime das experiências coletivas.

As proporções de afastamento e aproximação que o indivíduo faz de si mesmo em seus discursos podem ser intencionais ou ocasionais. Um discurso em que o indivíduo queira evidenciar sua capacidade de dominar a linguagem que utiliza pode chegar aos limites mais profundos da individualização discursiva. Essa individualização do discurso pode torná-lo incoerente para uma grande parte da humanidade, se não para a humanidade inteira. Num discurso assim, mesmo aqueles indivíduos que seriam capazes de acessar essa inteligência só o conseguiriam por meio da análise, provavelmente fazendo uso de um talento também bastante individual.

Quando o discurso é ocasional, em geral, ele está vinculado aos sentimentos, que não estão profundamente amarrados pelas rédeas da inteligência. Nesse caso, pode-se pensar

---

<sup>12</sup>A palavra *espírito* e suas derivadas assumem, em Humboldt, sobretudo em sua obra linguística, um conceito que pode ser dito material, ou seja, o conceito para essa unidade sonora que está vinculada à existência humana significa inteligência e pensamento, e, às vezes, a energia vital. Assim, o espírito da língua é uma forma materializada do comportamento linguístico nacional, reconhecível pelos seres humanos. O espírito é a energia que impulsiona a matéria. Sem ele não existe movimento ou vida na matéria, ou seja, quem tem vida é o espírito que atua na matéria. Humboldt concebe a língua composta desse modo: ela é uma energia viva que se materializa pelo discurso. Os seres humanos sabem de sua existência através do discurso. A língua em sua composição corresponde à composição dos seres humanos, que a fizeram segundo as regras da natureza em geral, da qual tudo que existe neste planeta é parte.

que a linguagem produzida no discurso tem um valor muito mais catártico que intelectual. Em geral, os discursos diários se encontram nesse nível.

Pode-se chegar a conclusões sobre o conjunto de elementos que nortearam a existência de uma vida através da verificação da forma da linguagem utilizada pelo indivíduo. Em geral, os elementos que norteiam as vidas estão caracterizados em todas elas. Desse modo, pode ser encontrada uma infinidade de relações entre os indivíduos, e mais semelhantes são suas linguagens e seus discursos quanto mais próximas no tempo e espaço suas existências tiverem estado.

*Por mais estreita que deva ser a relação entre a análise da língua, a busca de seus laços de união com outras línguas emparentadas e a explicação de sua estrutura — só executável por esta via — por um lado, e o tratamento filológico dos monumentos literários, por outro, trata-se, sem dúvida, de duas orientações diversas do estudo da linguagem, que se apoiam em talentos diferentes e produzem também inevitavelmente resultados diferentes. Talvez não fosse desacertado fazer uma distinção entre Linguística e Filologia, reservando para esta última o significado estrito que até agora se consolidou atribuir-lhe, porém nos últimos anos veio a se estender, sobretudo na França e Inglaterra, a qualquer estudo de qualquer língua. Em todo caso, uma coisa é certa: que o tipo de linguagem de que estamos falando aqui tem de apoiar-se necessariamente num tratamento filológico, no pleno sentido que acabamos de dar a este termo, dos monumentos literários (HUMBOLDT, 1990, p. 223).*

É necessário falar na importância que Humboldt atribuía ao ensino da língua materna para o povo: quanto mais culto, ou melhor, quanto mais e bem o povo souber sua língua, mais

capaz de criar-pensando<sup>13</sup> ele será. O desenvolvimento da língua, entre outras coisas, leva até os indivíduos o conhecimento dos detalhes culturais que compõem seu mundo e o mundo de todas as pessoas. Isso quer dizer não só conhecer, mas também entender e refazer aquilo que, no contexto social, não estiver bom — o que, pelo menos em tese, é muito bom.

É certo que, quanto mais o indivíduo estuda sua língua, mais recursos seu pensamento tem para ser desenvolvido e para desenvolver a própria língua. Isso vai além desse círculo, quando se pensa que tudo o que é materializado no universo das coisas foi antes materializado em forma de linguagem: o pensamento elabora uma ideia em forma de linguagem e para esse processo de idealização basta um único indivíduo; no momento, porém, em que ela já esteja formalizada como linguagem, outros indivíduos podem acessá-la, tornando possível que essa ideia seja transformada num objeto material. Deve ficar formalizado claramente que, uma vez produzida a ideia, ela tem vida própria, não sendo mais propriedade ou representação do indivíduo que a produziu, muito embora possa ser nela reconhecido o estilo ou a *personalidade estilística* do indivíduo.

Assim, a nação pode e deve agir no sentido de corrigir e aperfeiçoar a língua que seu povo pratica. Para isso, ela deve investir na evolução intelectual de seu povo: quanto melhor for a produção do pensamento estético de um povo, tanto melhor será a qualidade da língua praticada. Educar o povo, nesse sentido, é atuar em sua condição moral e intelectual, e a melhor forma de educar o povo é ensinando a ele sua língua materna.

---

<sup>13</sup>Processo de produção comum a todos os seres humanos. A afirmação desse processo demonstra que tudo aquilo que for obra de um ser humano, antes de se tornar matéria, foi organizado em forma de linguagem; logo, a criação de qualquer objeto ou ideia acontece no pensamento através da linguagem. Desse modo, uma língua com recursos formais perfeitos favorece muito mais o pensamento de seus falantes do que uma que tem recursos limitados.

A ação da nação, educando o povo, obterá resultados múltiplos quanto à perfeição da forma tipológica da língua-nacional.<sup>14</sup> Forçando o aperfeiçoamento do pensamento abstrato no povo, esse esforço retornará à língua como aperfeiçoamento de suas formas gramaticais: quanto mais o pensamento age nas formas da língua, mais abstratas e cristalizadas elas ficarão, e retornarão ao pensamento como impulso para ajudá-lo a melhor pensar.

O Romantismo criou inúmeros exemplos na literatura que demonstram que, na sociedade do início do século XIX, valorizava-se o indivíduo mais perfeito do ponto de vista moral e estético. Essa perfeição interna transcende do plano espiritual para o plano material. Essa relação faz com que a beleza interna acabe por deixar bela a aparência física. Assim, a perfeição linguística no pensamento transparece no discurso. O pensamento perfeito gera um discurso perfeito. Essa explicação de Humboldt se encaixa perfeitamente na fórmula cultural romântica de pensar.

Essa busca pelo ideal estético da fórmula linguística praticada em discurso, inspirada na cultura romântica, está por toda a obra de Humboldt. Ela encontra base não só na valorização dos sentimentos e pensamentos do indivíduo, derivada da reação contra o despotismo estatal, como também na própria evolução dos indivíduos durante o Iluminismo. Assim, a sociedade, por fim, reconhecerá a força do pensamento e dos sentimentos individuais.

É importante pensar no papel que a nação tinha para Humboldt. Evidentemente, o conceito de nação que Humboldt transmitiu estava profundamente arraigado nos sentimentos prussianos: clássico e romântico. A fórmula idealizada do conceito de língua é sempre reflexo ou sempre reflete a

---

<sup>14</sup>Conjunto cultural organizado linguisticamente, no qual está incluído tudo o que compõe o território nacional. Ela está como um reflexo no espelho para o espírito-nacional.

forma idealizada do conceito de nação. Na verdade, a perfeição da língua de uma nação é sempre reflexo da perfeição do pensamento abstrato nessa nação.

A nação é um grupo coeso de interesses. Todos os indivíduos que participam de qualquer uma de suas partes estarão interessados em assuntos nacionais que dizem respeito a todos. Esse conjunto de interesses é regido principalmente pelo amor à Pátria e é estabelecido basicamente pela língua-nacional. Em qualquer parte da nação em que o indivíduo more, ele se sentirá irmão de qualquer indivíduo em qualquer parte da nação. Os indivíduos, dentro de uma nação, vivem, muitas vezes, muito mais distanciados espacialmente do que em relação a indivíduos de outras nações. No entanto, a distância espacial nada significa quando se trata do amor à Pátria.

Esse fenômeno da identificação ou do afastamento entre os indivíduos é estabelecido através da língua, único armazém cultural que os seres humanos possuem. A língua reflete tudo aquilo que a nação é, foi ou será. Ela torna a nação possível: não poderia existir uma nação sem uma língua-nacional, porque a língua reflete o espírito do povo (*espírito-nacional*) e o espírito do povo está inteiramente espalhado pela língua. Língua e espírito-nacional são a mesma coisa. E ocorrendo uma mudança qualquer, em qualquer parte do espírito-nacional, a língua imediatamente a assimilará, porque nada é pensável sem a língua. Então, por meio da língua é criado o espírito-nacional, que possibilita a existência da língua. Ela é o reflexo do espírito-nacional, e é parte integrante e inalienável dele, porém, ele só é possível através dela.

Desse modo, dentro de uma nação, mesmo que existam milhares de grupos, eles só existirão se o espírito-nacional, do qual fazem parte, os aceitar. Qualquer elemento que desviar dos elementos aceitos nacionalmente como regra, tenderá a ser eliminado. Então, qualquer grupo que exista na nação fala a língua da nação; qualquer indivíduo, cidadão dessa

nação, poderá fazer parte desse grupo, ou melhor, qualquer indivíduo falante da língua-nacional, conhecedor do espírito-nacional, poderá compor qualquer grupo da nação.

Por outro lado, a sociedade funciona como um organismo com independência espiritual todas as instituições nacionais, inclusive e principalmente a língua, apresentam uma independência que é característica somente nos seres animados. A língua, assim, apresenta uma forma interna e uma externa. Ela é reflexo do espírito-nacional: todos os sentimentos, crenças, valores, etc, que caracterizam o espaço cultural, geográfico e físico em geral, estão representados na língua. Dessa forma, se a língua é o desenvolvimento linguístico materializado do espírito do povo, o discurso do indivíduo é a forma externa de sua forma linguística interna. Seu discurso reflete seu estado espiritual. A valorização da forma individualizada, derivada da valorização do indivíduo, atinge todos os conceitos de Humboldt. Por esse ângulo, encontra-se em sua obra uma íntima relação entre a vida do ser humano, a forma da língua, da nação etc: tudo tem uma forma espiritual ou intelectual e uma forma materializada ou física.

Assim, na sociedade que Humboldt viveu, o modelo a ser seguido era de valorização da forma subjetiva de ser. Dessa forma, os valores da razão sempre estarão circunscritos aos limites da preservação dos valores individuais. Mesmo sabendo que a sociedade castigava o povo, os pensadores românticos acreditavam num modelo divino perfeito para tudo e lutavam para que esse modelo alcançasse a realidade terrena.

Os conceitos linguísticos de Humboldt e também os políticos demonstram a relação da perfeição idealizada e hipotética com a forma concreta e deficiente da realidade. Ele incentivava a busca da perfeição estatal e da perfeição linguística. É esse modelo linguístico, que está na mente dos indivíduos, que Humboldt queria explicar, certamente para ensinar.

*Sem dúvida as individualidades imersas numa mesma nação ficam escondidas numa uniformidade nacional que é responsável por que cada maneira de sentir dentro dele difira de sua homóloga num povo distinto. Desta uniformidade, assim como da maneira como cada língua estimula a seus falantes, é de onde nasce o caráter de uma língua. Cada língua recebe da peculiaridade de sua nação sua própria energia, e atua por sua vez uniformemente sobre a nação determinando-a. É verdade que o caráter nacional é sustentado e ainda reforçado pela comunidade de assentamento e atuação; num certo sentido incluído poderia afirmar-se que é daí de onde nasce. Porém, em seu sentido mais genuíno repousa sobre a identidade de uma disposição natural que se costuma explicar como circunscrita à comunidade de procedência (HUMBOLDT, 1990, p. 219).*





# Os estudos de Whitney: a vida da língua

### I. WHITNEY EM SEU TEMPO

O auge da carreira de Whitney poderia ser apontado como o livro *The Life and Growth of Language* (1875) – inicialmente escrito e publicado em inglês, e vertido pelo próprio autor para o francês (*La Vie du langage*). O livro parece ter alcançado grande sucesso, pois, no mesmo ano, foi traduzido para o alemão e o italiano.

Whitney é considerado um neogramático e sua obra está envolvida pelos elementos da segunda metade do século XIX. O texto discute e demonstra as dificuldades que o Professor Whitney enfrentava em seu dia a dia. Suas pesquisas se relacionavam com a necessidade de compreender o processo de aprendizagem e os mecanismos que podem ser usados para compreender e até controlar a aprendizagem das línguas por parte das crianças.

É preciso fazer ainda algumas comparações entre as diversas fases da Era Romântica para que se possa entender em que medida a obra de Whitney representa seu tempo. Na segunda metade do século XIX, o que estava em primeiro plano eram os elementos da realidade social, aqueles ligados aos problemas da sobrevivência da sociedade. Assim, todo sentido científico, político e econômico existia em função de melhorar a vida do homem em sociedade.

Entre a primeira metade do século e a segunda, tomando a literatura como exemplo, o que se tem é que os temas predominantes na primeira parte, chamada Romantismo, são discussões espirituais relacionadas ao bem-estar moral do homem no mundo, enquanto que, na segunda, chamada

Realismo/Naturalismo, os temas dominantes são a discussão do bem-estar físico do homem no mundo. Portanto, na segunda metade do século, dentro daquela realidade complexa, por ser urbana e industrial, as dificuldades dos homens estavam sempre relacionadas à vida em coletividade, ou seja, problemas exteriores, que os atingiam de fora para dentro, como necessidades básicas.

Nesse momento a ciência buscava soluções para os malefícios do viver em grandes concentrações humanas. A obra de Whitney se encaixa nesse ponto, na busca da solução para o processo de aprendizagem linguística – na verdade, uma tentativa de melhorar a eficiência do ato de ensinar.

Quando se olha para os estudos sobre a linguagem realizados pelos comparatistas e neogramáticos, pode-se ver que os temas do final do século ainda eram a origem da linguagem e o indo-europeu. O sânscrito ainda era estudado por muitos linguistas, a exemplo de Whitney e Saussure, mas esses estudos tinham, evidentemente, motivações práticas. Não havia mais a definição idealista do modelo perfeito de linguagem, mas uma procura pela explicação do processo básico de existência da linguagem e da língua enquanto veículo de comunicação social.

O que é evidente na evolução do homem durante o século XIX é que ele partiu de uma discussão dos elementos espirituais e morais, ligados à emoção, e chegou, no final do século, a discutir sua existência social no mundo, até mesmo do ponto de vista espiritual, moral e emotivo – tanto como afirmação quanto como negação do sistema. Assim, a discussão no final do século era baseada na ação exclusiva da Razão. Desse modo, ao longo do século XIX, os elementos abstratos e concretos do mundo foram cada vez mais dominados pela racionalidade.

## 2. A LEI DO MENOR ESFORÇO<sup>15</sup>

Whitney viveu numa sociedade que estava em pleno processo de formação. Como todos os países das Américas, apesar de ter sido o primeiro, os Estados Unidos também tiveram seu caráter social, político e linguístico formado no século XIX. Porém, por mais distantes ou isoladas que as Américas estivessem da Europa, o movimento sociocultural seguia os mesmos modismos. As diferenças, entretanto, existiam e estavam ligadas à composição da população. Um contingente enorme de imigrantes chegava de todas as partes do mundo às novas terras.

Essa massa de novos habitantes falava as mais diversas línguas. Com eles traziam o que sabiam, mas como todos os novos países, nos Estados Unidos tudo estava por ser feito, inclusive a cultura. Dessa forma, por mais resistente que tenha sido a língua oficial, ela certamente assimilou elementos culturais novos e assumiu modificações causadas pela ação de pronúncias vacilantes. Desse modo, foi criada uma imensa variedade de sotaques.

Na chegada do migrante, no esforço de aprender o novo idioma, a tendência dessa massa de falantes, devido às dificuldades em assimilar tanta informação rapidamente, é reduzir a um número mínimo possível, as formas que devem ser usadas. É assim que, nos tempos verbais, os aspectos mais complexos tendem a ser substituídos por formas mais comuns e frequentes.

Whitney era professor de inglês para nativos de língua inglesa. Dessa situação, ele extraiu a metodologia que aplicaria no desenvolvimento de suas pesquisas. Todo o seu trabalho foi baseado na observação empírica do desenvolvimento

---

<sup>15</sup>Implica que todo o processo de transformação realizado pelos seres humanos constitui uma tentativa de diminuir o esforço dispendido para a realização dos atos.

do processo linguístico. Seu objetivo, ao fazer as pesquisas, era extremamente prático e racional. Apesar das críticas que Saussure fazia quanto à metodologia de seu trabalho, Whitney desenvolveu uma pesquisa interessada em resolver problemas que o afligiam em seu dia a dia. Ele vivia num país onde as circunstâncias educacionais eram bem mais precárias que as europeias.

O assunto deste livro é encontrar e apoiar em exemplos os princípios da ciência linguística, e estabelecer os resultados obtidos da maneira mais completa que o espaço de que dispomos permitir. O assunto ainda não está muito elucidado porque contém vários pontos controversos; mas nos eximiremos de entrar na controvérsia direta e nos esforçaremos por resumir as opiniões de maneira a fazer um todo coerente e aceitável nas conclusões. Sobretudo, não perderemos nunca de vista que, na série de tratados a que pertence esta obra, a clareza e a simplicidade são qualidades necessárias. Esperamos atingir nosso objetivo pesquisando os pontos de partida nas verdades já familiares e os exemplos nos fatos bem conhecidos. Os fatos primitivos da linguagem estão ao alcance de todos e sobretudo de todos aqueles que estudaram uma língua diferente da sua. Direcionar a inteligente atenção do leitor para os pontos essenciais, mostrar-lhe o geral no particular, o fundamental no superficial em matéria de conhecimento comum, é, acreditamos, um método de ensino que só seria coroado de bons frutos (WHITNEY, 1892, p. 5-6).

Dessa realidade social, de certa forma linguisticamente caótica, Whitney tirou exemplos: muitos imigrantes de diferentes origens linguísticas, negros escravizados na África, com diversas origens linguísticas e nativos indígenas, de muitas tribos, cada qual com uma língua diferente.

Essa realidade social também serviu a Whitney como espaço de observação para explicar o processo de importação de palavras. Ele explicou casos muito frequentes em inovações culturais, em que palavras estrangeiras são importadas; situações em que uma ação qualquer resulta na criação de uma nova forma para uma mesma ideia. Nesses casos, argumentou Whitney, pode ser que ambas as formas sobrevivam ou que uma supere a outra. Desse modo, palavras que pertenciam à tradição linguística local podem dar seus lugares para formas que sejam novas naquele contexto.

Essa maneira de mudança nas línguas, a importação, não é a única forma de criação de sinônimos. Pode ocorrer que um termo não mais seja exato para o novo objeto e uma nova forma seja necessária para o que está sendo descrito no contexto da língua. Esses casos são comuns nas inovações tecnológicas, sobretudo quando a evolução da tecnologia é muito acelerada, colocando dois objetos, derivados um do outro, concomitantemente na sociedade, obrigando a uma distinção entre ambos.

Evidentemente, todas as línguas modernas da Europa apresentam inúmeros exemplos de palavras importadas. Em qualquer uma delas podem ser encontrados casos de importação por razões de inovação tecnológica, por fato social novo, pela entrada na cultura de um objeto desconhecido e derivado de outras terras e outros climas, etc. Whitney encontrava-se numa situação peculiar para observar esses fenômenos: o inglês em seu país, além de trazer toda a tradição da colonização inglesa, estava passando por uma peculiar adaptação nos Estados Unidos. São das observações que Whitney fez em Massachussetts, nos Estados Unidos, da mistura de culturas (europeias, orientais e autóctones), que caracterizam os países americanos, de onde ele tirou suas conclusões sobre o processo de importação e de adaptação de termos estrangeiros no novo contexto linguístico.

Whitney explicou as causas e os motivos da importação de termos. O recurso do empréstimo acontece por muitas razões, e é necessário na língua de povos cujo desenvolvimento intelectual não foi plenamente atingido. Num determinado momento, esse povo passa por uma transformação em seu nível de exigência intelectual e sua língua não oferece os recursos necessários. Então, se um povo não alcançou ou não exigiu de si o desenvolvimento intelectual e muda de atitude numa determinada época, o natural desenvolvimento da arte e da ciência, a partir dessa mudança, cria uma necessidade de novos termos, exigindo soluções do pensamento. Invariavelmente, o recurso é a importação de termos apropriados de línguas que os possuam. Parece ser natural no comportamento linguístico que, na falta de termos técnicos adequados para determinadas necessidades, que não podem ser derivados na própria língua, os povos os busquem onde eles existam.

Assim, segundo Whitney, são muito comuns os empréstimos de termos técnicos, que pouco afetam a vida dos falantes comuns; quando, entretanto, eles são popularizados, recebem o mesmo tratamento das palavras da própria língua. Verbos muito raramente são emprestados, porque são de difícil emprego e aprendizado. Prefixos e sufixos também são difíceis de serem emprestados, porque são formas relacionadas à organização gramatical da língua; do mesmo modo e pelas mesmas razões, também as declinações. Nunca, ou muito raramente, modelos gramaticais são acrescentados por empréstimo de uma língua para outra. Logo, por mais palavras estrangeiras que uma língua possa ter, ela continua fiel a sua forma gramatical original.

Quanto ao elemento da forma gramatical, Whitney conhecia dos comparatistas as explicações do modo como a língua recebe os acréscimos linguísticos e como ela adapta as inovações a suas estruturas e tipologia. Nada que seja diferente da forma original da língua é aceito por ela. Os meca-

nismos da língua possuem uma exata regularidade, de forma que o que foge a essa regularidade é eliminado do contexto.

Humboldt e os comparatistas explicaram muito bem as possibilidades tipológicas das línguas da Terra. Dessa forma, como Whitney estudou profundamente a obra de Humboldt e de outros comparatistas, tinha um campo linguístico único para ser estudado à sua disposição: línguas flexionais europeias e isolantes orientais, que chegavam ao seu país com os imigrantes, e línguas incorporadoras, faladas pelos indígenas nativos.

Mas o comparatismo já ia longe e Whitney, diferentemente dos europeus, não podia estar preocupado com a *origem* de sua língua. Apesar de ter sido educado à maneira dos europeus, ter estudado sânscrito como todos os europeus, ter estudado na Alemanha e ter sido aluno de Franz Bopp, o comparatismo e a preocupação em determinar a origem das línguas não podiam existir nesse americano que via seu país dividido numa luta entre Norte e Sul. Seu interesse estava ligado às necessidades práticas do professor Whitney.

É por essas circunstâncias – variadas formas linguísticas, cultura particularmente em formação, ser professor de gramática – que Whitney desenvolveu pesquisas sobre temas como modificações nas formas e nas palavras das línguas, o processo de aprendizado da língua na criança, o processo de aprendizado de uma língua estrangeira.

1º Alteração dos velhos elementos da linguagem; mudança nas palavras, que se conservaram como substância da expressão, e mudança de duas maneiras: primeiro, mudança do som articulado; em seguida, mudança de significação: as duas, como veremos, podem se produzir juntas ou separadamente. 2º Destruição dos velhos elementos da linguagem; desaparecimento do que estava em uso e isso de duas maneiras também: então, perda de palavras inteiras; em seguida, perda das formas gramaticais e das distinções.

3º Produção de elementos novos; adição aos velhos elementos de uma língua ao lado de nomes novos ou novas formas; expansão externa de recursos da expressão. Esta classificação é evidentemente completa. Não há mudança possível que não se inclua sob uma destas três denominações e que não pertença a uma destas três classes (WHITNEY, 1893, p. 44).

É importante verificar que Whitney conceituou a língua como uma instituição concreta, como qualquer outra existente na sociedade e, por isso, ela deve e pode ser aprendida do mesmo modo que qualquer uma dessas instituições. Por ser igual às outras instituições, a língua também é transmitida de uma geração para outra.

Whitney escreveu que o indivíduo aprende sua língua quando recebe daqueles que cercam os signos articulados que a compõem e, a partir desse ponto, formula suas próprias concepções de uma maneira concordante com esses signos. É assim que as línguas sobrevivem: se o processo de transmissão for interrompido, a língua morre.

O mesmo Whitney afirmou que não se caracteriza somente pela conservação. A língua está diretamente relacionada a movimento: caracteriza-se por estar em constante formação.

“toda língua viva está em via de formação e de mudanças continuadas. Em qualquer lugar do mundo, se encontramos ao lado da língua em uso monumentos da mesma língua que remontam a uma época anterior, as diferenças entre o idioma atual e o idioma passado serão sempre maiores se esses monumentos forem mais antigos” (WHITNEY 1880, p. 27 ).

O que se pode concluir é que existe uma resistência de conservação no contexto linguístico, mas os indivíduos sempre agem no sentido de adaptar sua língua a suas necessida-



des, provocando mudanças. Então, nas sociedades em que os indivíduos permanecem muito fechados, as mudanças tendem a ser lentas; por outro lado, naquelas que interagem com muitos povos com muita frequência, elas se modificam mais.

Valendo-se da observação dessas circunstâncias socioculturais, Whitney separou a língua da linguagem. O indivíduo tem uma capacidade linguística que carrega consigo, e ele aprenderá uma língua todas as vezes que essa capacidade for posta em movimento. Assim, o aprendizado linguístico é igual a qualquer outro, é feito pela experimentação. Essa experimentação poder ser realizada de diversos modos: pelo processo didático escolar, pela convivência com outros falantes, etc – mas sempre por um processo de transmissão do conhecimento de um falante mais experiente para um menos experiente. “A linguagem é, em suma, a manifestação mais evidente das altas faculdades do homem, aquela que mais influi sobre as outras, e é este conjunto de altas faculdades que se chama vagamente de razão” (WHITNEY, 1880. p. 250 ).

A sociedade em que Whitney viveu estava em franco processo de industrialização. Assim, é evidente que, no contexto, a ciência se esmerava em criar elementos que resolvessem os problemas derivados da industrialização e que ajudassem no processo de evolução dessa indústria. Se era cobrada do cientista uma atitude racional com vistas a resolver as dificuldades da indústria nascente, certamente todos os cientistas, mesmo aqueles que estivessem fora do eixo da indústria, como Whitney, fossem contaminados pela ideia de ser racional e explicar tudo o que se apresentava no contexto social a partir da realidade concreta. Não havia razão para afirmar que “a linguagem trazia elementos espirituais inexplicáveis”, como afirmou Humboldt. Em se tomando o contexto cultural modernizado e racional como parâmetro para observação dessa afirmação, certamente ela fica parecendo profundamente ridícula e fantasiosa.

Mas não se deve esquecer de que Whitney tinha a sua disposição todos os estudos dos comparatistas e que, ao tempo da publicação de *The Life and Growth of Language*, a neogramática já era, há muito tempo, a principal corrente de estudos linguísticos. Além de poder conhecer a obra dos comparatistas, Whitney tinha a seu dispor os avanços da neogramática: uma visão prática da ciência da linguagem e uma metodologia voltada para a forma materializada da língua.

Whitney não tinha dúvidas: o estudioso da linguagem, ou a Linguística enquanto ciência, tinha seu papel determinado pelo espaço que era destinado a ele dentro da sociedade. Enquanto ciência, e uma vez sendo ciência, a Linguística recebeu uma incumbência social, ou seja, a sociedade já instituíra o papel que essa força deveria desempenhar em seu seio.

Verificando o projeto de estudo de Whitney, descobre-se que cabia à Linguística estudar toda a linguagem. Porém, “toda a linguagem” significava não só a expressão do pensamento, mas também os elementos constituintes e a organização sintática, isto é, estudar a forma e o conceito.

Durante o estudo dessa constituição básica da forma e do conceito, a Linguística deve perguntar sobre a origem e a causa das variedades ou da diversidade da linguagem, levando em consideração a relação que a linguagem tem com o pensamento, já que são estruturas completamente imbricadas uma na outra. Mas, se existe uma relação entre o pensamento e a linguagem, esse fato teve ou tem uma origem. Logo, essa origem também deve ser uma preocupação dos linguistas.

Em síntese, Whitney concebeu a linguagem em dois planos: um passado e um presente, que são complementares. Se a linguagem tem um passado e um presente, cabe à Linguística estudar e, sendo possível, determinar qual o alcance desse passado e desse presente. A língua é parte da sociedade: a função social e a razão de sua existência nessa sociedade devem, então, ser parte do estudo que a Linguística deve fazer.

De modo indireto, a Linguística tem a incumbência de estudar o progresso da humanidade, ou seja, o progresso da história das raças e as relações entre essas raças, bem como os movimentos que a humanidade realiza através de suas migrações. Logicamente, pode-se perceber que Whitney falava um pouco consigo mesmo, nessas afirmações, e um pouco com seus contemporâneos e sucessores.

Assim, o objeto de estudo da Linguística é a história da linguagem, desde seu limite mais remoto no passado, com todas as relações com qualquer fator das sociedades e com o indivíduo, mais sua forma e seu uso no presente.

Desse ponto de vista, Whitney estava numa singular situação cultural para o estudo da linguagem. Os imigrantes tendiam a simplificar o uso da língua para facilitar seu aprendizado. A industrialização exigia atitudes simples, eficientes e, principalmente, rápidas. E a sociedade urbanizada desenvolvia uma cultura prática e uma vida cara e fatigante. Nesse contexto, economizar esforço parecia ser a tônica de tudo que estivesse compondo a sociedade. Simplificar para ser eficiente; simplificar e continuar sendo eficiente – esta devia ser a fórmula mais frequente no pensamento do indivíduo.

Whitney explicou todas as mudanças linguísticas pela lei do menor esforço. O indivíduo exercita sua língua no sentido de aperfeiçoá-la. A perfeição linguística encontra razão de ser nas formas abstratas e simples e que se caracterizam por ficarem cada vez menores. Essa tendência linguística certamente sempre existiu, mas é evidente que, em sociedades isoladas, a evolução linguística é muito mais lenta. Logo, Whitney inferiu a lei do menor esforço no comportamento linguístico humano, nesse contexto, com tantos imigrantes, ainda inspirado no contexto socioeconômico da industrialização.

O caráter dessa tendência é perfeitamente reconhecível na abreviação de palavras. Não é, evidentemente,

necessária outra explicação para a contração gradual da forma que se produziu em todas as línguas. Observamos mais acima numerosos exemplos de abreviações feitas pelos ingleses na passagem que citamos: o mais flagrante é aquele de *knights* (que se pronuncia *naïts*) no lugar de *cnihtas*, no qual vimos a supressão de dois elementos da palavra, e a palavra inteira reduzida à articulação de uma só sílaba. É muito fácil ver que isso tende à simplificação do esforço, e podemos, com efeito, perceber a dificuldade que há para articular um *k* diante de um *n* pronunciando a última palavra *cnihtas* (WHITNEY, 1880, p. 42-43).

Whitney estudou sânscrito, mas, diferentemente de seus contemporâneos europeus, preocupou-se muito pouco em usar esse saber para elucidar elementos da origem cultural, moral, étnica e, principalmente, linguística. A propósito da origem linguística, sua afirmação mais significativa é a de que as línguas da humanidade, devido às características comuns a todas elas, provavelmente surgiram de um mesmo ponto.

Assim, o sânscrito aparece na obra tipicamente linguística de Whitney como uma língua estrangeira que ele aprendeu e que ensinava. No processo de ensinar a língua sânscrita certamente encontrou as razões para desenvolver uma gramática do sânscrito na forma das gramáticas das línguas ocidentais. A gramática que produziu é, até hoje, uma das mais lidas e usadas pelos sanscritistas no ensino dessa língua.

O que se percebe estudando a obra de Whitney é que ele se via envolvido, em sua profissão, com dificuldades básicas: falta de conhecimentos para resolver suas necessidades como professor. Tentou resolvê-las, estudando-as pela observação e experimentação. Inspirado por uma sociedade mecanizada e modernizada, mas muito jovem e cheia de misturas culturais, ele aplicou uma visão prática e racional para explicar e responder suas dúvidas a despeito da língua e da linguagem.

*A linguagem em cada um de seus elementos e em seu todo é antes de tudo o signo da ideia, o signo que acompanha a ideia; fazer de um outro ponto de vista do assunto o ponto de vista central é introduzir aí a confusão, é inverter as proposições naturais de cada parte. E, como a ciência da linguística se prende à pesquisa de causas e se esforça por explicar os fatos de linguagem, a primeira questão que se apresenta é a seguinte: como foi que este signo foi colocado em uso? Qual é a história de sua produção e de sua aplicação? Qual é sua origem primeira e a razão desta origem, se é que podemos descobri-la?*(WHITNEY, 1880, p. 13).



# Ferdinand de Saussure: a língua em separado

### I. SAUSSURE EM SEU TEMPO

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, Suíça, em 1857, onde morreu em 1913. Até os 14 anos morou em Genebra e estudou Física na Universidade local, seguindo a tradição da família. Por essa época, já se dedicava informalmente aos estudos do indo-europeu. Por conta de gostar mais dos estudos sobre a linguagem, mudou-se para Leipzig, onde fez o Mestrado e o Doutorado. Morou e ensinou em Paris, mas terminou sua carreira em Genebra.

O modo de trabalhar de Ferdinand de Saussure impressiona pela disposição física e mental e pela capacidade de acumular informações. Saussure é muito conhecido pelo resultado que obteve nos últimos anos de sua vida, quando era professor na Universidade de Genebra, na Suíça. Mas o trabalho linguístico de Saussure começou muito antes do desenvolvimento dos conceitos registrados no livro *Cours de linguistique générale*, publicação de 1916 organizada por Bally e Sechehaye.<sup>16</sup> Esse texto, que foi inspirado nas aulas dadas durante os anos de 1907, 1908, 1909, 1910 e 1911, é o resultado final do trabalho filológico que esse linguista desenvolveu durante toda a sua vida intelectual.

Saussure era um leitor extraordinário, com uma disposição para o trabalho muito além do que se poderia chamar de dedicação: sua maneira de trabalhar era quase obsessiva, o que pode ser deduzido de sua morte prematura causada por doenças que atualmente são consideradas com

---

<sup>16</sup>Traduzido para o português por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, prefaciado por Isaac Nicolau Salum. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1971.

fundamentação no estresse.<sup>17</sup> A riqueza de detalhes e a profundidade das informações revelam que Saussure levou ao extremo da perfeição uma metodologia de trabalho que, infelizmente, não deixou publicada enquanto metodologia, o que obriga aqueles que queiram entender seu método de estudo a fazer uso de conjecturas e deduções.

A obra de Saussure destaca-se por uma consciente perspectiva de implantar nos estudos linguísticos, um modelo metodológico que previsse uma organização absoluta e um objeto de estudo claro. Para ele, sem uma visão clara daquilo que devia ser estudado não poderia haver ciência, e sua dedicação aos estudos demonstra que foi essa a metodologia por ele praticada.

É claro que Saussure encontrava em seu meio de estudos modelos metodológicos que o inspiravam a ser preciso e exato. Além de todos os estudos que precedem o seu na história da Linguística, possuía em sua família vários cientistas, que certamente o orientaram nesse sentido. No entanto, é preciso pensar no momento histórico em que Saussure viveu. O período da segunda metade do século XIX foi quando a Europa e o mundo ocidental sofreram a mais profunda transformação do ponto de vista social: a explosão demográfica, a industrialização e, com ela, o crescimento das cidades, a mecanização dos transportes, etc. Fatores que obrigaram e motivaram a humanidade a repensar a organização de tudo aquilo que estava à sua volta. Nessa reorganização, sempre de um ponto de vista prático, tudo era voltado para o bem-estar coletivo.

Foi nessa perspectiva que Saussure desenvolveu seu trabalho científico. Ele buscava uma racionalização do modelo de estudo linguístico como fórmula de tornar mais eficiente e útil aquilo que fazia. Seu trabalho foi fazer da ciência da linguagem uma ciência de uso prático para a coletividade. Assim, deve-se entender a divisão de seus conceitos como um reflexo da sociedade em que vivia.

---

<sup>17</sup>Morreu de doenças infecciosas, com gravíssimos problemas na visão.



Nenhum ser humano do período poderia dizer que conhecia todos os elementos que compunham aquela sociedade. É certo que isso não era possível nem mesmo nas organizações medievais, que eram comparativamente muito simples. Mas a sociedade durante o século XIX ganhou um desenvolvimento tão grande em todos os sentidos, principalmente no modo de aglomeração e organização dos grupos, que todo tipo de relacionamento entre os indivíduos e com o mundo foi modificado. A organização urbana tornou a vida do grupo infinitamente mais complexa. Além disso, o contato muito mais frequente entre as pessoas, tornava os relacionamentos muito mais complexos, e um só indivíduo deixou de ser tão importante, não importando sua posição social. Assim, em meios sociais dessa natureza, todos os indivíduos são insignificantes em contraposição à sociedade.

Nessa relação entre indivíduo e sociedade está a explicação para a sistematização linguística de Saussure. A linguagem é uma capacidade inata. A língua é uma instituição coletiva, na qual a fala está incluída como a materialização da eficiência da língua. Ela reflete a sistematização cultural da sociedade e a fala é a atuação linguística do indivíduo – ou seja, a língua é coletiva, e a fala é individual. Se essa divisão for transportada para a organização social urbana do final do século, o que se mostra é a coletividade (Estado, Nação, Cidade) com suas necessidades impondo-se nas resoluções dos problemas. O indivíduo era tão somente parte dessa coletividade, para quem se deve olhar quando se quiser saber se a sociedade era ou não eficiente.

## 2. A OBRA E A SOCIEDADE

Para entender a razão dos fatos da obra de Ferdinand de Saussure é preciso ter em mente os elementos que compu-

nam a sociedade em que viveu. A Europa apresentou um rápido desenvolvimento, sob todos os aspectos, durante o século XIX. Esse desenvolvimento modificou de tal forma os aspectos humanos e naturais que tudo o que se referia à sobrevivência do ser humano e da natureza apresentava aspectos completamente diferentes do início do século.

A grande responsável por essas mudanças foi, sem dúvida, a ciência, não só como fato que compunha a sociedade, mas ela saiu do século XVIII como ocupação de “malucos”, como bem demonstra Robert Darnton em *O lado oculto da Revolução*, e, paulatinamente, chegou a orientar os rumos da humanidade no final do século.

Foi a ciência que arrancou a sociedade da clausura da ignorância e fez dela um exemplo para o indivíduo. Dessa forma, a ação da ciência no século XIX mudou completamente a perspectiva do papel social do cientista. Mudou também completamente a perspectiva do papel do indivíduo e cidadão, porque modificou os parâmetros da relação entre indivíduo e sociedade. É preciso não perder de vista que Saussure é, por assim dizer, o resultado final da evolução de um campo científico.

A partir da segunda metade do século XIX, o efeito da ciência na sociedade pode ser medido pela evolução dos transportes, da indústria e, como consequência, das cidades. Assim, no início do século, a relação entre o indivíduo e a sociedade era de, finalmente, conquistar um espaço moral e político. No final do século, a situação é outra, a sociedade já deixou de ser predominantemente rural e as cidades geravam os recursos e ditavam as regras da convivência e da sobrevivência.

No final do século, portanto, a coletividade predominava e detinha todo o poder. Ela detinha os recursos e, principalmente, o conhecimento. Desse modo, cabia ao indivíduo integrar-se com os outros indivíduos para formar parceria. Enfim, cabia ao indivíduo, obrigatoriamente, integrar-se na coletividade sem ela, ele não poderia sobreviver.

Dessa forma, a ação do indivíduo perante a sociedade não era a de dominante, mas de dominado. A coletividade predominava em todos os aspectos, na medida em que precisava proteger o grupo e não um só indivíduo. Essa sociedade foi o espaço em que a história de Ferdinand de Saussure se desenvolveu. Assim, numa comparação simples e direta, nos seus conceitos, a língua tem uma posição superior e predominante, ela representa a sociedade e o sistema, e a fala representa o indivíduo e sua ação.

Pode-se descrever o conceito de língua em Saussure como uma instituição coletiva que está distribuída para todos os falantes. Ela é um todo, distribuída inteira para cada um de seus falantes. A língua representa a coletividade, ela é, enquanto fórmula, a própria coletividade, e o indivíduo é parte integrada nela, do mesmo modo que é uma parte da sociedade. O indivíduo, dessa forma, é responsável somente por sua ação, tanto no tocante à sua vida em sociedade, quanto à materialização da língua em sua fala. Logo, linguisticamente, o indivíduo é responsável somente por sua fala. O indivíduo se integra à língua quando usa a fala, e só está integrado ao contexto linguístico da sociedade em que vive quando tiver aprendido a língua dessa sociedade.

A ação do indivíduo na língua é limitada, porque a fala não é predominante. Mas a língua não existe sem a fala, como a sociedade não existe sem o indivíduo. Desse modo, o indivíduo pode agir na língua de sua coletividade com contribuições de sua fala. Ele, no entanto, só contribuirá para a língua naquilo que os outros membros de sua coletividade, ou a própria sociedade, aceitarem e incorporarem de seu estilo.

A língua, objeto único dos estudos linguísticos, é o produto social da capacidade de linguagem humana. Isso significa que a língua é uma forma concretizada da capacidade que caracteriza os seres humanos, que é a linguagem. A língua é formada no interior da coletividade como forma estabelecida

e aceita por seus participantes. O acordo linguístico entre os indivíduos é produzido pela necessidade de comunicação que caracteriza qualquer ser humano.

*Língua e linguagem são uma mesma coisa, um é a generalização do outro.*<sup>18</sup> Nós opomos a língua à linguagem, como sendo uma parte essencial, principal, mas, enfim, ela é só uma parte da linguagem.<sup>19</sup>

Para que haja a comunicação entre os indivíduos, devem existir parâmetros que os tornem assemelhados em alguns aspectos. O processo de convencionalização dos espaços físicos e intelectuais em forma de signos permite que os indivíduos se relacionem com esse mundo material de uma maneira igual ou pelo menos muito parecida entre todos os participantes da mesma sociedade. Essas convenções significativas estão sempre categorizadas por características que são próprias daquela sociedade e daquela língua, já que sociedade e língua são instituições que se espelham.

A língua como instituição coletiva é igual para qualquer um dos participantes de seu universo de criações significativas. É um todo distribuído inteiro para cada um de seus falantes; cada fração, que é cada indivíduo, interioriza a língua inteira, porque todos possuem os mesmos elementos característicos da língua, que se concretizam em formas culturais e convencionadas de antemão. No entanto, cada indivíduo é

---

<sup>18</sup>Anotações de Emile Constantin. Biblioteca Pública e Universitária de Genebra. Caixa Ms Fr 3972. Cahier XIV, envelope n° 1, p. 8. “*Langue et langage ne sont qu’une même chose, l’un est la généralisation de l’autre.*”

<sup>19</sup>Anotações de Emile Constantin. Biblioteca Pública e Universitária de Genebra. Caixa Ms Fr 3972. Cahier XIV Segunda parte: *la langue*. Semestre de inverno 1910/1911. “*Nous opposons [opposons] la l. [langue] au langage, comme étant une partie essentielle, principale, mais enfin ce n’est qu’une partie (du langage).*”

responsável pela qualidade da língua que movimenta, ou seja, a fala é de inteira responsabilidade dos indivíduos.

Mas os conceitos linguísticos de Saussure surgiram de leituras que ele fez em outros estudiosos. Sua contribuição mais significativa para a Linguística não está em suas dicotomias ou na descrição precisa que fez das vogais do indo-europeu. É muito mais significativa que isso a própria definição da Linguística enquanto ciência que Saussure elaborou. Ele tornou a Linguística uma ciência com parâmetros exatos. É preciso dizer que ela já existia, mas estava misturada a outras ciências, confundida com elas. Saussure explicou que isso acontecia porque o objeto de estudo dessas ciências, sobretudo a Psicologia e a Sociologia, alcançava os elementos da linguagem, mais especificamente a língua, que é o objeto único da Linguística.

Seria tarefa da Linguística, antes de tudo, conhecer a si mesma. Essa afirmação faz referência ao modo de Saussure pensar o conceito de ciência: uma metodologia clara, voltada para um campo de estudo completamente definido. Essa certamente foi a maior das lições de trabalho de Saussure para seus discípulos, pois significava quais eram as atitudes científicas que deveriam assumir.

Para essa empreitada, a de conhecer os elementos exatos da linguística geral, a ciência Linguística deveria estudar e conhecer descritiva e historicamente todas as línguas. Está escrito no texto de Bally e Sechehaye que a ciência Linguística deveria estudar a história de todas as famílias de línguas. Saussure propõe que é pela comparação que se chegaria ao esclarecimento das regras que entram em movimento em cada uma das línguas em particular. Esse vislumbre mostraria o que seria comum a todas as línguas e o que caracteriza uma e outra. Evidentemente, assim seria construída uma lógica para as línguas e uma lógica para a língua; cada língua seria encontrada e caracterizada num espaço tipológico determinado e específico. No decorrer de seu curso, Saussure concretiza essa

teoria, distinguindo nitidamente uma gramática das línguas e a compreensão de que cada língua é um caso particular.

Saussure propôs a Linguística como o estudo da língua, porque ela é passível de uma definição concreta. Mas a definição de língua esbarra em diversas dificuldades que implicariam numa diferenciação de pontos de vista, tornando o objeto de estudo em questão, uma série de possibilidades de estudo. Para ter a língua como objeto de estudo, era preciso separar com precisão o objeto que cabia ao linguísta compreender, sem misturá-lo com visões psicológicas, filosóficas, sociológicas, etc – porque essas ciências, apesar de terem objetos de estudo distintos, também poderiam reivindicar a língua como parte de seus objetos de estudo.

Tanto a Psicologia como a Sociologia influenciaram os estudos de Saussure. Ambas eram nascentes, compunham o mesmo movimento de desenvolvimento das ciências que caracterizou o final do século XIX, no qual também a Linguística alcançou sua definição mais precisa. Sobretudo a Sociologia, amadurecida por Émile Durkheim, influenciou os conceitos linguísticos desenvolvidos por Saussure. Não é difícil encontrar uma forte relação entre a definição de fato social em Durkheim e de língua em Saussure.<sup>20</sup>

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada,

---

<sup>20</sup>Augustinus Staub, no livro *Hermann Paul, F. de Saussure e K. Bühler na linguística moderna*, coloca em dúvida a influência de Durkheim em Saussure. Cita vários autores que afirmam a influência do sociólogo francês na obra de Saussure: Dinneen, Coseriu, Robins, Criper e Widdowson e Mattoso Câmara. Cita, também, muitos outros autores que negam essa influência: Meillet e Bröndal, Hörmann e K. Koerner. A mais contundente de todas essas negações parece ser a de Hörmann, psicolinguista alemão, segundo o qual a dicotomia '*langue – parole*' foi desenvolvida por Saussure independentemente de Durkheim. Saussure fez inúmeras referências no *Curso* à Sociologia. E, definitivamente, só pode ser à Sociologia praticada por Durkheim.

essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para admitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 1995, p. 17).

É importante notar que a Linguística foi definitivamente definida por Saussure, não por acaso. Além de todos os estudos linguísticos que o precederam, de natureza metodológica muito variada, no final do século XIX respirava-se e transpirava-se a cientificidade. Essa onda social de reorganização do mundo através do exercício e da reflexão científica criou um movimento que atingiu tudo no mundo. Esse movimento de tão intenso ficou conhecido como *Cientificismo*.

Então, Saussure parece ter verdadeira obsessão por ver aplicada aos estudos linguísticos, uma metodologia clara, não por ser mais interessado que os outros, mas por conviver de modo direto e conhecer claramente o movimento, que atingia a todos, de aperfeiçoamento do modelo científico existente. Saussure retomou o tema da definição do objeto de estudo e da metodologia aplicável à Linguística, e nisso foi brilhante, identificando com precisão qual o objeto de estudo da Linguística e qual a melhor forma de o estudar.

Saussure afirmou que, em seu tempo, não havia mais espaço na ciência para especulações transcendentais. O Transcendentalismo foi um movimento que dominou a poesia na Alemanha no século XIX. Dessa constatação pode-se inferir que Saussure estava se referindo aos estudos sobre a linguagem desenvolvidos, sobretudo em Leipzig, pela Gramática Comparada e a Neogramática.

Esse *Transcendentalismo*, que Saussure criticava, é claro, significa as escolas literárias e científicas idealistas, derivadas da filosofia crítica de Immanuel Kant (1724-1804), desenvolvidas na Alemanha e, mais amplamente, na Europa, bem como a escola transcendental norte-americana, da qual Whitney fez parte.

Saussure estava fazendo uma crítica a seus antecessores, não só quanto às suas divagações e até fantasias sobre a linguagem, mas principalmente quanto à metodologia que aplicavam em seus estudos. Essa crítica é bastante evidente no *Mémoire sur le système primitif des voyelles des langues indo-européennes* – mas também aparece no *De l'emploi du Génitif absolu en sanscrit* e no *Curso de linguística geral* –, em que ele levantou dados sobre os estudos sobre as vogais do indo-europeu e o comparatismo e criticou cada um dos estudiosos quanto à forma de apresentar dados e, sobretudo, sua falta de precisão.

No *Curso de linguística geral*, ele fez um pequeno resumo crítico de todas as correntes de estudos da linguagem desde a era clássica. Seu objetivo era demonstrar que nenhuma dessas correntes dos estudos dos fatos da língua tinha trabalhado com o objeto verdadeiro e único dos estudos linguísticos, que Saussure definiria como sendo a língua. Ele estabeleceu uma sequência de três fases sucessivas desses estudos sobre a linguagem.

“A linguística propriamente dita, que deu à comparação o lugar que exatamente lhe cabe, nasceu do estudo da línguas germânicas. Os estudos românicos inaugurados por Diez – sua Gramática da Línguas Românicas data de 1836-1838 –, contribuiriam particularmente para aproximar a Linguística do seu verdadeiro objeto” (SAUSSURE, 1995, p. 11).

Quanto a Whitney, sua principal fonte de pesquisa no tocante à teoria da linguagem, Saussure não aceitava sua base metodológica: acusou-o de empírico demais.



É de ficar admirado que um homem como Whitney, que desde o primeiro instante de atividade científica, e bem antes que qualquer escola sonhasse em se apoderar deste achado, não tivesse nem mesmo imaginado que o estudo da linguagem possa prosseguir sobre uma base diferente da observação dos fatos atuais.<sup>21</sup>

De qualquer forma, o que se pode dizer com segurança é que Saussure tinha uma visão muito firme quanto à necessidade de empregar uma metodologia clara, bem como de certificar que os dados apresentados fossem extremamente corretos. Estava consciente do momento crucial para a construção do verdadeiro campo de estudo para a Linguística. Buscava, acima de tudo, encontrar os diversos caminhos que aquela ciência teria para percorrer daquele instante em diante para realizar em definitivo a compreensão do que seria verdadeiramente a língua. Ele estava criando o universo de estudos linguísticos, não no sentido de que ele nunca tivesse existido, mas no sentido de convidar a ser exato, a não ser mais apenas empírico: acima de tudo, a construir um processo de estudo que fosse tão concreto quanto era o objeto a ser estudado. Portanto, é mais realista dizer que Saussure se preocupou mais com o processo de construção do objeto do que com o objeto em si mesmo – ou seja, os conceitos sobre a língua e a linguagem estavam todos perfeitamente descritos nos estudos que o precederam, mas nenhum tinha sido capaz de engendrar nesses conceitos, com clareza, o modo como chegar à prova concreta. Saussure queria, acima de tudo, a visão da ciência Linguística, e só depois a análise do seu objeto, que é a língua. Assim, escreveu: “O Curso tratará da linguística propriamente dita, e não da língua e da linguagem”.<sup>22</sup>

<sup>21</sup>Notas manuscritas de linguística geral feitas por F. de Saussure. Biblioteca Pública e Universitária de Genebra. Caixa Ms Fr 3951. Envelope nº 13, p. 1.

<sup>22</sup>Anotações de Emile Constantin. Biblioteca Pública e Universitária de Genebra. Caixa Ms Fr 3972. *Cahiers VII*, p. 1. Semestre de inverno 1910/1911.

Essa forma de pensar pode ser explicada pelo movimento de cientificidade que dominava a sociedade, mas o Cientificismo era só mais um detalhe dentre os que compuseram o universo social do final do século XIX. Toda a sociedade desse período estava plena de detalhes que arrastavam o pensamento e os sentimentos dos indivíduos para uma racionalidade profunda sobre todas as coisas.

A literatura, a partir da década de 1830, já demonstrava que o mundo caminhava para uma organização social em que não se poderia viver de sonhos e fantasias. Ela passou a ser realista, quando o universo social descrito é criticado por sua hipocrisia e por sua falta de eficiência profissional, moral, etc. Naturalista, quando as sociedades, já muito urbanizadas, ganharam a literatura com seu excesso de gente, sua podridão, sua feiúra, etc; nessa literatura, o mundo parece feder e o ser humano parece um bicho irracional, quase um verme misturado aos restos da própria comida. Simbolista, quando a fórmula de representar o todo através de uma parte tornou-se uma necessidade e um hábito; essa literatura inspirava-se no modelo social de vida e costumes; os sentimentos e as inspirações humanas tinham deixado de ser importantes, a sociedade media tudo através de números e fórmulas. O Simbolismo reagiu e deu início numa literatura de vanguarda – o hábito de estudar que se fundamentava no crescimento do papel da ciência no meio social, também chegava à arte.

Não é difícil concluir que Saussure, quando apresentou a dicotomia língua e fala, e deu ao indivíduo o poder da ação e do movimento linguístico, de certa forma recuperou o papel do indivíduo no contexto social em termos de estudos linguísticos. Se em Humboldt, no Romantismo, o indivíduo é de todas as formas o agente mais importante da existência e principalmente da eficiência da língua, em Whitney o papel do indivíduo é de total receptividade em relação à língua, uma vez que resta a ele somente aprendê-la - mudá-la está restrito à coletividade.

Em Saussure, o indivíduo tem seu papel assegurado, é parte da sociedade. Mesmo sendo a mais frágil, é atuante e mantém a língua viva. Saussure, como seus contemporâneos das artes, fez uma volta aos ideários individualistas do Romantismo.

Se Whitney aproximou o estudo da linguagem da realidade física humana, Saussure estudou a linguagem, ou melhor, a estrutura linguística em si mesma. Saussure quis em todos os seus estudos de teoria linguística, mas também nos “anagramas”, estabelecer a lógica da estrutura linguística. Estudou a língua em sua fórmula pura. Saussure fez, quase que na totalidade desses estudos, uma metalinguagem da forma poética ou da forma da *parole*. Ele procurou a organização linguística do pensamento humano, numa evidente marca do Simbolismo, mesmo que inconsciente, em seu trabalho. Se Saussure criticava o empirismo de Whitney, por certo ele criticava a falta de racionalismo de toda a ciência da linguagem que o antecedia.

Assim, o universo científico de Saussure estava composto por uma evidente necessidade de ser prático e de responder às dificuldades da sociedade. Acima de tudo, a ciência tinha desenvolvido a tecnologia, que tinha colocado a indústria como a principal fonte econômica das sociedades e fez que o transporte fosse eficiente e veloz. A indústria fez crescer as cidades, que são sociedades complexas, em que os indivíduos são apenas peças.

Desse modo, Saussure, que tinha toda a tradição de estudos sobre a linguagem do século XIX a sua disposição, não poderia ver o desenvolvimento da língua e da fala de outro modo: a língua representa a sociedade, que é predominante e superior, e a fala representa o indivíduo, ativo e diminuto. O indivíduo faz a modificação da sociedade e da língua, mas é obrigado a seguir os rumos da sociedade e a se valer das imposições culturais da língua. Apesar de poder se rebelar, para não ser excluído deve seguir as regras do convívio social. No tocante à língua, ele não tem saída: pode usá-la de um modo estilizado – mas se não seguir suas regras, não será compreendido.



# As rupturas metodológicas e as continuidades conceituais

### I. O DISCURSO LITERÁRIO NA ERA ROMÂNTICA

Ao se observar o discurso praticado durante o século XIX, desde as primeiras incursões do Romantismo até as manifestações do final do século como o Naturalismo, o Parnasianismo e o Simbolismo, percebe-se claramente um encaminhamento em direção ao racional, feito de imagens com detalhes que vão do mais espiritual e fantástico, no início e no final do século, ao mais materialista e realista, do segundo quarto do século em diante.

Os textos, antes de serem uma representação dos sentimentos humanos, são modelos do pensamento humano, não só como materialização de conceitos, mas também como síntese da própria maneira de expressão do ser humano contextualizado especificamente numa determinada sociedade. Essa sociedade, que é certamente um componente de um sistema universal, forma um todo por força da unidade corporal e espiritual (pensamento) que caracteriza o grupo dos seres inteligentes.

Assim, ao se estudar sincronicamente os pensamentos na produção discursiva do início do século XIX, que coincide com o início da Era Romântica, pode-se ver que os elementos discursivos estão todos voltados e direcionados para a demonstração do objeto conceituado, ou melhor, do conceito em si mesmo. São objetos de construção textual, nesse período, os conceitos relacionados com os propósitos filosóficos de caráter moral e religioso. Os textos não estão em nenhum momento profundamente voltados para a exploração do pla-

no de expressão, permanecendo constantemente preocupados com o plano do conteúdo.

Todo o processo de construção do Romantismo é extremamente representativo da relação do homem com o real. Toda e qualquer forma de expressividade explorada durante o século XIX foi representada no Romantismo desde seu início. Pode-se dizer, então, que as mudanças que vão ocorrendo na construção do objeto de análise dos textos românticos são mudanças na focalização. Essas mudanças que vão ocorrendo no contexto literário são sempre direcionadas para os interesses genéricos. Toda a sociedade reflete ao mesmo tempo as mudanças, e cada parte da sociedade influencia as outras, desenvolvendo um todo conexo e integrado.

No período em questão, o século XIX, alguns fatores estiveram em voga no pensamento humano. É certo que a arte tende a representar imaginariamente o ser humano, principalmente a literatura artística e, em maior grau, a prosa, porque lida com a criação e a representação de seres humanos. Dessa forma, na primeira fase ficaram modelados no contexto do Romantismo alguns temas básicos, como a mulher e a religiosidade da mulher, o caráter moralizante da religião e os modelos corrompidos desse segmento social, o desenvolvimento de modelos idealizados para os indivíduos, o estudo do comportamento psíquico e a suscetibilidade humana a fantasias e traumas, etc. Esses temas eram contextualizados nos romances com informações que não eram de caráter psíquico-moral de influência filosófica iluminista, mas que estavam presentes no dia a dia de todas as sociedades europeias. Por exemplo, informações socioeconômicas em Balzac, o extrativismo vegetal e a colonização de novos continentes em Chateaubriand e as fantasias sociais em Hoffmann. Num segundo momento, foram o processo de urbanização (expansão das cidades), a melhoria do transporte e a industrialização das sociedades europeias que estavam

no centro das especulações literárias. A destruição dos valores morais e a justiça social eram os temas mais gerais. São exemplos a descrição das cidades e dos meios de locomoção em Flaubert e Maupassant. Neste último há, principalmente, uma consciente demonstração da corrupção dos valores da família causada pela falência da vida na sociedade.

No entanto, o discurso praticado pelos construtores dos textos sofreu uma transformação: se o conceito era a única razão para a construção do discurso, no início do Romantismo, em meados do século XIX, o ser humano continuava preocupado em representar os conceitos, mas estava também interessado em materializar uma aparência textual que fosse o reflexo do conteúdo expresso. Assim, a preocupação com a forma que o texto teria para demonstrar a condição intelecto-espiritual, ou seja, conceitual, dos modelos humano e social criados foi a grande transformação ocorrida na literatura, em meados do século XIX.

Quanto mais próximo do final do século XIX a obra tenha sido escrita, mais a forma foi explorada para que o processo conceitual fosse estabelecido. Em síntese, pode-se dizer que as sociedades ocidentais caminharam para uma materialização e uma presentificação cada vez maior dos sentidos espirituais: cada vez mais, os modelos reais refletiam mais claramente os conceitos de que eram formas.

Assim, o discurso religioso não poderia mais ser suportado com base apenas em preconceitos e punições, medos e autoritarismo. A sociedade exigia uma nova representação de Deus, mais branda e que permitisse o desfrute dos avanços sociais e tecnológicos alcançados pela modernidade. Foi assim que as concepções espiritualistas ganharam explicações, muito mais baseadas em circunstâncias sociais. O sentimento religioso criado nessa direção explica o aparecimento de inúmeras filosofias e modelos de religiosidade que se contrapunham às explicações dadas pelos representantes do pensa-

mento do Vaticano. Um discurso visivelmente contestador foi instalado no Romantismo contra as muitas expressões tabus, de caráter religioso, então apregoadas e espalhadas. Era a força da razão obrigando a inclusão de pensamentos novos, radicalmente contrários aos então vigentes. São exemplos desse pensamento os textos *Fausto* de Goethe, *Átala* e *René* de Chateaubriand, *O vermelho e o negro* de Stendhal, etc.

Esses modelos discursivos são aperfeiçoados e utilizados como representação em todos os níveis. Não são, somente, a versão contada da mulher e os modelos de doutrinação religiosa que foram transformados na busca da exteriorização dos conceitos na aparência do objeto que era sua expressão: o Realismo empregou na conceituação uma construção da visualização dos espaços e da construção de imagens através de cores e objetos que faz o leitor dos textos sentir a força dos conceitos transmitidos sem o esforço da análise. É o caso dos olhos de Capitu, de Machado de Assis; o das cores das roupas de Luíza, de Eça de Queirós, etc. Além disso, novos recursos discursivos foram empregados muito mais abundantemente, como o discurso indireto-livre (conforme trechos citados abaixo), evidenciando a presença do conceito na materialidade do discurso.

A partir de 1830, a literatura francesa tendeu para o registro dos aspectos sociais. Os textos de Victor Hugo, Stendhal e Balzac, ainda do Romantismo, já registravam as características que estariam no centro das discussões no Realismo/Naturalismo e, também, no Simbolismo. O livro *O vermelho e o negro* apresenta, como cenário da discussão moral e religiosa em torno da vida de Julien Sorel, uma sociedade que nascia, enquanto espaço urbano. Julien Sorel é do campo, de lá passa para uma vida no vilarejo mais próximo, depois migra para um centro maior e, de lá, vai morar em Paris. Provavelmente Julien Sorel fosse, de um modo literário, o emigrante que saía do campo e se dirigia para as cidades.



Uma descrição semelhante, nesse aspecto, aparece em *As ilusões perdidas*. A personagem Luciano parte do centro menor, um pequeno vilarejo, e vai para Paris. Como ponto de comparação aparece Bordéus, um centro intermediário entre as duas. Em Paris, viveria aventuras e entraria em contato com os elementos da realidade urbana, em que o romântico menino sonhador da cidadezinha era massacrado pela competição realista da cidade grande.

Em *Madame Bovary*, apesar de a história se passar num vilarejo, as questões já são todas relacionadas com o progresso dos centros urbanos: a medicina, as relações amorosas por aparência, a vaidade, a competição e principalmente a eficiência profissional. Esse último tema é discutido pela ineficiência do médico do campo, que é a personagem Carlos Bovary. A presença feminina do texto demonstra a transformação que a sociedade havia sofrido e que não podia ser esquecida, ou seja, os velhos hábitos familiares e a vida de aparências deviam ser esquecidos e as pessoas deviam se adaptar para sobreviver.

Nessas três obras, pode ser percebido o palco que se montava para a organização social da segunda metade do século, em que predominou a urbanização, como local de habitação, e a indústria, como atividade econômica. Esses dois aspectos da sociedade cresciam rapidamente e criavam os problemas advindos da aglomeração humana: doenças, miséria, sujeira e a necessidade de locomoção. Assim, começaria a atuar, em todos os cantos do mundo, uma preocupação organizacional, que já existia desde o final do século XVIII nas cidades que já eram grandes, como Paris e Londres.

Os centros urbanos criavam espaço para um novo tipo de cultura: a educação programada, gerada pela massificação do ensino. Não tão eficiente quanto deveria ser, mas um contingente muito maior tinha acesso a informações e com isso ampliando os efeitos da ciência e da tecnologia nascentes. Na verdade,

a ciência, que já existia com dificuldades metodológicas, obrigava à descoberta de soluções práticas para os problemas imediatos. Então, saía-se de uma ciência de exibição no início do século para uma ciência comercial na segunda metade. Assim, o espaço urbano transformou-se no palco da industrialização, dos problemas criados por ela e das soluções encontradas.

Paris, de muitos modos, foi exemplo e modelo para as soluções de reurbanização das cidades do mundo. Sobretudo, foram exemplares as reformas implantadas por iniciativa de Georges-Eugène Haussmann, prefeito da cidade no Segundo Império. A cidade foi incrementada com importantes serviços públicos, planejados por engenheiros e técnicos. Essa reforma se constituía numa necessidade para a saúde da cidade em todos os aspectos: a circulação de veículos de transporte, a rede pública de recolhimento de lixo, o sistema de escoamento de esgoto, etc. A cidade saiu de uma condição medieval para uma proposta urbana completamente voltada para o crescimento, principalmente para a expansão demográfica inevitável com o avanço desejado da industrialização.

Se, por um lado, as mudanças profundas feitas por Haussmann, em Paris, tinham um aspecto político populista, sob essa visão, um desperdício e, por outro, as condições de higiene e economia exigiam tais mudanças. A Paris que surgiu com a reforma tornou-se a cidade mais moderna do mundo. Assim, tornou-se ponto de referência histórico para qualquer reurbanização em qualquer parte do mundo, tanto do ponto de vista da própria reforma quanto do ponto de vista arquitetônico e urbanístico.

Essa reurbanização não aconteceu somente em Paris, ela se espalhou pelo mundo; nesse período ou pouco tempo depois, todas as cidades passaram, de algum modo, por reformas em sua organização espacial e higiênica. As cidades do mundo não se reformulavam por qualquer razão fútil, mas por causa das necessidades típicas provocadas por grandes aglomerações humanas.

No livro *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*, Alain Corbin retratou uma Paris que fedia. Logo, havia a necessidade de tornar aquele ambiente menos sujo e menos doente.

Foi esse ambiente podre e fétido que transformou a literatura do Realismo em Naturalismo. Os textos naturalistas demonstravam os ambientes sociais mais sujos e podres, originários das altas concentrações humanas num pequeno espaço sem nenhuma infraestrutura de higiene.

Nesse ambiente urbano e populoso, levar e trazer pessoas eram necessidades fundamentais. Tanto em *O vermelho e o negro* como em *Les Illusions perdues* e em *Madame Bovary*, existem reclamações sobre a qualidade e a lentidão dos transportes; porém, no conto “O Bordel”, Maupassant descreveu suas personagens fazendo uma viagem rápida de uma cidade para outra a bordo de um trem. Não só o transporte terrestre mudou completamente com a propulsão a vapor, mas o transporte marítimo, que carregava o algodão produzido nas Américas, barateou muito com os navios a vapor, multiplicando a indústria têxtil.

Desse modo, o percurso que o discurso literário emprega é altamente descritivo em relação ao espaço/tempo em que está inserido. A literatura do início do século descreveu as incursões humanas em direção ao desconhecido. Num primeiro momento, predominavam a floresta e o mar desconhecidos e os valores divinos em relação à moral e à estética, porque eram esses os temas que ocupavam a mente e o tempo das pessoas. Num segundo momento, predominou a relação moral religiosa com a violência da inveja, do ciúme e das aparências que a convivência social gerava nas pessoas. Tema que nasceu com a evolução dos agrupamentos urbanos.

A literatura do Realismo explorou profundamente o universo das aparências e deixou nu o homem cheio de máscaras sociais. O Realismo mostrou, por um ângulo objetivo e

exato, o quanto os seres humanos idealizados pelos românticos eram falsos, hipócritas e materialistas.

Por sua vez, o Naturalismo se concentrou na imagem do meio urbano, demonstrou a feiúra dos aglomerados humanos sem organização nem controle higiênico. O Simbolismo encaixou as angústias humanas, derivadas do massacre social sobre os sentimentos individuais, dentro de imagens que resumem, em pequenas metáforas ou alegorias, o comportamento de toda a sociedade. Então, de qualquer ângulo que se olhe, a obra literária oferece uma exata descrição do que acontecia em determinado tempo: quanto mais obras forem lidas, mais perfeita será a imagem dos sentimentos que estavam em ebulição na mente dos indivíduos da sociedade de uma época.

## 2. A EVOLUÇÃO DA METALINGUAGEM: LÍNGUA E LINGUAGEM

Os aspectos dos estudos da ciência da linguagem, no decorrer do século XIX, foram direcionados para o estudo de sua representação concreta e coletiva, no mesmo sentido e proporção que as obras de ficção. Tanto o discurso ficcional quanto o linguístico são formas de demonstração discursiva que pesquisaram a maneira da representação conceitual, ou seja, a forma materializada do conceito no significante.

A língua materializada no discurso é uma fórmula que está na mente dos indivíduos. O discurso é a língua sob o prisma do indivíduo. Assim, as mudanças que ocorrem na língua são sempre fatos primeiro nos indivíduos e através deles chegam à língua.

Assim, o conceito de língua em Humboldt é a demonstração da forma idealizada de estudar as coisas do mundo, conforme era característico da produção discursiva no início do século XIX. Para Humboldt, o indivíduo falante é a fórmula

atuante da língua e tem o domínio sobre sua formação estética. Ele pode modificar sua língua, não só no plano individual, como também no plano nacional. É pela força dos indivíduos falantes que a língua evolui.

Ao se dedicar à sua evolução estética, o indivíduo lapidará sua estrutura moral e intelectual. Assim, em sua relação com o mundo, ele expressa, através de seu discurso, seus pensamentos e suas ideias. Não só os conceitos formulados, mas seus conceitos serão também marcados por seu estágio de evolução estético-moral. Resumindo, em seu discurso estará representado seu estágio linguístico, o quanto ele domina a língua na organização de seus pensamentos e também seus valores estéticos e morais.

A língua funciona como uma fórmula que ajuda os indivíduos a interagirem entre si e com o mundo real. Ela é um elemento nacional: é reflexo do espírito do povo, ou espírito-nacional. Porém, o espírito-nacional só existe na mente dos indivíduos, porque ele é a organização cultural da nação. Desse modo, a língua, que é coletivamente nacional, só existe na mente dos indivíduos falantes. Ela faz parte do espírito-nacional, porém ele só existe porque o falante faz uso da língua para discursar. Portanto, no discurso, ato individual, são conhecidos a língua e o espírito-nacional, que se tornam uma mesma coisa: a língua é reflexo do espírito-nacional e ele só existe por meio da língua.

O indivíduo, nesse contexto, é o grande responsável pela língua; mais precisamente, é o responsável pela qualidade de seu discurso. Ele tem controle sobre a perfeição de seu discurso e, para melhorar esteticamente a língua que fala, precisa melhorar a si mesmo esteticamente, uma vez que seu discurso reflete seu pensamento abstrato. O modo como o indivíduo pode melhorar a si mesmo é pelo exercício de suas faculdades envolvidas: nesse caso, a escola é fundamental. Em resumo, para Humboldt, o homem que pensa melhor fala

melhor. Nesse caso, sua língua, por ser mais perfeita, o ajuda a pensar, porque lhe oferece mais recursos.

A nação também se constitui num indivíduo, isto é, numa unidade. Ela é um espaço físico e cultural bem definido e o indivíduo está totalmente identificado com ela. Assim, em qualquer parte da nação em que ele esteja, ele se sentirá plenamente identificado, sobretudo porque tem, em si, o único armazém cultural que a nação pode ter, que é a língua.

A nação é o único grupo linguístico de que o indivíduo não pode sair. Assim, toda manifestação linguística executada em qualquer parte da nação estará incluída na língua nacional, porque o espírito-nacional apresenta diferenças de indivíduo para indivíduo, mas está limitado pelos recursos e formas da língua. A língua, assim, une todas as partes da nação, mesmo que sejam distantes, pois seus recursos são sempre iguais nacionalmente.

A nação pode, por ser um indivíduo, modificar sua língua, aperfeiçoando-a para e pelo exercício do pensamento abstrato. Para isso, ela deve atuar no sentido de ensinar a melhor fórmula da língua ao povo que, por sua vez, agirá reciprocamente na língua, lapidando suas formas. Segundo Humboldt, a nação que conseguir o intento de aperfeiçoar a língua do povo, por via da educação (único modo), terá múltiplos resultados em forma de recursos materiais, intelectuais e morais, e será superior às outras nações.

Humboldt transferiu a essência do pensamento do Romantismo para seus conceitos linguísticos. Existe, em sua obra, uma evidente busca pela fórmula linguística esteticamente perfeita. Ele não somente determinou quais são os aspectos linguísticos perfeitos, como ensinou como os alcançar. Esse idealismo em relação ao indivíduo parece estar fundamentado em coisas muito opostas. Em primeiro lugar, parece ser uma reação contra a forma pela qual o ser humano comum fora tratado durante os séculos anteriores e até mes-

mo na época de Humboldt: escravidão, miséria, exploração, etc. Em segundo lugar, existia, no período, um enorme desgosto contra o ser humano, sobretudo entre os prussianos. Goethe discursou contra a violência durante toda a sua vida política, e sua obra reflete uma busca por um ser humano melhor. Humboldt, por sua vez, abandonou a carreira política ainda muito jovem por ser idealista e acreditar num Estado não autoritário e menos déspota. Assim, o idealismo, em relação ao indivíduo, era uma válvula de escape às controvérsias humanas e refletia aquilo que os seres humanos afirmavam como ideal.

Pelo prisma da idealização, buscando uma forma esteticamente perfeita, caminhou também a tipologia linguística. Humboldt dividiu as línguas em dois grupos: a) flexão e flexão de intenção; e b) por isolamento. Tanto um sistema quanto o outro pode ser exercitado até à perfeição, bastando que a nação incentive o exercício do pensamento abstrato. Porém, a flexão é mais perfeita porque registra, na forma do discurso, todas as acepções pensadas, enquanto o isolamento deixa para dedução boa parte dos sentidos.

A flexão por intenção ou aglutinação é um tipo de flexão, porém, menos perfeito, pois suas formas gramaticais são originadas de estruturas com sentidos independentes. No entanto, uma nação com uma língua aglutinante pode aperfeiçoá-la e torná-la absolutamente justa para o desenvolvimento do pensamento abstrato. De qualquer forma, todas as línguas são perfeitas porque são reflexo do espírito-nacional, e cada uma é perfeita para exprimir qualquer pensamento originado naquela nação.

A perfeição de cada língua prevê a mistura desses dois tipos linguísticos ideais, inclusive o sistema incorporador. Não há uma só língua no mundo que não esteja, sob o ponto de vista da tipologia, colocada num ponto entre o isolamento absoluto de formas e a flexão absoluta de formas. Predominando um ou

outro tipo, é cunhado, em cada língua, um tipo único e especificamente seu. Por isso, qualquer comparação entre línguas não pode ser feita pela transferência de uma cultura para a outra, mas cada uma como representação de sua cultura nacional.

Em Whitney, a língua é uma instituição humana e concreta, como as outras instituições humanas das sociedades. Dessa forma, o indivíduo deve aprender a língua do mesmo modo que aprende qualquer outra informação. Desse modo, pode-se facilmente perceber que a língua é eminentemente social na concepção de Whitney, ou seja, é um produto da sociedade. Por estar na sociedade como uma instituição coletiva, ela é transmitida pelo contato entre os indivíduos da coletividade, passando de geração em geração: os mais velhos executam a integração dos novos indivíduos no grupo de falantes.

A língua traz, em si, as marcas do contexto específico em que foi cunhada. Por isso, estudar a língua nacional em Whitney é tomar posse dos elementos linguísticos existentes naquele ambiente, de modo a poder usá-los de uma maneira melhor. Uma vez que o indivíduo seja linguisticamente maduro, ele pode modificar a língua de sua nação, fazendo acréscimos ao contexto da língua por força da colocação em evidência de aspectos que estavam latentes. De qualquer forma, o indivíduo só pode modificar a língua se alguma parte de seu discurso for integrada, pela coletividade, na língua. Assim, quem modifica a língua é a sociedade e não o indivíduo.

Em Whitney, a distinção entre língua e linguagem é clara. A linguagem é uma capacidade inata nos seres humanos, enquanto a língua é uma materialização social e histórica dessa capacidade. Dessa forma, a linguagem humana não muda: o que muda é a língua, que é fruto da força do pensamento atuando na linguagem. Dessa relação, duas conclusões importantes podem ser tiradas: a linguagem só existe para a expressão do pensamento; e a língua é a forma concreta e coletiva da união do pensamento com a capacidade de linguagem.



Whitney quase não usou os termos *fala* ou *discurso*, conceito que não aparece explicado em seu texto. Ele utilizou, porém, o termo “*language*” em duas acepções: uma como “capacidade humana”, a outra como a “materialização da língua” como discurso. No entanto, apesar de evidentemente ter compreendido a diferença, não se pode dizer que Whitney tivesse distinguido o conceito de “fala” num sentido específico, como Saussure.

Whitney tem claramente pensamentos situados numa sociedade já muito preocupada com os problemas coletivos. Era professor de língua inglesa num país de imigrantes e de índios, um país que precisava descobrir uma identidade para si mesmo. Seu campo de observação estava muito distante dos problemas relacionados com a origem do grupo indo-europeu e, apesar de ter sido estudioso dos comparatistas, principalmente de Bopp e Humboldt, sua inspiração estava direcionada para a cultura em formação que caracterizava seu país.

Assim, a clara separação que Whitney fez entre a linguagem e a língua, sendo essa última uma instituição concreta que podia ser aprendida como qualquer outra instituição nacional, encontra respaldo no ambiente em que vivia: muitos indivíduos de muitas origens, todos aprendendo a viver no novo país e a falar a língua da nova Pátria.

Saussure separou claramente os conceitos de linguagem, língua e fala. A linguagem é definida como uma capacidade humana, como definiu Whitney – porém, diferentemente de Whitney, a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos. Segundo Saussure (1995, p. 18), “*não é a linguagem que é natural ao homem, mas a capacidade de construir uma língua*”. Ao lado desses dois conceitos, Saussure definiu a “*parole*” (fala/discurso), que é a atuação individual, a “*performance*” do falante, ao materializar seus pensamentos em forma de sons.

Saussure delimitou esses três conceitos com a intenção de encontrar o objeto de estudo da Linguística. A preocupação

clara de Saussure é definir a Linguística enquanto ciência: seu objeto de estudo, seu espaço de atuação, as ciências às quais estava ligada, qual a contribuição social a se esperar dela, etc. No entanto, sua proposta de criar uma ciência do signo (Semiologia) não se tornou uma realidade para os estudos do signo. Em sua evolução no século XX, a Linguística, que, em sua opinião, deveria se ocupar só da língua, seu verdadeiro e único objeto, ligou-se às mais diversas ciências. De uma forma geral, ela assumiu muitos estudos sobre muitos signos, que vão um pouco mais além dos limites do signo linguístico: são exemplos a Psicolinguística, a Neurolinguística, etc.

Saussure propôs inúmeros estudos e campos de estudos para a ciência da linguagem. Além da Semiologia e de ter criado a Semântica, ele propôs a divisão dos estudos linguísticos na relação da língua com o tempo: os estudos sincrônicos e diacrônicos.

Essa distinção entre estudos sincrônicos e diacrônicos permite classificar, segundo o interesse científico principal de uma época, a evolução dos estudos da linguagem. A Gramática Tradicional, por visar distinguir modelos corretos dos incorretos, organizava estudos sincrônicos. Do mesmo modo, são de ordem sincrônica as gramáticas normativas das línguas, porque registram, para um determinado tempo, a língua de prestígio de uma nação.

A Filologia e a Gramática Comparada são estudos eminentemente diacrônicos, porque se relacionam com a língua numa perspectiva histórica. Dessa forma, no século XIX predominaram os estudos de ordem diacrônica, uma vez que os comparatistas e os neogramáticos, de um modo ou de outro, buscavam estabelecer as origens para as línguas. Até mesmo Humboldt, Whitney e Saussure fizeram predominantemente estudos diacrônicos.

Está claro na obra de Saussure que ele estava envolvido com as exigências que a sociedade fazia aos cientistas, o

chamado Cientificismo. Saussure não podia conceber, como era típico em seu tempo, que um estudo científico pudesse ser feito de um modo que não possibilitasse um controle metodológico dos resultados e do percurso a ser seguido na direção de um resultado. Por outro lado, qualquer explicação que Saussure tenha dado para os conceitos da língua não escapou das influências predominantes em seu tempo: a Economia, a Psicologia e a Sociologia. Essas duas últimas, principalmente, estavam muito presentes na atuação filosófica no final do século XIX. Assim, as partes da língua são eminentemente psíquicas, como prova o circuito da fala; porém, ela é cunhada no seio da sociedade, e sua definição tem contornos muito semelhantes à definição do fato social.

No modelo de trabalho, aplicado pelos três linguistas, podem ser encontrados claramente os traços das filosofias e dos fatos sociais predominantes em cada época e, também, os interesses e os elementos que influenciavam a vida particular de cada um dos estudiosos.

Quanto a Humboldt, ele tinha evidentemente a preocupação de estabelecer uma origem para as línguas; a diferença dele para os outros comparatistas é que ele fez uso de uma metodologia que visava a encontrar a origem das línguas na organização intelectual, enquanto os outros estavam preocupados com a língua originária. Humboldt não comparou as línguas para determinar parentesco entre elas, mas para encontrar a fórmula intelectual de sua produção.

Whitney estudou muito o indo-europeu, mas por ser gramático e professor, estava mais preocupado com a evolução da língua na relação com a aquisição dos recursos linguísticos pelos indivíduos. Apesar de sua formação totalmente europeia, ele era da América do Norte – um mundo que conhecia com clareza sua origem e que tinha problemas linguísticos de ordem prática muito evidentes, como a enorme quantidade de estrangeiros, vindos de todas as partes do mundo, falando

muitos idiomas de tipologias linguísticas diferentes, além de ter muito próximas a si muitas línguas indígenas, também desconhecidas. Por isso, a preocupação de Whitney em relação à origem da linguagem de seu povo devia ser secundária, enquanto devia ser fundamental a necessidade de criar uma cultura, linguisticamente educada, em seu país. Por isso, sua preocupação histórica se dá em relação à evolução da língua em todos os seus aspectos, principalmente quanto ao amadurecimento intelectual dos indivíduos.

Saussure estudou predominantemente o indo-europeu, e seu trabalho mais importante nesse domínio é o *Mémoire*. Apesar desse detalhe, ele é conhecido pela ampla divulgação que teve o livro *Curso de linguística geral*. O *Mémoire*, que foi seu primeiro trabalho publicado, faz um levantamento pormenorizado de tudo o que havia sido escrito sobre as vogais do indo-europeu e das línguas europeias. Saussure, como todos os comparatistas e neogramáticos europeus, estava preocupado com a origem de sua civilização.

Outro exemplo da atuação dos interesses sociais e pessoais na obra científica desses três linguistas é o sânscrito. Humboldt tinha uma visão extremamente idealizada desse idioma. Dos tipos linguísticos, o sistema flexional é o mais perfeito, e, das línguas que empregam o sistema flexional, o sânscrito é o que explora esse sistema no maior grau de perfeição. Dessa forma, o sânscrito aparece na obra de Humboldt como o tipo linguístico mais adequado ao desenvolvimento do pensamento abstrato. Saussure também estudou e ensinou sânscrito, mas, diferentemente de Whitney, que se dedicou a estruturar uma gramática normativa desse idioma, procurou no sânscrito, respostas para as dúvidas da origem das línguas europeias.

A comparação da obra dos três apresenta uma evidente trilha da evolução da sociedade durante o século XIX. Os três transpõem para o discurso científico que praticavam as preocupações básicas das sociedades em que viviam. Por

isso, o modelo da relação intelectual varia muito entre os três, mas o resultado obtido parece ser uma contínua repetição. As diferenças conceituais entre eles são, na maioria das vezes, muito pequenas, mas todas as explicações, mesmo que semelhantes no conceito, se diferenciam profundamente quanto à essência social de que se originam.

### 3. OUTROS CONCEITOS

#### 3.1. Humboldt e o conceito de geração linguística

As gerações são períodos que não têm tempo exato de duração. São marcadas por eventos, de qualquer natureza, que sacodem a sociedade num determinado ponto/momento. Em geral, esses eventos ocorrem a todo instante e seus efeitos e proporções são mensuráveis de acordo com o número de indivíduos por ela atingidos.

Movimentos culturais surgem de uma atitude individual ou coletiva em algum lugar e, de acordo com sua aceitação, são espalhados por todas ou algumas partes da humanidade. São eminentemente linguísticos, mesmo quando usam materiais não linguísticos, porque são obras do pensamento.

Os românticos eram filósofos, como é qualquer indivíduo que produza linguagem. A língua é filosófica sempre, ou melhor, o conhecimento é filosófico. Os românticos estudaram a linguagem como formadora de conceitos: a língua é um conceito. Os românticos faziam filosofia: aqueles que estudavam as línguas eram filósofos da linguagem.

A língua, então, é construtora de ideias e é portadora de ideias. O pensamento se serve dela para existir e a transforma segundo sua necessidade. A língua, como movimento coletivo e nacional, envolve e engloba qualquer produção do pensamento, que é sempre individual. Em qualquer tem-

po e lugar, a língua é a soma absoluta da história da nação na óptica do indivíduo que discursa.

Humboldt deixou claro que a produção discursiva do indivíduo resulta de suas experiências passadas, que estariam registradas em sua memória. No nível coletivo, essas experiências estão registradas no espírito-nacional, que os indivíduos ficam conhecendo por meio da língua. Logo, o discurso é produzido pelo indivíduo segundo suas experiências passadas, que estariam registradas em sua memória em forma de língua.

Humboldt deixou em sua obra marcas que fazem pensar na língua como algo além do palpável, além da matéria – em oposição ao discurso, que é matéria. Quando falou sobre o discurso poético, explicou que o poeta é alguém capaz de se conhecer e de conhecer o outro. Por isso, o poeta é capaz de revelar um discurso que não é o óbvio e que está muito mais próximo do ideal. Pode-se dizer que Humboldt buscava uma explicação científica para aquilo que seus contemporâneos, artistas das letras, descreviam em forma de poesia, ou seja, a linguagem na sua forma ideal.

Se o discurso é individual e revela o espírito do indivíduo e se a língua só existe em forma de discurso, ela é então uma criação da psique dos indivíduos. Se os indivíduos criaram a língua, eles o fizeram por algum motivo. O discurso revela o espírito dos indivíduos; ele revela e registra as necessidades individuais. Por conseguinte, a língua foi criada pelos indivíduos para que eles pudessem sair de sua própria mente: a língua é, por assim dizer, uma saída, uma válvula de escape para os indivíduos mostrarem seus sentimentos.

Mas a língua é reflexo do contexto nacional. Assim, é a nação que deve desejar a perfeição estética. Se a nação, em todos os seus indivíduos, for treinada intelectualmente para procurar o aperfeiçoamento, então essa nação será superior.

Humboldt questionava a organização sociopolítica, como é típico em toda a literatura do período. Essa sua busca do ide-

al sociopolítico colocou um fim à sua carreira política, mas o linguista em que se tornaria não era menos austero e idealista.

Foram esses sentimentos e conceitos que causaram as revoluções filosóficas dos séculos XVIII e XIX. E causaram as modificações quanto à estética urbana, ou seja, fizeram observar a aparência do espaço físico como símbolo do estágio da perfeição dos indivíduos.

### 3.2. Whitney e as mudanças nas línguas

Como se disse anteriormente, Whitney se ateu ao contexto da língua materializada. Ele buscou as explicações para a evolução ou as mudanças nas línguas nas próprias deficiências do sistema. As mudanças nas línguas são sempre ocasionadas por atitudes dos falantes, ou são obras do próprio discurso. Na verdade, o indivíduo tem sempre um comportamento de negação do esforço, numa inconsciente defesa contra a fadiga.

De outra forma, existe uma instigante colaboração do sistema no sentido de incentivar e aceitar essa forma racional de abreviar a duração do trabalho físico. Assim, o indivíduo e a língua colaboram para concretizar objetivos num tempo mais curto com o mínimo de fadiga. O movimento linguístico tende para determinadas simplificações na pronúncia, que são modificações que acontecem em função de uma generalização ou diminuição das diferenças entre os sons.

Uma imensa quantidade de palavras sofre mutilações em seus finais por força do comportamento humano, bastante comum, de abreviar as palavras. Essa é uma maneira muito frequente de modificação na forma das palavras, em função de uma redução em seu tamanho. Whitney, em todo o seu texto, deixou claro que o ser humano tende para a redução do esforço. A lei do menor esforço acontece porque o indivíduo, ao continuar o que aprendeu pelo processo de repetição, quase nunca é crítico quanto à qualidade dessa repetição.

É quase irresistível não procurar uma razão para essa lei de menor esforço na agitada realidade da vida cotidiana em sociedade. Na verdade, existe uma evidente tentativa de abreviar o tempo despendido na produção linguística, que parece ser uma característica humana. Porém, Whitney explicou desse modo os fatores da modificação nas línguas não por acaso: a sociedade em que ele viveu já havia entrado no processo mecanizado de produção, em que tempo é dinheiro, e menos tempo é mais eficiência.

Esses fenômenos de mudanças estão imbricados nos hábitos nacionais. Cada povo age no contexto de seu idioma de uma determinada maneira, sendo que esses comportamentos nacionais podem ser esquematizados de forma clara. Para esquematizar esse comportamento basta estudar a língua ao longo de sua história.

Essas alterações nas palavras, genéricas nas línguas, são feitas pelo falante para sua comodidade e podem ser associadas a muitas outras alterações semelhantes no contexto da língua.

A grande tendência das mudanças linguísticas está muito mais concentrada nas formas das palavras que no conteúdo. Nenhuma estrutura de palavra é definitiva, porque os seres humanos tendem a acomodar os elementos para facilitar o desenvolvimento linguístico. Whitney esclareceu que isso acontece, não só por razões de economia, mas também por preguiça. Assim, as palavras são abreviadas quando são escritas, os nomes são reduzidos a formas simbólicas, etc. Esse comportamento em nada prejudica o sentido das palavras, comprovando a independência entre a forma e o sentido. Evidentemente, essa grande lei linguística está apoiada no comportamento geral dos homens e em nada prejudica o desenvolvimento da humanidade. Segundo Whitney, o atalho é mais curto e o resultado é o mesmo.

De qualquer forma, por mais estranhas e diferentes que as mudanças possam parecer, facilmente pode ser encontra-



da uma lei que interfere de modo constante na língua: todas as mudanças são realizadas de maneira característica, seguindo o padrão instituído na língua desde sua origem.

As palavras são mantidas em uso nas línguas e são transmitidas de geração em geração por um sistema de repetição e cópia dos comportamentos tradicionais. Nesse consenso entre os falantes, sentidos e formas são perpetuados por via da tradição. Se nenhum movimento contrário acontecer, essas formas são eternizadas na língua. Porém, sempre ocorre que, soluções de continuidade fazem com que palavras desapareçam. O desaparecimento de palavras ocorre por causa da mesma razão que gera a continuidade. Portanto, continuar ou desaparecer depende da escolha que uma comunidade linguística faz em certos momentos, por certos aspectos da sua linguagem.

A principal justificativa ou o objetivo geral dos acréscimos ou das transformações que as línguas sofrem é o de aperfeiçoar a expressão do pensamento. É dessa forma que as novas ideias desenvolvidas na língua precisam de signos também novos que alcancem o sentido exato que elas necessitam. Por outro lado, velhas ideias são mais valorizadas quando são alcançadas pelo espírito com melhores meios de expressão.

Em todas as situações de transformação, o espírito movimenta o sistema da língua e as palavras sempre têm seus significados afetados, ou seja, seus limites e sua mobilidade são sempre alterados de alguma forma. As mudanças acontecem intensamente em toda a língua: agem como uma onda que atinge todo o sistema, incorporando e modificando significações de algumas palavras, transformando-as em outras. Tudo isso resulta do desenvolvimento ininterrupto do pensamento humano. Assim, toda a sociedade, a cada período de tempo, sofre uma total transformação – isto é, todo material acumulado em forma de conhecimento é destruído e reconstruído. O pensamento humano age de modo revolucionário, subvertendo e redefinindo conceitos e redimensionando va-

lores. Todos esses acontecimentos exigem uma adaptação do pensamento e da língua em geral.

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que a língua se molda às necessidades dos indivíduos quando a situação exige adaptação a novas realidades. Em segundo lugar, é o pensamento do indivíduo que sempre vai além, em sua criatividade, daquilo que é habitual na língua. Dessa forma, existe uma correspondente relação de adaptação entre língua e pensamento. Nesse contexto, pode-se afirmar que é o indivíduo que causa as modificações na língua. Porém, considerando o que Whitney afirmou, é a sociedade que modifica a língua: as transformações ocorrem quando a coletividade ou a sociedade assimila uma contribuição de um de seus falantes. Whitney, nessa afirmação, demonstrou que a posição do indivíduo perante a sociedade é sempre de rebeldia e que a sociedade necessita dessa objeção a suas instituições para se manter atualizada. A língua, como uma das principais instituições da sociedade, é uma das que mais necessitam dessa rebeldia dos indivíduos, porque são os atos individuais de fala que mantêm ativas e ajustadas as formas da língua.

Quando falou em mudança linguística, Whitney estava descrevendo seu próprio pensamento a propósito da linguagem. As transformações que são desenvolvidas no pensamento de forma coletiva têm efeitos imediatos ou concomitantes na língua. Assim, pode-se notar que, quando Whitney intitulou seu livro de *The Life and Growth of Language* (A vida e o desenvolvimento da linguagem, tradução nossa) ou *La vie du langage* (A vida da linguagem), ele não estava dizendo apenas que ia estudar a história da linguagem, mas que a linguagem possui um movimento parecido com o movimento dos seres que possuem vida — ou seja, ele estava falando da “linguagem com vida”. Esse movimento animado caracteriza a presença do elemento humano no contexto linguístico. As constantes modificações nas línguas revelam mais a instabili-

dade do produtor que a do produto. É evidente que Whitney estava inspirado pelos elementos do mundo em que estava inserido. No século XIX, as mudanças sociais exigiram que o homem pensasse na reorganização de sua vida, tanto do espaço físico quanto do espaço psicológico. A Linguística o acompanhou, não só se tornando mais prática, mas também assimilando essa metodologia de trabalho: a de resolver os problemas que atingiam a coletividade. Ela deixou de ser filosofia pura e ganhou elementos voltados para o uso prático.

### 3.3. A sistematização linguística na obra de Saussure

No curso de linguística geral que Saussure ministrava em Genebra, percebe-se nitidamente que ele sabia que estava formando uma nova categoria de pensadores para uma nova ciência: a Linguística. Saussure observava o conceito de ciência a partir daquilo que acreditava ser o campo de atuação dessa ciência. Por isso, tanto para a determinação do conceito quanto para a organização da Linguística como uma ciência, sua obra de criação requeria determinar o objeto de estudo, sua dimensão de atuação e a identificação das outras ciências possivelmente relacionadas com a Linguística.

Para Saussure, não havia ciência sem sistematização. Esse comportamento, obviamente, Saussure o assimilou do movimento social que norteava todos os estudos científicos no período. Iniciou seu curso de linguística geral construindo uma história mínima, mas pormenorizada dos estudos sobre a linguagem, apontando as limitações e os erros do passado. Esses erros, em sua maioria, aconteceram pela ausência dos elementos que realmente fariam a existência de uma ciência dos estudos da linguagem. De qualquer forma, pode-se observar que Saussure acreditava serem imprescindíveis esses estudos sobre as línguas para o desenvolvimento da ciência da linguagem. Certamente ele considerava que esses estudos

representavam estágios de graus, do desenvolvimento da ciência da linguagem. Finalmente, depois de todos esses ensaios e experimentos, ela poderia ser considerada uma ciência.

Verdadeiramente, o desenvolvimento desse relato no curso de linguística geral, mesmo que abreviado, teve por objetivo chegar ao estabelecimento dos avanços técnicos alcançados sobre o conhecimento da linguagem, desde os primeiros estudos. Esse levantamento, por outro lado, mostrou os métodos de trabalho que foram aplicados ao longo da história, verificando o aperfeiçoamento do objeto de estudo e da organização metodológica.

Saussure indicou o nascimento da Linguística propriamente dita entre o final do século XIX e início do século XX. Os três períodos dos estudos da linguagem, Gramática Tradicional, Filologia e Gramática Comparada, não são, de forma alguma, considerados por ele como períodos da Linguística, mas de ciências que antecederam o estabelecimento do verdadeiro objeto de estudo da Linguística. Para ele, somente existiria uma ciência Linguística quando seu objeto de estudo fosse determinado de modo consciente. Assim, a Gramática Tradicional, que visava a estabelecer a língua correta e a língua incorreta; a Filologia, que perdurava até o período de Saussure, tendo como método o espírito crítico diante do texto; e a Gramática Comparada, que se ocupava basicamente da origem das línguas – tinham objetos de estudos específicos, eram ciências independentes.

Segundo Saussure Bopp, ao iniciar os estudos da Gramática Comparada, não tinha classificado essas línguas com uma visão historicista e etimológica, mas tinha entendido a possibilidade de estudar o fato em si mesmo. Seu mérito não foi o de esclarecer as similaridades entre o sânscrito e as línguas clássicas ocidentais, mas o de ter reconhecido que ali, nas relações exatas que ligam uma língua a outras línguas da mesma família, havia uma matéria para estudos. O que

Saussure fez entender é que o fenômeno da diversidade dos idiomas sobre a face do planeta foi demonstrado por Franz Bopp como objeto digno de estudo em si mesmo.

Com os neogramáticos, terminou o percurso dos estudos comparativos das línguas. Saussure aponta uma data entre 1870 e 1874 para o fim do primeiro período, que ele chamou de “período de hesitações” (*période de tâtonnements*). Num segundo período, pressupunha-se o reconhecimento do objeto de estudo da Linguística e se tentava desenvolver uma metodologia de pesquisa própria.

Ao colocar o período de 1870 a 1874 como o fim das hesitações, Saussure faz pensar que estava considerando 1875 como o marco inicial do reconhecimento do objeto de estudo da Linguística. O ano de 1875 é a data da publicação do texto *The Life and Growth of Language / La Vie du langage* de Whitney, que escreveu sobre os objetivos e o objeto de estudo da Linguística, tendo sido seu texto uma das principais fontes de estudos para Saussure. Pode-se concluir que Saussure considerou o texto de Whitney como um marco da história da Linguística, também quanto à definição do seu objeto de estudo.

A demonstração do objeto de estudo da ciência Linguística foi o segundo tema das aulas do curso de linguística geral. Quanto à metodologia aplicável, Saussure insistia na necessidade da inovação, já que considerava que a metodologia utilizada pela Filologia Clássica não poderia ser aplicada à Linguística. Ele aventava a necessidade de os linguistas procurarem esses recursos metodológicos fora da Filologia, em outras ciências. É evidente sua compreensão de que a nova ciência devia entender as línguas como um produto do espírito humano. Ele argumentou que a língua é uma obra do espírito coletivo; logo, era por esse prisma que a metodologia da Linguística deveria ser desenvolvida.



## Conclusão

À guisa de conclusão, pretende-se aqui oferecer uma clara medida do relacionamento entre a condição de cidadão de um lugar e de uma época, com aquilo que produziu.

Essa ideia é facilmente perceptível em relação aos autores de ficção. Em cada obra, principalmente nas narrativas, especificamente nos romances e contos, ocorre uma evidente tradução do pensamento e dos sentimentos dos produtores dos textos, no que se relaciona ao espaço físico, à situação econômica, às perspectivas sociais, aos interesses religiosos e à fórmula do pensamento nacional. A criação desses sentidos pode ser observada em Chateaubriand, Hoffmann, Stendhal, Balzac, Flaubert e Maupassant, ou em qualquer outro autor da literatura mundial.

Nos textos de Chateaubriand, *Átala* e *René*, estão presentes os valores da colonização, seus resultados econômicos, suas misturas étnicas e os valores religiosos, sobretudo, aqueles que afetavam a mulher. Chateaubriand registrou a essência dos sentimentos de sua época nessas narrativas. A sociedade europeia estava cansada e angustiada com o processo de colonização, mas também sabia que não podia mais existir sem os recursos extraídos das colônias.

É notório que, nos textos de Chateaubriand, o modelo humano apresentado representado pelas personagens demonstra certo exagero quanto à fidelidade e à pureza. Esse elemento denota claramente o exemplo que essas personagens são como seres humanos: são perfeitas; formas que realmente representam um suposto projeto divino para o ser humano. Na verdade, são símbolos da idealização do indivíduo típica do Romantismo. Por outro lado, essas personagens são demonstrações do desgosto e das decepções que causavam

certos comportamentos religiosos e morais, principalmente porque, no período, religião e moral estavam sempre juntas.

Hoffmann, em seus contos “*O vaso de ouro*” e “*O homem da areia*”, desenvolveu uma contestação da materialidade absoluta. Os elementos característicos de seus textos discordam de um conjunto de fatores socioculturais que impelem os indivíduos para bem longe daquilo que não compreendem. O valor conceitual dado pela razão humana para a matéria, quando é contrariado de alguma forma, não permite aceitar alguns fatos como reais. Os textos de Hoffmann criam uma realidade subjetiva e provam que o inacreditável existe e é tão real quanto qualquer elemento da lógica racional.

No Romantismo, não existia o absoluto. O inusitado que Hoffmann criou estava relacionado com o espírito da época. O Romantismo é parte do início da cientificização da sociedade e contribuiu estudando o indivíduo. Hoffmann, nesse sentido, é profundamente romântico quando estuda um dos lados ocultos do ser humano. De um modo explícito e bem humorado, conscientiza o leitor da existência do sobrenatural, criado pelos seres humanos. Hoffmann registrou um sentimento de questionamento que existia naquela sociedade sobre a interferência das emoções dos indivíduos na sua razão. Aquela sociedade sabia muito pouco sobre as doenças do cérebro humano. Hoffmann parece zombar dessas angústias dos indivíduos, que temiam a loucura.

Os textos *O vermelho e o negro* de Stendhal, *Ilusões perdidas* de Balzac e *Madame Bovary* de Flaubert retratam uma sociedade muito semelhante. A diferença entre os três, sob o ponto de vista da descrição da sociedade, está no estágio da evolução do espaço urbano que aconteceu de 1828 a 1857, período aproximado da publicação da primeira e da última dessas três obras.

Em *O vermelho e o negro* as cidades começam a se modificar. O elemento humano é todo ele romântico. As formas ainda são todas idealizadas e de valorização do indivíduo.



O que está em discussão nesse texto é a classificação que aquela sociedade fazia dos seres humanos. No contexto, está demonstrado o papel dos religiosos e dos políticos na sociedade, o início da organização e do crescimento das cidades e a hipocrisia das relações conjugais por conveniência.

Nesse texto, Stendhal registrou a rejeição entre as classes sociais e criou uma imagem da sociedade que demonstra que as classes privilegiadas não se misturavam às classes mais baixas. Essa resistência era capaz de matar um indivíduo de uma classe inferior que, por suas qualidades individuais, fosse forte o bastante para encantar o oponente da classe superior e vencer as barreiras da ascensão social. Se Stendhal disse que as classes sociais não se misturavam, despertando uma crítica a esse comportamento, isso significa, por outro ponto de vista, que nessa sociedade a mistura já era possível, por isso a resistência e o medo das classes superiores de serem invadidas.

Em *As ilusões perdidas*, o elemento principal da narrativa ainda é predominantemente romântico, mas esse elemento romântico é derrotado pela força do indivíduo materialista e realista. Nesse texto de Balzac, os espaços urbanos já estavam nitidamente construídos e, em cada um deles – fossem eles pequenos, médios ou grandes – a vida em sociedade se desenvolvia de uma maneira específica. Balzac mostrou claramente que, com a evolução dos espaços urbanos, a competição pelos bens materiais sufocaria os sentimentos e mataria os sonhos. Balzac iniciou a morte do elemento romântico. Nesse texto, a morte dos sonhos simboliza a morte das personagens principais nos textos do Romantismo. No Romantismo, morre-se por amor, ou por pureza, ou por ingenuidade, ou por virtuosidade. No texto de Balzac, morre a forma romântica de ser, sobrevivendo a forma realista e mais racional.

Balzac registrou um pensamento nesse texto que conota que a sociedade tinha modificado a forma básica de ser e que, daquele momento em diante, tudo tenderia cada vez mais para

a forma materialista, comercial e realista de ser. As personagens que sobrevivem e se sobressaem nessa história de Balzac são aquelas que utilizam sua inteligência de uma forma racional, no sentido quantitativo e produtivo. Ficam derrotadas e inferiorizadas aquelas personagens que não usam sua inteligência para produzir bens materiais. Essas simbolizam os indivíduos que seriam excluídos do sistema que se implantava.

Em *As ilusões perdidas*, a elevação social já é possível. Uma das personagens, o Cointet Grande, enriquece e ganha projeção social. No início da narrativa é um simples provinciano, mas no final já é ministro de Estado e, com certeza, adquiriria uma posição na nobreza, fosse pela compra de um título ou pelo casamento com uma mulher da nobreza.

Em *Madame Bovary*, texto que é uma crítica ao comportamento romântico, a personagem principal é uma mulher – ela que sempre fora a principal personagem da idealização do Romantismo. Nesse texto, as fantasias e as ilusões típicas do Romantismo, bem como a lentidão intelectual dos sentimentalistas, morrem. Nesse contexto, sobrevive o mais forte e mais esperto; a religião quase não aparece como tema; fica, de certa forma, patente que a Igreja não era mais a principal instituição, era somente mais uma instituição da sociedade. Flaubert mostrou a incompetência da medicina, a ineficiência dos transportes e a ignorância da vida por aparências; por outro lado, mostrou a elevação do comerciante eficaz e a maturidade dos espaços urbanos. Nesse contexto, não há mais discussão quanto à posição social dos indivíduos – as personagens não estão espacialmente separadas por títulos ou posição social: são todas burguesas, tanto os nobres quanto os plebeus. Flaubert fez uma apologia à força moral e à racionalidade. Nesse texto, a moral não está vinculada à religião. Não é mais a religião que determina o que é aceitável ou não socialmente. Verdadeiramente, o mais importante socialmente nesse texto é a capacidade de fazer a sociedade melhorar, e a capacidade de construir e

melhorar a vida em sociedade. É por isso que é o farmacêutico Homais, que é competente em vender sua inteligência, que ao término da narrativa recebe a comenda de Honra ao Mérito.

Maupassant, em seus contos, descreveu uma sociedade completamente modernizada. O transporte já é feito por trens e as histórias são quase sempre urbanas, descrevendo as vicissitudes e as dificuldades dos seres humanos. A prostituição e a exploração das mulheres, as dificuldades de sobreviver naquela sociedade e até mesmo o homossexualismo foram temas de Maupassant.

Na obra de Maupassant existe uma mistura Realista/Naturalista e Simbolista. Ele criou modelos de comportamento através de suas personagens. Tanto é assim que as discussões sobre o Nacionalismo, as discriminações por razões nacionalistas, em geral ocorridas em períodos de guerra, sempre resultam da disputa entre pessoas de nações diferentes. O Nacionalismo em Maupassant era o principal elemento que iniciava as guerras. Em Maupassant, a sociedade é mais importante que o indivíduo. Ele não discutiu posições individuais: discutiu a sociedade e a inclusão do indivíduo, em geral marginal, nas exigências legais dessa sociedade. Invariavelmente, Maupassant resgata a honra da Pátria através de um ser humano desprezado pela sociedade. Nos textos que tratam desse conceito de sua literatura, Maupassant resgata e valoriza posições individuais escolhendo para herói, sempre o ser humano mais desprezado.

Assim, através da contextualização social feita por cada um desses autores nas diferentes épocas, pode-se estabelecer o modelo de sentimentos e desejos predominantes no comportamento social em cada período da história. Desse modo, é possível compreender o comportamento dos diversos segmentos sociais durante esse período. Ao verificar o local e a época em que viveu um indivíduo, é possível antecipar seus conceitos e quais sentimentos predominam em seus conceitos.

Numa perspetivação dos teóricos aqui alinhados na discussão sobre a evolução do carácter dos indivíduos, pode-se ter uma clara medida da ação da necessidade social predominante nos sentimentos e nas razões que impulsionavam os intelectuais a repensar a parte da sociedade que mais os atraía.

Christian Wolff era prussiano. Conviveu com as fórmulas filosóficas extremadas que marcaram o século XVIII. Sua posição: discutir a sociedade em que vivia sob o ponto de vista da filosofia que adotara, o Racionalismo. Até aquele momento, predominavam as lideranças (reinados) que faziam do poder por herança, sua única razão de governar. Wolff propôs, então, que o Estado que tivesse um rei que fosse um filósofo, teria grandes vantagens. Inevitavelmente, ele faz pensar que os reis não eram grandes sábios, ao mesmo tempo em que propõe que a Razão devesse ser esteticamente aperfeiçoada antes de ser empregada na liderança. O Estado que tivesse a sorte de ter um líder pleno da sabedoria dada pelo treinamento estético da racionalidade estaria em grande vantagem. Com essas ideias, Christian Wolff influenciaria a base do pensamento filosófico do Romantismo e de toda a Era Romântica, em que a evolução estética ou intelectual passou a ser o objetivo de algumas das maiores instituições públicas.

Adam Smith foi um economista inglês no século XVIII, período em que o sistema de capital e de consumo de bens estava sendo brutalmente ampliado com a evolução do processo de produção mecanizado. Essa nascente indústria de grande produção gerava problemas de organização social relativos à distribuição e à comercialização desses bens. O Estado era chamado a agir, mas não tinha uma fórmula adequada para fazê-lo. Adam Smith buscou na filosofia racionalista uma fórmula econômica que permitisse ao Estado se portar do modo mais adequado possível perante o novo modelo econômico. Ele não só reviu a posição do Estado em relação ao mercado e à produção, mas também mostrou um

novo ponto de vista para o Estado em relação ao indivíduo comum e seu trabalho. O momento e o local eram propícios para essa revisão no modelo econômico: só poderia surgir ali uma teoria que discutisse o modelo econômico vigente, uma vez que a Inglaterra do período possuía a única indústria de produção em larga escala do mundo.

No período a partir de 1780, evidenciaram-se fantasias e sentimentos que os seres humanos guardavam reprimidos dentro de si. Esse período, de extremo misticismo, possibilitou o surgimento de teorias como a de Franz Mesmer. A Europa viveu uma intensa modificação no plano religioso, e a literatura revela um sentimento de decepção religiosa entre os literatos românticos. Foi nesse período que as religiões orientais ficaram conhecidas na Europa, e foi inevitável que aos europeus fosse dada a oportunidade de que delas pudessem emprestar aspectos de uma visão espiritual muito diferente daquela por eles conhecida. Dessa mistura do misticismo do Romantismo com os valores religiosos orientais, surgiu uma nova interpretação da palavra de Jesus Cristo.

Como todo o movimento do Cientificismo, Émile Durkheim herdou dos naturalistas do início do século XIX uma gama enorme de estudos sobre a sociedade que não se caracterizavam por uma metodologia específica. Na segunda metade do século, Durkheim tomou a sociedade, para estudar nela os elementos de organização que agiam na interação entre os indivíduos e o próprio sistema social, e criou uma metodologia para estudá-la, transformando a vertente de estudos de que fazia parte, numa ciência com características e elementos metodológicos completamente definidos. Nesse período, o campo de estudo sociológico estava bastante propício, pois a sociedade humana estava já bastante complexa, e as cidades ofereciam um campo ilimitado de observações sobre o comportamento em grupo dos seres humanos, e é desse ponto que surgiu a teoria sociológica de Durkheim.

Com a evolução dessa sociedade industrial, cada vez mais brutalizada e desinteressada dos sentimentos individuais, no final do século XIX e início do século XX, o ser humano parece ter descoberto o poder de tudo negar. Verdadeiramente, se Deus era a força que tornava a vida humana pura, aquela sociedade capitalista e violenta não conhecia Deus. Esse pensamento frutificou sentimentos que tornaram os indivíduos, do ponto de vista filosófico, absolutamente independentes: a inexistência de um futuro e de uma criação primária superior dava plenos poderes ao homem para viver, criar e destruir. Esse fluxo de conhecimento gerou filosofias novas como, por exemplo, os precursores Nietzsche e Heidegger, e o Existencialismo de Jean-Paul Sartre; movimentos na literatura e nas artes plásticas como o Dadaísmo, o Futurismo, o Surrealismo, o Abstracionismo – com o abandono tornado dogmático pela sucessão interminável de experimentos estéticos; na música, o atonalismo, o dodecafonismo, o minimalismo etc são exemplos da negação da forma primária das coisas, os romances de James Joyce, do “*Nouveau Roman*”, o verso livre na poesia, etc. Nesse período, como não poderia deixar de ser, uma visão científica criada pelos seres humanos negava o determinismo espiritual, mas desejava uma forma ideal e pacífica de viver, perfeitamente registrada na arte em geral. Todos esses sentimentos estavam fundamentados nesse comportamento humano em sociedade: altamente destrutivo e vingativo e profundamente egoísta. Ao mesmo tempo, estava fundamentado num ser humano que demonstrava ser capaz de tudo construir, ou seja, capaz de tomar o lugar de Deus.

Assim, fica patente a ideia de que todos os cidadãos que convivem em uma determinada sociedade estão dentro do mesmo conjunto de influências, independentemente da posição social em que estejam. A lógica dos fatos de um lugar e de uma época determina a lógica do pensamento do indi-

víduo. É por essa lógica de fatos, sentimentos e valores, que o indivíduo vai criar tudo que for obra sua durante sua vida.

Humboldt, que foi educado durante o Iluminismo e que presenciou a tomada da Bastilha, foi um ser humano clássico-romântico prussiano, pleno do idealismo estético e filosófico do início do século XIX. Whitney foi um professor de línguas, da segunda metade do século, num país em formação, que procurou uma fórmula de fazer aprender as línguas, estudando o modo infantil de aprender a falar. Saussure viveu o momento em que a Europa conheceu o Cientificismo e o Simbolismo e, por isso, em sua obra, o ato de estudar é singularmente metódico e os conceitos completamente simbólicos.

Cabe notar que a história de um indivíduo, por força da presença dos elementos sociais de cada época, que determinam o modo de pensar e de expressar de todos os indivíduos participantes daquele meio social, só é possível uma única vez e não poderia ser repetida, em hipótese alguma, com outro indivíduo, ou num outro lugar, ou numa época diferente. Logo, entre esses três linguistas ou entre os ficcionistas citados, não há nenhuma possibilidade de pensar que suas ideias pudessem existir em outro tempo ou lugar que não fosse no tempo e no lugar em que existiram.

Quanto à linguística dos linguistas apresentados, cada um tem seu posto assegurado na história, como um elemento que oferece uma contribuição individual para o conjunto da sociedade. Nos três casos, essa contribuição é reflexo do movimento cultural/social que antecede e que, naquele momento, se apresentava para aquele indivíduo.

Deve ser ressaltado nesse pensamento o conceito para o que foi denominado de geração. Tanto em Humboldt, quanto em Whitney e Saussure, existe uma definição para o termo geração, que não coincide, mas que não difere muito entre eles. De qualquer forma, pode ser tranquilamente dito que cada um deles representa ou é participante de uma geração distinta.

Assim, Humboldt é elemento integrante do Romantismo, da Gramática Comparada e até de um Iluminismo tardio. Mas ele também é considerado o primeiro teórico da linguagem no século XIX a estudar a linguagem sem uma preocupação predominantemente histórica. Ele procurou a origem da linguagem seguindo um padrão de estudo ligeiramente diferente dos estudiosos de sua geração, não seguindo um processo puro e simples de comparações entre gramáticas. Valendo-se da comparação entre gramáticas, procurou a fórmula padrão de desenvolvimento intelectual do processo linguístico nos diversos continentes da Terra.<sup>25</sup>

Whitney, por sua vez, foi um neogramático, um não europeu, que pertenceu, como Saussure, a um momento histórico em que os movimentos culturais já não eram separáveis por datas ou fatos precisos. Esses movimentos culturais aconteciam em diversos pontos do mundo em tempos diferenciados e, por força dos meios de comunicação, sobrepunham-se uns aos outros em todos os cantos do mundo. O período em que viveram Whitney e Saussure é marcado pela exposição do conceito dada pelos elementos do plano de expressão, ou seja, no período que começa com o Realismo (1850) foi cada vez mais buscada e testada a concretização dos significados nos elementos significantes.

Se Whitney não pode ser incluído completamente no movimento Simbolista, no sentido de ter-se dedicado a encon-

---

<sup>25</sup>Valeria lembrar aqui que, na segunda metade do século XVIII, a pesquisa empírica sobre a particularidade das línguas orientou-se em duas direções que deram lugar a polêmicas importantes: por um lado, o inventário e a descrição de cada uma delas, o que se materializa na constituição dos dicionários; por outro, a comparação dessas línguas, pela análise de derivações e parentescos, leva a diversas hipóteses sobre a origem das línguas. Na articulação desses dois projetos estão os ensaios de Wilhelm-Gottfried Leibniz (1646-1716) reunidos em seu *L'Harmonie des langues* (Paris, Seuil, 1999, org. por Marc Crépon), com os quais desenvolve a tese da "unidade do espírito humano".



trar o espaço do ser humano na construção linguística social, Saussure pode ser aí incluído. Mais que qualquer um dos estudiosos do processo de construção da linguagem, Saussure observou a construção da forma básica da comunicação humana como uma estrutura exclusivamente baseada na interação do indivíduo e com a sociedade. É certo que essa afirmação não é claramente passível de comprovação, mas Saussure historicamente se coloca como herdeiro de toda a Linguística Romântica, e foi no Romantismo que se iniciou o uso, de modo claro, da metáfora como representação do social a partir do ser humano. Paulatinamente, a representação simbólica passou de metafórica para metonímica da estrutura linguística; de metonímia da própria linguagem ela se tornou metalinguagem.

Assim, os modelos de linguística desenvolvidos pelos três variam de modo muito acentuado quando observados sob o ponto de vista da evolução social.

Humboldt foi um pensador filosófico. Para ele, o sistema de linguagem funciona como parte da obra que é o ser humano. Ele buscou uma forma que fosse o modo mais aproximado do projeto que poderia ser chamado de divino. A linguagem é um mecanismo que nunca está pronto, porque representa no homem o que o homem é em seu pensamento e seus sentimentos, e esse homem deve estar sempre em aperfeiçoamento.

Todas as obras do Romantismo, e não poderia ser diferente em Humboldt, desejam uma forma para o ser humano que o aproxime cada vez mais de Deus, isto é, o homem é algo criado para ser igual a Deus. Desse modo, o conceito de língua em Humboldt é uma demonstração daquilo que a língua pode e deve ser, sendo a realidade uma forma individualizada daquilo que verdadeiramente ela é, enquanto projeto da criação pela inteligência. Humboldt propôs um modelo linguístico que procurava a perfeição, exatamente como todo o projeto romântico, que buscava sempre uma forma humana idealizada.

É assim que o conceito de língua em Humboldt representa e constrói um modelo ideal a ser perseguido. O ser huma-

no sempre pode alcançar uma melhoria, mas jamais chegará a ser um modelo perfeito, porque, para o modelo da espécie humana que o Romantismo pressupõe, a perfeição humana está, acima de tudo, em se considerar um ser imperfeito. Esse é o modelo de humildade que foi assimilado das culturas orientais e que se coadunava, com absoluta perfeição, com os desejos e as crenças do Romantismo.

De qualquer forma, Humboldt se coloca num momento da história da Linguística que não propõe uma distinção muito clara entre os modelos metodológicos. Isso equivale a dizer que os estudiosos desse período, ou melhor, até esse período, praticavam uma ciência de caráter geral, sem um qualificador exato para suas pesquisas. Logo, tudo o que se tem na ciência pós-Romantismo encontra bases por todos os cantos, em todos os estudiosos do período, quando os estudos eram chamados de naturalistas. Por isso, no estudo sobre a linguagem de Humboldt, está previsto um processo psicológico e um processo sociológico que não é distinto do processo linguístico. Não existe uma clara visão do objeto de trabalho e de estudo, não por incapacidade dos estudiosos, mas por ainda não terem conseguido separar com exatidão cada um dos modelos. A Linguística só vai ter esse modelo de trabalho e de estudo claros em Saussure. Para Saussure, a primeira preocupação, enquanto professor de linguística geral, foi determinar o que significava aquela ciência e qual era seu objeto de estudo.

Entre os neogramáticos fica evidente outro nível de reflexão, muito diferente do modelo praticado por Humboldt e os comparatistas. Segundo Saussure, quando falava de Schleicher, existe um convite na obra desse estudioso na procura pela precisão dos dados. Então, o que pode ser inferido do modelo neogramático de estudo é que seu objeto estava muito mais próximo de ser entendido e delimitado do que estava nos comparatistas. No entanto, essa divisão entre o modelo filológico e o modelo teórico-linguístico não estava clara. Em

nenhum dos neogramáticos existe uma visão clara entre um campo de estudo e outro: é somente no final do século XIX, com a escola de Leipzig, e mais precisamente com Saussure, que esses dois campos seriam separados definitivamente. Foi Saussure que conseguiu ser completamente claro como filólogo ao estudar o indo-europeu e conseguiu também ser claro quanto ao objeto de estudo da Linguística. O principal elemento que leva a esse fato, no final do século, é que Saussure “herdou” todos esses modelos anteriores, que apresentavam misturas entre um campo de estudo e outro. Do mesmo modo que outros estudiosos de outras áreas também conseguiram estabelecer o objeto de estudo de suas ciências nesse período, Saussure foi, em função dos estudos anteriores, o momento histórico em que os espaços da Linguística e da Filologia puderam ser nitidamente percebidos.

Whitney fez parte desse modelo neogramático, que buscava com certa precisão um espaço exato para aquilo que desejava como modelo de estudo. Whitney era essencialmente observador e seu intuito era conhecer o processo humano de desenvolvimento da linguagem. Em seu momento histórico, não havia mais dúvida quanto à origem humana da língua, do mesmo modo que não era atribuída mais, sob nenhuma hipótese, a criação humana a partir de Adão e Eva. Cuvier,<sup>24</sup> Lamarck<sup>25</sup> e principalmente Charles Darwin<sup>26</sup> já haviam teorizado de forma convincente, capaz de combater essas crenças

<sup>24</sup>Barão Georges Cuvier, naturalista francês, 1769-1832. Formulou as leis da anatomia comparada: subordinação dos caracteres, correlação das formas; aplicando essas leis aos fósseis, lançou os fundamentos da paleontologia animal.

<sup>25</sup>Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet Lamarck, naturalista francês, 1744-1829. Em 1809 publicou a *Philosophie zoologique* e, em 1815, *Histoire naturelle des animaux sans vertèbres*, em que expõe uma teoria da evolução depois denominada “lamarckismo”.

<sup>26</sup>Naturalista inglês, 1809-1882. Formulou um sistema de história natural, denominado “darwinismo”, cuja conclusão extrema é o parentesco fisiológico e a origem comum de todos os seres vivos, com a formação de novas espécies por um processo de seleção natural.

no seio da humanidade. Logo, era muito mais lógico pensar a língua como uma instituição humana, e não propriamente como um modelo humano derivado da forma perfeita de comunicação, como buscavam os idealistas do Romantismo.

A estrutura das pesquisas de Whitney demonstra sua preocupação com o processo de transformação que ocorre no interior do indivíduo, quando sua capacidade de linguagem passa a ser acionada e a língua começa a ser realizada enquanto estrutura lógica. Whitney partiu de um único princípio, que se demonstra evidentemente como um início nessa circunstância: a aprendizagem infantil, quando a capacidade de linguagem é realmente acionada. Chama a atenção, a preocupação sincrônica desse trabalho; não que ele tivesse a preocupação de separar a estrutura histórica da estrutura momentânea da língua, mas sua preocupação estava voltada para o material que era encontrado em uso na sociedade. Ele não estudou o aspecto do sistema fonético, que separa o simultâneo do sucessivo. Esses conceitos só apareceram de modo claro, como é compreendido na modernidade, em Saussure. Assim, a preocupação de Whitney era demonstrar que a língua é algo instalado no indivíduo pelo exercício que ele pode praticar diariamente.

Humboldt argumentou que o exercício mental é necessário para que o indivíduo se aproxime da perfeição ideal no uso da capacidade de linguagem numa língua. Então, o exercício da língua e da capacidade de linguagem é necessário em função da busca desse modelo de perfeição. Em Whitney, o modelo ideal não existe, uma perfeição ideal nem mesmo pode ser imaginada; existe, sim, uma perfeição social a ser buscada, para que o indivíduo se situe cada vez melhor no meio em que vive.

Em Humboldt existe uma clara noção da condição ideal para o ser humano, e a língua apresenta ou representa essa forma ideal. Essa concepção humboldtiana é só um dos elementos que compõem a forma de pensar da época, que não

é propriamente de Humboldt, mas de todo o Romantismo. Whitney e Saussure estão dentro de um pensamento muito diferenciado do de Humboldt e os românticos, pensamento que após 1850 é classificado como realista.

Saussure não poderia pensar num conceito de língua e de linguagem idealizando a forma, como pensou Humboldt. Saussure estava num momento histórico em que o homem já estava consciente de que seu destino só pertencia a ele. Tudo, inclusive a língua, no contexto da vida neste planeta, estava a cargo da eficiência ou da ineficiência dos seres humanos. Partindo desse princípio, pode-se entender melhor o pensamento sobre a língua desenvolvido por Saussure como sendo ela um produto da ação coletiva de todos os indivíduos. Todas as questões da sociedade em que ele estava inserido já tinham sido aceitas como explicáveis pela ação de agentes materiais existentes no espaço físico do planeta, afastando qualquer hipótese de ação de algo sobrenatural.

Ele não teve dificuldades para encontrar diferenças entre um modelo psicológico e um modelo idealista de linguagem, como aconteceu com Humboldt; e nem teve que desenvolver para a língua um pensamento novo, como sendo ela um fato social, como fez Whitney. Esses modelos, psicológicos e sociológicos, já eram amplamente estudados e muito bem explicados por ciências que se aplicavam diretamente sobre esses objetos de estudo. Saussure encaixou todos os estudos de linguagem feitos durante o século XIX num modelo científico que era amplamente desenvolvido nos seus dias: a explicação do objeto a partir da estrutura desse objeto. A linguagem não era uma doação divina ao homem como parte de sua alma, era uma parte de sua inteligência espiritual. A língua não poderia ser mais um modelo humano de um processo ideal de comunicação, como nos românticos. Em Whitney, a língua já era apenas uma fórmula a ser aprendida, e não a ser desenvolvida. A língua não era mais ilimitada quanto à perfeição

que podia atingir, mas era limitada à capacidade individual que cada ser humano tem de realizar a língua de sua nação.

Toda essa concepção de linguagem, de língua e de discurso já estava explicada por Humboldt. No final do século XIX, não havia conceito que fosse completamente novo a aparecer no contexto dessa nova ciência, a Linguística. A novidade vem da formulação e da proposta de estudo que Whitney fez e que Saussure aperfeiçoou.

Essa comparação dos pensamentos pode ser feita em todos os pontos das teorizações dos três estudiosos da linguagem. Cada um em seu momento redescobriu a fórmula inteira da linguagem humana e a reconstruiu brilhantemente, segundo o modelo de pensamento sociocultural que envolve o mundo em que está inserido. Humboldt foi romanticamente um estudioso da linguagem; Whitney buscou um modelo gramatical para a formulação da língua humana; e Saussure construiu um modelo linguístico que simbolizava o processo de realização da linguagem humana. Em Saussure, como nos outros dois, cada ser humano tem um modelo material e simbólico de toda a fórmula linguística humana.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986, 3ª ed.

BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. Paris: Presses Uni-versitaires de France, s.d.

BARRIÈRE, Pierre. *La Vie intellectuelle en France. Du XVI<sup>e</sup> siècle à l'époque con-temporaine*. Paris: Albin Michel, 1961.

BAUMER, Franklin L. *O pensamento europeu moderno. Volume II - séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990. Trad. de Maria Manuela Alberty.

BÉDARIDA, F. “Las ciudades. Población y explosión urbana”. In: BRIGGS, Asa (Org.). *Historia de las civilizaciones - El siglo XIX*, 1989, p. 146-183.

BENVENISTE, Emile. *Problèmes de linguistique générale I e II*. Paris: Gallimard, 1974. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri.

BEUTIN, Wolfgang (Org.). *História da literatura alemã: das origens ao Vormärz*. Lisboa: Cosmos, 1993. Trad. de Anabela Mendes, Fernanda Gomes, Manuela R. Sanches, Maria Assunção P. Correia e Teresa Cadete.

BOUQUET, Simon. *Introduction à la lecture de Saussure*: Paris, Payot, 1997.

BRIGGS, Asa. “Perspectivas. El siglo XIX ante el futuro”. In: ----- *Historia de las ci-vilizaciones - El siglo XIX*, p. 471-499.

BRIGGS, Asa (Org.). *Historia de las civilizaciones - El siglo XIX*. Madrid: Labor, 1989. Trad. de José M<sup>a</sup>. Balil Giró.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: EDUNESP, 1991. Trad. de Nilo Odália.

BURNS, Edward Mcnall. *História da civilização ocidental*. Porto Alegre: Globo, 1977. Trad. de Lourival G. Machado, Lourdes S. Machado e Leonel Vallandro.

CHATEAUBRIAND, François-René. *Atala-René-Les aventures du dernier Abencérage*. Paris: Garnier, 1958. Intr. de Fernand Letessier.

CHRISTIANSEN, Rupert. *Paris Babilônia: a capital francesa nos tempos da Comuna*. São Paulo: Record, 1994. Trad. de Valéria Rodrigues.

CONSTANTIN, Émile. Anotações manuscritas das aulas de Saussure. Genebra: Biblioteca Pública e Universitária, caixa Ms. Fr. 3972.

COSERIU, Eugenio. “*Sulla tipologia linguistica di Wilhelm von Humboldt. Contributo alla critica della tradizione linguistica*”. LINGUA E STILO 2. 1973: p. 235-265. Trad. de Giulia Cantarutti.

\_\_\_\_\_. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

\_\_\_\_\_. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.



\_\_\_\_\_. *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro/São Paulo: Pre-sença/ EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Trad. de Luís Carlos Borges.

\_\_\_\_\_. *O lado oculto da Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Trad. de Denise Bottmann.

DAUMARD, Adeline. *Os Burgueses e a Burguesia na França*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Trad. de Antonio Padua Danesi.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Trad. de Paulo Neves.

\_\_\_\_\_. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Trad. de Eduardo Brandão.

\_\_\_\_\_. *Sociologia e Filosofia*. São Paulo: Forense, 1970. Trad. de J. M. de Toledo Ca-margo.

FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. São Paulo: Ática, 1991.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Abril, 1979. Trad. de Araújo Nabuco.

GÉRARD, René. *L'Orient et la pensée romantique allemande*. Paris: Didier, 1963.

GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Droz, 1969.

GOETHE, J. W. G. von. *Fausto*. Rio de Janeiro: Agir, 1968. Trad. e pref. de Sílvio Meira.

GOMBRICH, E. H. *História da arte*. São Paulo: Círculo do Livro, 1972. Trad. de Álvaro Cabral.

*Grande Enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro: Delta, 1978.

HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções. Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. Trad. de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel.

HOFFMANN, E.T.A. *Princesse Brambilla*. Paris: Phébus, 1980. Intr. e trad. de André Espau de la Maëstre, pref. de Stefan Zweig.

\_\_\_\_\_. *Trois contes*. Paris, Aubier, 1947. Trad. e apres. de Geneviève Bianquis.

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. São Paulo: Perspectiva, 1988. Coleção Elos.

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas - Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular*. Barcelona: Anagrama, 1972. Trad. de Carmen Artal.

\_\_\_\_\_. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona: Anthropos, 1990. Trad. y pró-logo de Ana Agud.

\_\_\_\_\_. *Escritos políticos*. México: Fondo Económico de Cultura, 1943. Trad. de Wen-ceslao Roces.

\_\_\_\_\_. *Estudios comparativos de las lenguas*. Buenos Aires: Instituto de Filología, s.d.

\_\_\_\_\_. *De l'origine des formes grammaticales et de leur influence sur le développement des idées*. Paris: A. Franck, 1859. Trad. de Alfred Tonnellé.

\_\_\_\_\_. *Cuatro ensayos sobre España y América*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1951. Trad. de Miguel de Unamuno e Justo Garate.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Civitá, 1983. Trad. de Valeiro Rohden e Udo Baldur Moosburger.

KNOLL, Joachin H. *Wilhelm von Humboldt - L'homme politique et le pédagogue*. Paris: Internationes, 1967.

LAGARDE, André & MICHARD, Laurent. *XIX<sup>e</sup> Siècle: les grands auteurs français du programme*. Paris: Bordas, 1962.

LANGENBUCHER, Wolfgang & HILZINGER, Harro (Org.). *Antologia humanística alemã*. Porto Alegre: Globo, 1972.

LOBO, L. (Org.). *Teorias poéticas do Romantismo*. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.

LOCKE, John. *Morale et loi naturelle*. Paris: Vrin, 1990. Trad. de Jean-Fabien Spitez.

\_\_\_\_\_. *Essai philosophique concernant l'entendement humain*. Paris: Renaissance, s.d. Trad. de Gonzague Truc.

MALMBERG, Bertil. *Histoire de la linguistique de Sumer à Saussure*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

MALET & ISAAC (org.). *La Naissance du Monde moderne 1848-1914*. Paris: Hachette, 1961.

MATTOSO Câmara Jr., Joaquim. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

MOUNIN, Georges. *Saussure ou le structuraliste sans le savoir*. Paris: Seghers, 1968.

MUSÉE CARNAVALET. *La Vie parisienne à l'époque romantique*. Paris: Payot, 1931.

PADOVANI, Humberto & CASTAGNOLA, Luís. *História da Filosofia*. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

SAINT-PIERRE, Bernardin de. *Paul et Virginie*. Paris: Brodard et Taupin, 1984.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bailly & Albert Sechehaye et avec la collaboration de Albert Riedlinger. Paris: Payot, 1931. 1<sup>a</sup> ed. 1916

\_\_\_\_\_. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995, 18<sup>a</sup> ed. Trad. de Antô-nio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

\_\_\_\_\_. *Cours de linguistique générale. Édition critique par Rudolf Engler*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968, tomo 1.

\_\_\_\_\_. *Cours de linguistique générale. Édition critique par Tulio de Mauro*. Paris: Payot, 1972.

\_\_\_\_\_. *Troisième Cours de linguistique générale, d'après le cahier d'Émile Constantin*. Edited and translated by Eisuke Komatsu & Roy Harris. Tokio: Pergamon, 1993.

\_\_\_\_\_. *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*. Genève: Jules-Guillaume Fick, 1881.

\_\_\_\_\_. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Genève: Société Anonyme des Éditions Sonor, 1922.

SCHLEICHER, August. *Les Langues de l'Europe moderne*. Paris: Garnier, 1852.

SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1992. Trad. de Roberto Schwarz.

\_\_\_\_\_. *Maria Stuart*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955. Trad. e pref. de Manuel Bandeira.

\_\_\_\_\_. *Poesia ingênua e sentimental*. São Paulo: Iluminuras, 1991. Trad. de Márcio Suzuki.

\_\_\_\_\_. *Sobre la gracia y la dignidad. Sobre poesia ingenua y poesia sentimental y una polemica Kant, Schiller, Goethe, Hegel*. Barcelona: Icaria, 1985. Trad. de Juan Probst y Raimundo Lida.

SEIGNOBOS, Charles. *História comparada dos povos da Europa*. São Paulo: José Olympio, 1945. Trad. de Vivaldo Coaracy.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. São Paulo: Nova Cultural, 1985. Trad. de Luiz João Baraúna.

STAËL, Madame de. *De l'Allemagne*. Paris: Garnier, 1968.

STAROBINSKI, Jean. *Les Mots sous les mots: les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard, 1971.

STAUB, Augustinus. *Hermann Paul, F. de Saussure e K. Bühler na lingüística moderna*. Brasília: Thesaurus, 1981.

STENDHAL. *Le Rouge et le Noir*. Paris: Garnier, 1964.

STEPHAN, Inge & STEIN, Peter. "O período da Arte (*Kunstperiode*)". In: BEUTIN, Wolfgang (Org.). *História da literatura alemã: das origens ao Vormärz*, p. 236-312.

TODOROV, Tzvetan. *Teorias do símbolo*. Lisboa: Edições 70, s.d.

WHITNEY, William Dwight. *La Vie du langage*. Paris: Germer Baillière, 1880.

\_\_\_\_\_. *Sanskrit Grammar*. Delhi, Motilal Banarsidass, 1977.

\_\_\_\_\_. *The life and growth of language: an outline of Linguistic science*. New York: Appleton, 1892.

WOLFF, Christian. *Le Philosophe-roi et le roi-philosophe et La Théorie des affaires publiques*. Paris: Vrin, 1985. Trad. de Jean Deschamps.

<b>Título</b>	Aspectos historiográficos-linguísticos no século XIX: Humboldt, Whitney e Saussure
<b>Autor</b>	Sebastião Elias Milani
<b>Coordenação Editorial</b>	Elisa Santoro
<b>Capa e Projeto Gráfico</b>	Matheus de Alexandro
<b>Preparação</b>	Kátia Ayache
<b>Revisão</b>	Bruna Scarelli
<b>Formato</b>	14 x 21 cm
<b>Número de Páginas</b>	160
<b>Tipografia</b>	Lífe BT
<b>Papel</b>	Alta Alvura Alcalino 75g/m <sup>2</sup>
<b>Impressão</b>	Prol Gráfica
<b>1ª Edição</b>	Dezembro de 2011

---

Caro Leitor,

Esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Compartilhe conosco suas dúvidas e sugestões escrevendo para:

[autor@pacoeditorial.com.br](mailto:autor@pacoeditorial.com.br)

---

Compre outros títulos em  
[WWW.LIVRARIADAPACO.COM.BR](http://WWW.LIVRARIADAPACO.COM.BR)

PACO  EDITORIAL

Rua 23 de Maio, 542 - Piso Superior  
Vianelo - Jundiaí-SP - 13207-070  
11 4521-6315 | 2449-0740  
[contato@editorialpaco.com.br](mailto:contato@editorialpaco.com.br)